



Revista 2014 • maio

CULTURA E EXTENSÃO USP

11

USP  1934 2014

 PRCEU

Revista

2014 • maio • volume 11

CULTURA E EXTENSÃO USP



Presença em diretórios e bases de dados: Catálogo Latindex (www.latindex.unam.mx) e Portal Periódicos Capes (www.periodicos.capes.gov.br)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor

Prof. Dr. Marco Antonio Zago

Vice-Reitor

Prof. Dr. Vahan Agopyan

Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária

Prof. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Pró-Reitor de Graduação

Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Pró-Reitora de Pós-Graduação

Prof. Dra. Bernadette Dora Gombossy de Melo Franco

Pró-Reitor de Pesquisa

Prof. Dr. José Eduardo Krieger

PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária

Prof. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Pró-Reitor Adjunto de Cultura

Prof. Dr. João Marcos de Almeida Lopes

Pró-Reitor Adjunto de Extensão

Prof. Dr. Moacyr Ayres Novaes Filho

Assessor Técnico de Gabinete

Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho

Assessor Técnico de Gabinete

Prof. Dr. Rubens Beçak

Assistente Técnico do Gabinete

Cecílio de Souza

Assistente Técnico do Gabinete

Eduardo Alves

Chefe da Divisão de Comunicação Institucional

Irany Emidio

Chefe da Divisão de Ação Cultural

Juliana Maria Costa

Chefe da Divisão Acadêmica

Sandra Lara

Chefe da Divisão Administrativa e Financeira

Valdir Previde

COMISSÃO EDITORIAL

Editora Responsável

Prof. Dra. Diana Helena de Benedetto Pozzi

Editores Associados

Prof. Dr. Ferdinando Crepaldi Martins

Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho

Prof. Dr. José Tavares Correia de Lira

Prof. Dra. Marina Mitiyo Yamamoto

Prof. Dr. Waldenyr Caldas

Assistente Editorial

Verônica Cristo

Repórteres

Gustavo Sumares

Marina Salles Teixeira

Universidade de São Paulo. Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária

Revista de Cultura e Extensão USP/
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da
Universidade de São Paulo. – N. 1 (jun./jul. 2009)
- São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, Pró-
Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, 2009-

Semestral.

ISSN 2175-6805 (versão impressa);

ISSN 2316-9060 (versão online)

1. Cultura. 2. Extensão. 3. Revista. I. Título

REVISTA CULTURA E EXTENSÃO USP

Rua da Reitoria, 374, 2º andar

Cidade Universitária – São Paulo-SP – 05508-220

Serviço de Produção Editorial: (11) 2648-0495

prceu.usp.br/revista – revistacultext@usp.br

Sumário

Contents

5 EDITORIAL

EDITORIAL

WALDENYR CALDAS

ENTREVISTAS

INTERVIEWS

11 O Futuro da “Terceira Missão” da USP

Future of “Third Mission” of USP

entrevista com MARCO ANTONIO ZAGO por VERÔNICA CRISTO e GUSTAVO SUMARES

19 Cidadania, Privacidade e Vigilância no Mundo Virtual

Citizenship, Privacy and Surveillance in the Virtual World

entrevista com JORGE ALBERTO SILVA MACHADO por GUSTAVO SUMARES

REPORTAGENS

ARTICLES

29 Nossos Últimos 80 Anos

Our Last 80 Years

GUSTAVO SUMARES

39 Intercâmbio Cultural Aproxima Brasil e México

Cultural Exchange Approximates Brazil and Mexico

MARINA SALLES

ARTIGOS

ARTICLES

51 A Experimentoteca do Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC-USP): 30 Anos de Contribuições ao Ensino de Ciências

Experimentoteca of the Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC-USP):

30 Years Contributing to Science Teaching

RAFAEL CAVA MORI

ANTONIO APRIGIO DA SILVA CURVELO

- 65** Cinema e Vídeo em Escolas da Rede Pública de São Paulo:
Experiência de Ensino e Aprendizagem
Cinema and Video in Public Schools of São Paulo: Experience of Teaching and Learning
ANDRÉ MANFRIM ET AL
- 75** A Cidade Olímpica de Piraju (SP) – Interface entre o Jornalismo Esportivo, o
Meio Ambiente e a Canoagem
The Olympic City Of Piraju (SP) – Interface between Sports Journalism, Environment and Canoeing
LUCIANO VICTOR BARROS MALULY
- 87** O Centro de Documentação e Memória da Mogiana: Extensão Universitária
e Gestão de Documentos Históricos do Período Cafeeiro
The Centro de Documentação e Memória da Mogiana: University Extension and Management of
Historical Documents of the Coffee Period
SILVIA MARIA DO ESPÍRITO SANTO
JEAM HAROLDO OLIVEIRA BARBOSA
JULIANA DAL PONTE TIVERON
- 99** Rede de Sustentação do PACTO: Acompanhando Percursos e
Agenciamentos no Território da Cultura
PACTO's Support Network: Following Pathways and Assemblages within the Cultural Territory
BÁRBARA HARUMI ET AL
- 113** Animais Solidários: A Zooterapia como Extensão Universitária para Idosos
Institucionalizados
Solidary Animals: The Zootherapy as University Extension to Institutionalized Elders
GISELE DELA RICCI ET AL
- 123** Projeto Carroceiro FZEA-USP
The FZEA-USP *Cart Horse* Project
DEMÉTRIO IAN CARVALHO DE GODOY ET AL
- 137** INSTRUÇÕES PARA O PREPARO E ENCAMINHAMENTO DOS TRABALHOS
INSTRUCTIONS FOR PREPARING AND FORWARDING OF PAPERS

Editorial

Editorial

Ao completar oitenta anos a Universidade de São Paulo tem muito a comemorar. Não apenas pela realização da sua produção científica em benefício do país ao longo da sua história, mas especialmente pelo que ainda tem a contribuir com o nosso desenvolvimento.

O novo reitor da Universidade, Marco Antonio Zago, em entrevista concedida a esta Revista, tratou de questões ligadas às atividades de cultura e extensão da Universidade. Ao substituir esta última expressão por “terceira missão” (as outras duas são educação e pesquisa), nosso reitor destaca “a necessidade de transferir conhecimento e de ajudar a sociedade a vencer seus desafios.” Essa é, portanto, uma das funções da Universidade e, mais do que isso, um dos mais importantes compromissos da universidade pública.

Há que se pensar sobre as transformações pelas quais passa a sociedade brasileira no tocante à sua faixa etária, à redução dos membros da família, na importância cada vez maior da tecnologia em todo esse processo, entre outros aspectos. Devemos, ainda, sempre pensar no papel e na contribuição da Universidade nesse contexto. É para este universo de mudanças que se concentram as reflexões do reitor, destacando que este é um trabalho do qual trata a “terceira missão”.

Pois bem, este desejo de proximidade cada vez maior entre sociedade e Universidade tem estado amiúde nos planos das autoridades acadêmicas. Estar sempre próximo da sociedade é a melhor forma de interpretá-la e de perceber suas demandas com maior sensibilidade e precisão. É nessa dinâmica, portanto, que reside a essência do trabalho de extensão da Universidade e que, como diz o reitor, “tradicionalmente, em locais do mundo todo, vem sendo chamada de ‘terceira missão’”.

Nossa segunda entrevista trata de um tema voltado para o mundo virtual. O professor Jorge Alberto Machado analisa questões que passam pelos direitos fundamentais do cidadão, como a invasão da privacidade e a vigilância clandestina, que se instalou em dimensões planetárias, criando um grau extremo

WALDENYR CALDAS

Universidade de São Paulo.
Escola de Comunicações e
Artes, São Paulo, Brasil

de insegurança naquelas pessoas que navegam pela internet.

Sobre esse aspecto, recentemente, no dia 25 de março de 2014, a Câmara dos Deputados aprovou o projeto conhecido por “Marco Civil”. Quase um mês depois, no dia 23 de abril deste mesmo ano, a presidenta Dilma sancionou o texto também aprovado pelo Senado, tornando-se finalmente uma lei federal. Trata-se de uma legislação muito bem recebida pela sociedade. Ela cria mecanismos de proteção ao usuário, mas avança ainda mais. Contraria interesses econômicos poderosos ao garantir direitos fundamentais do cidadão.

Em outros termos, este projeto anula o caráter essencialmente mercantil que se dava à comunicação digital até então. Para o capital, como se sabe, ela tinha função meramente mercadológica. Há que se destacar a importância da participação popular em todo esse processo de aprovação no Congresso Nacional. Tudo isso só foi possível em face da intensa mobilização e participação de organizações da sociedade civil para que o projeto fosse reiterado pelo Poder Legislativo. Enfim, devemos reconhecer, foi uma vitória de todas as pessoas que lutam pelo direito e as liberdades democráticas.

Vamos ainda encontrar neste número, a reportagem intitulada *Nossos últimos 80 anos*, uma bem sucedida matéria de Gustavo Sumares sobre a memória da USP. Com um trabalho que funde texto e imagens fotográficas, algumas delas bastante raras, o autor vai descrevendo e comentando instituições uspianas, cuja memória guarda partes significativas não só da própria fundação da Universidade de São Paulo, mas também de seu passado recente. É o caso, por exemplo, da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP) que tem recolhido depoimentos de profissionais que podem contribuir com a memória dessa Escola.

A segunda reportagem diz respeito ao intercâmbio cultural firmado entre Brasil e México, por iniciativa da PRCEU-USP. Trata-se de uma proposta voltada essencialmente para o teatro universitário. Como diz o próprio texto, “o projeto resultou, especialmente, na produção de dois espetáculos, apresentados tanto no Brasil como no México, montado por grupos de alunos dos dois países e acompanhados de um diretor mexicano e de um diretor brasileiro.” Em entrevista concedida a esta Revista, o professor Ferdinando Martins, responsável pela parte brasileira do intercâmbio, acrescenta que “nosso objetivo é trabalhar com os estudantes visando uma continuidade de ações que possa desenvolver a própria área de artes cênicas nas duas Universidades”.

No mais, o leitor encontra, ainda nesse número, sete ensaios que selecionamos com temas transdisciplinares, cujo elemento conector vai exatamente ao encontro da proposta editorial da Revista Cultura e Extensão USP. Intencionalmente, resolvemos não comentar esses ensaios. A conexão entre eles, o próprio leitor poderá fazer no decorrer da sua leitura. Este é, aliás, um dos motivos de se manter o caráter multidisciplinar da Revista.

WALDENYR CALDAS professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e editor associado da Revista Cultura e Extensão USP – e-mail: waldenyr@usp.br

ENTREVISTAS interviews



Alfredo Volpi

Carrinho de Sorvete

Coleção MAC-USP

Ano: 1953

Obra que faz parte da exposição
Os Volpis do MAC, em cartaz até
julho no MAC-USP Nova Sede.

O Futuro da “Terceira Missão” da USP

Future of “Third Mission” of USP

No dia 25 de janeiro deste ano, o professor Marco Antonio Zago foi empossado como novo reitor da Universidade de São Paulo após uma campanha que discutiu, entre outros tópicos, uma ampla reforma da graduação. Ao assumir o cargo, o novo reitor se tornou responsável também por uma enorme variedade de órgãos e programas culturais e de extensão.

A área de cultura e extensão da USP é extremamente ampla. Sob a guarda da Universidade estão, por exemplo, quatro museus estatutários, que recebem mais de 1,1 milhão de visitantes por ano, além de contar com orquestra sinfônica, teatro, cinema e outros aparelhos culturais.

Além disso, a USP disponibiliza quase mil cursos extracurriculares, além de ser responsável por gerenciar importantes programas de extensão como *Universidade Aberta à Terceira Idade* e *USP e as Profissões*, que atraem milhares de participantes todos os anos.

A *Revista Cultura e Extensão USP* conversou com o novo reitor para conhecer suas propostas para essa área.

VERÔNICA CRISTO

Universidade de São Paulo.
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, São Paulo, Brasil

GUSTAVO SUMARES

Universidade de São Paulo.
Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, Brasil



MARCO ANTONIO ZAGO

é professor titular da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e reitor da Universidade de São Paulo.

Revista Cultura e Extensão USP – *Qual é, em sua opinião, a importância da área de cultura e extensão?*

Marco Antonio Zago – A área de cultura e extensão, na verdade, inclui dois aspectos diversos. Vamos começar pelo que chamamos de extensão, que, na USP, tradicionalmente, e em locais no mundo todo, vem sendo chamada de “terceira missão” da universidade, entendendo que as duas missões clássicas são a educação, ou seja, a de formar pessoas, e a criação, isto é, a pesquisa, a crítica da pesquisa e a crítica do conhecimento.

Estes são os dois componentes clássicos da universidade que, por suas características, são transnacionais, isto é, valem no Brasil, na Arábia Saudita, na França, na China e em qualquer lugar do mundo e dizem respeito à criação e crítica do conhecimento e à chamada investigação científica. Por outro lado, a “terceira missão” é vinculada à vida local da universidade, tendo uma ligação direta com a cidade, a região, o estado onde a universidade está localizada. Trata-se, portanto, da necessidade de transferir conhecimento e de ajudar a sociedade a vencer seus desafios. Hoje, nossa sociedade está mudando muito e a tecnologia tem um peso cada vez maior. O perfil da sociedade também está mudando, inclusive o perfil etário. Éramos uma sociedade de jovens, tínhamos uma quantidade muito grande de crianças e adolescentes, a expectativa de vida média do cidadão era relativamente pequena e, as famílias, muito grandes. Agora, isso tudo desapareceu. Temos uma população de famílias menores e a sobrevivência dos cidadãos é muito alta. Como consequência, estamos mudando para uma sociedade de pessoas maduras, com a tendência de nos tornarmos uma sociedade de pessoas velhas. Isso altera completamente a dinâmica social e a universidade pode e deve participar, contribuindo para ajudá-la nesse processo. É disso que trata a extensão ou a “terceira missão”.

A cultura é uma área diferente, embora, na USP, faça parte da mesma Pró-Reitoria. A cultura é um aspecto fundamental e permanente da sociedade. Tem particularidades conforme a região ou o povo. Na verdade, o que aprendemos é que, em

cada região, há a convivência de múltiplos padrões culturais. O Brasil é o exemplo clássico e típico da sociedade multicultural. A cultura abrange o universo artístico, de criação e crítica artística. Uma de nossas missões é ajudar na preservação, na compreensão e na transmissão da cultura.

RCE – *Na área de extensão há um número muito grande de atividades, desde os cursos de extensão e de formação profissional até ações e projetos junto à comunidade. Como lidar com essa variedade?*

MAZ – Todas essas atividades visam trazer a competência da Universidade para ajudar a resolver problemas da sociedade. Em contraposição aos nossos cursos de graduação, que devem ter uma abordagem muito mais ampla, os cursos de extensão devem atender demandas específicas, para as quais temos competência. Essa é uma maneira de a Universidade fazer a sua “terceira missão”.

RCE – *O que a USP pode ganhar com essa maior integração com a sociedade?*

MAZ – O que a USP ganha de mais importante com essa integração é tornar suas atividades mais realistas. A Universidade precisa, em muitos aspectos, de certo afastamento para ser capaz de fazer uma análise mais distanciada e imparcial, principalmente quando falamos de sua produção acadêmica. Por outro lado, precisa de proximidade com a sociedade quando falamos de seus cursos de graduação, porque deve entender quais são as necessidades da sociedade para contemplá-las em seus cursos. E, também, tendo proximidade com a sociedade, a Universidade percebe aspectos da vida atual que podem ser relevantes para o pensamento crítico. É uma maneira de acompanhar, de se informar sobre o que ocorre com a sociedade, pois, caso contrário, teríamos uma vida muito separada, isolada.

RCE – *Um dos pilares da sua campanha foi o de fortalecer as relações da USP com a sociedade e com a própria comunidade acadêmica. Em sua opinião, que papel a extensão universitária pode ter nessa proposta?*

MAZ – A extensão é uma das formas mais diretas

de a Universidade interagir com a sociedade. Outra é a formação de pessoal, isto é, a educação: a Universidade tem a missão central de formar as novas gerações. Mas a missão de interagir diretamente com a sociedade, levando soluções para os problemas que surgem com a rápida mudança do mundo, é também uma função extremamente importante. Quando se faz a pesquisa acadêmica e se dá formato para essa pesquisa, o resultado pode ser a publicação de um artigo em uma revista científica, um livro ou uma patente. São resultados que atingem a sociedade de maneira indireta. Em geral, há um tempo maior para que os resultados de uma pesquisa façam o seu efeito. E, às vezes, uma única ação não tem um efeito evidente. Com a publicação de artigos, por exemplo, constrói-se o conhecimento científico, em pequenos blocos, que vão se adicionando uns aos outros, às vezes, até mesmo contradizendo o que já foi dito. É assim mesmo que tem que ser. Quanto mais preliminar for o trabalho produzido, mais tempo suas aplicações na sociedade demorarão a vir à tona. O teste de um novo medicamento, ou seja, um trabalho aplicado, pode ocasionar uma resposta positiva ou negativa; sendo positiva, este medicamento logo começa a ser usado. Por outro lado, um trabalho que trata de determinada reação celular não será imediatamente visto em aplicação, mas vai ser acrescentado ao arquivo de conhecimento da humanidade, podendo aparecer cinco ou dez anos depois, quando a ciência de tal reação celular servir para produzir um novo medicamento.

Todas essas são formas válidas e necessárias de construção do conhecimento. Alguns resultados aparecem no dia seguinte na prateleira da farmácia e outros vão demorar de dez a quinze anos para fazer seu efeito. Essa é a dinâmica da construção do conhecimento científico. É diferente da extensão. A extensão leva um conhecimento que está disponível na Universidade para aplicação imediata na sociedade.

“UMA DAS MISSÕES IMPORTANTES DA UNIVERSIDADE É A PRESERVAÇÃO E ANÁLISE CRÍTICA DA CULTURA. A CULTURA TEM QUE FAZER PARTE MAIS ATIVA DA VIDA UNIVERSITÁRIA. NO PASSADO, A USP FOI UM FOCO IMPORTANTE DE CRIAÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA. ISSO PRECISA SER RECUPERADO.”

RCE – *Como podemos integrar as áreas de ensino, pesquisa e extensão?*

MAZ – Creio que a integração deve resultar da relação natural entre esses campos. Mas, muitas vezes, fazemos o inverso: segmentamos áreas que são naturalmente integradas. Para facilitar a gestão, dividimos as atividades-fim da Universidade e as colocamos em quatro Pró-Reitorias distintas, para que cada uma tome conta de um aspecto. Nossa ação não deve parecer segmentada para a sociedade, e quando isso começa a acontecer é sinal de que estamos falhando em algo. Entendo que é preciso dividir, pois não se pode fazer tudo unitariamente. Não é possível à Reitoria realizar todas as atividades ao mesmo tempo, assim ela se divide em grupos de atividades e dispõe de um pró-reitor de graduação, que coordena principalmente os aspectos de organização de cursos e de currículos; um de pós-graduação, um de pesquisa e um de cultura e extensão. A população observa isso como um todo e, para tanto, temos de adotar medidas para que as quatro Pró-Reitorias trabalhem de forma mais integrada, o que é perfeitamente possível.

RCE – *Em uma eventual reformulação da graduação, não seria o caso tentar incorporar melhor as ações de extensão universitária?*

MAZ – Certamente. Isso é essencial. De certa forma, nós já temos programas que nos permitem fazer isso, mas não o fazemos com a intensidade adequada. Devemos entender que, para o ensino de graduação, as atividades fora da grade de disciplinas também fazem parte da formação do aluno. Elas não são secundárias ou periféricas, podendo se tornar, inclusive, o principal elemento da formação universitária. Um programa de iniciação científica, por exemplo, é parte do ensino de graduação. Nele, o aluno identifica um tema, verifica o que já foi dito sobre ele, propõe uma pergunta e tenta resolvê-la para, finalmente, apresentar uma

solução. Cito um tema científico, mas pode-se falar de um tema que corresponde a uma necessidade da sociedade, por exemplo, um programa de uso racional de água, que é de extensão. Então, o espectro de atividades é muito grande, mas o princípio é o mesmo: fazer o aluno resolver problemas. Se ele aprende a resolver problemas, seja de natureza científica ou tecnológica, ele está fazendo educação. Essa é uma das maneiras de integrar a extensão ao ensino universitário.

Existe o componente da cultura, que também precisa ser integrado. Uma das missões importantes da Universidade é a preservação e análise crítica da cultura, a qual tem que fazer parte mais ativa da vida universitária. No passado, a USP foi um foco importante de criação de cultura brasileira. Isso precisa ser recuperado.

RCE – *Dentro da diversidade de atividades da área de cultura e extensão, há também o ensino a distância. Quais são seus planos para essa área?*

MAZ – No ensino a distância, há um componente de uso de tecnologia que deve ser incorporado ao nosso ensino tradicional de graduação e que vai ser administrado pela Pró-Reitoria de Graduação. Outro ponto são os cursos universitários a distância, que assumiram grande proporção em muitas universidades no mundo todo e que representam um formato de abertura da universidade para a população que a USP, até o momento, entendeu que não era sua missão principal. E, de fato, no estado de São Paulo, o governo criou uma entidade própria para tratar dessa questão, a UNIVESP [Universidade Virtual do Estado de São Paulo]. O grande esforço de termos uma massa de cidadãos “frequentando” a universidade através de um curso universitário a distância será feito predominantemente pela Univesp. A USP, a Unicamp e a Unesp vão contribuir para esse esforço, gerando material e colocando seus professores à disposição.

Mas essa não será a nossa missão central.

Finalmente, há a questão dos cursos de extensão e de especialização. Nesses cursos, devemos usar todas as tecnologias disponíveis. O uso mais intensivo dessas tecnologias digitais vai possibilitar que a USP amplie sua contribuição. No ano passado, tivemos mais de 50 mil pessoas participando desses cursos na Universidade. É um número impressionante. Com o uso mais intensivo das tecnologias digitais, nós podemos ampliar esse número e, assim, dar acesso a uma parcela muito maior da população à *expertise* que existe na USP.

RCE – *As linhas de financiamento foram uma das marcas da gestão passada. Na Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, por exemplo, temos o Programa de Editais, o programa Aprender com Cultura e Extensão e as linhas de fomento às iniciativas de cultura e extensão.*

MAZ – Foram mesmo, porque, de certa forma, organizaram e deram uma cara própria à Pró-Reitoria, tornando claras quais são as suas linhas de atividade e de que forma promovem a cultura e a extensão na USP. Antes, alguém de fora não seria capaz de des-

crever com clareza qual era a cara da Pró-Reitoria, mas agora nós sabemos. Só de olhar os programas e as linhas de apoio, os editais, nós sabemos o que a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária faz. Então, foi realmente um progresso.

RCE – *Na área da cultura, a USP tem sob a sua guarda acervos museológicos e documentais muito ricos. O MAC e o Museu Paulista, dois dos museus mais famosos de São Paulo, estão sob administração da USP, por exemplo. Quais são os seus planos para a área de acervos e museus?*

MAZ – Os planos, de um modo geral, são fazer com que os museus e seus acervos sejam plenamente acessíveis à população. Em segundo lugar, esses museus, por serem ligados à Universidade,

têm características diferentes de outros museus do mundo e, portanto, precisam ser centros de pesquisa, de criação e de formação de pessoal, sem perder a característica de museus. Museus não são, em princípio, locais que precisam originar cursos de graduação, mas são lugares excepcionalmente adequados para receber pesquisadores.

Por exemplo, no ano passado, as três Pró-Reitorias (de Pesquisa, de Pós-Graduação e de Cultura e Extensão Universitária) criaram um programa para abrir os acervos dos nossos museus a alunos de doutorado ou de pós-doutorado de qualquer lugar do mundo, pois se tratam de locais bastante procurados pelos pesquisadores. Então, essas são as duas diretrizes básicas: abrir o máximo possível o museu ao público e oferecer os museus como centros de pesquisa e de formação de pessoal.

Dar acesso ao museu à sociedade é um passo importante, que deve ser complementado com programas que promovam essa ação. Não se trata simplesmente de abrir o museu, mas promover exposições que possam ser anunciadas e que permitam envolver, por exemplo, escolas de ensino básico e, ao mesmo tempo, os nossos alunos. Isso porque grande parte dos alunos da USP passa pela Universidade sem nunca sequer ter visitado um de seus museus, quanto mais ter aproveitado, de fato, essa convivência cultural. Isso é fundamental. Nessa área, temos ainda um problema que precisa ser solucionado: a questão do Museu Paulista. Do ponto de vista de estrutura física, ele sofreu muito ao longo dos décadas, e agora chegou o momento em que ele está fechado para visitação pública. Nós temos que tomar medidas para reverter esse quadro, porque esse museu é um patrimônio do país.

RCE – No ano passado, a Pró-Reitoria inaugurou a Tenda Cultural Ortega y Gasset, que tem como objetivo ser um espaço de integração da comunidade universitária. Como o senhor avalia iniciativas como esta?

MAZ – Isso é necessário, porque temos poucos espaços de integração. A Cidade Universitária, por mais interessante e bonita que seja, oferece poucos locais que permitem essa reunião. Amanhã eu estarei na Tenda para me encontrar com os alunos e com os calouros que estão chegando. Haverá uma conversa do reitor com os estudantes [Zago participou da mesa de abertura da *Calourada Unificada*, organizada pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) durante a *Semana de Recepção aos Calouros*, no dia 19 de fevereiro]. Então, a Tenda está começando a fazer esse papel.

RCE – Em 2012 e 2013, a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão lançou o Programa de Editais, voltado para tratamento de acervos. Chamou a atenção a participação das unidades de ensino da USP, que contam com acervos de grande relevância para a memória da Universidade. Em duas edições, por exemplo, foram mais de 300 projetos apresentados, de toda a USP. Como o senhor avalia as iniciativas de financiamento desse tipo?

MAZ – É uma iniciativa muito boa, que, de certa forma, renovou a Universidade e, particularmente, no que diz respeito à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, renovou seus métodos e abordagens. Portanto, é algo que, dentro do possível, nós queremos preservar. Conceitualmente, é muito bom. Nós temos, no momento, que realinhar o uso de recursos dentro da Universidade, que está com o orçamento muito apertado. Precisamos de certa pausa para tomar fôlego e recuperarmos nossa saúde financeira. Mas, não há nenhuma dúvida de que essa iniciativa recente da Pró-Reitoria, particularmente da professora Maria Arminda, foi muito eficiente, inovadora e com resultados muito bons.

RCE – Os editais tinham uma linha de financiamento de projetos voltados para o resgate, a preservação e a valorização da memória da USP e das unidades. Como o senhor avalia tal investimento?

MAZ – Estou perfeitamente de acordo. O que temos do passado é muito fragmentado. Por exemplo, no último dia 11 de fevereiro foi realizada a primeira reunião do Conselho Universitário deste ano e a primeira da gestão. E, no dia 17 de fevereiro, foram comemorados os 80 anos da primeira reunião do Conselho Universitário, que aconteceu em 1934 na sala da Congregação da Faculdade de Medicina, que já estava instalada. Nós não temos registro fotográfico dessa reunião, mas temos a ata manuscrita. Então, na reunião do dia 11, o secretário geral da Universidade, Ignácio Poveda, providenciou uma vitrine em que foi exposta a ata original, como uma “fotografia imaginária”, com os diferentes personagens da reunião, como se eles estivessem reunidos em uma sala. Também foi exibida a fotografia da segunda reunião, em junho daquele ano, quando foi empossado o primeiro reitor, Reynaldo Porchat.

Como eu já mencionei, é muito fragmentário o que temos daquela época. Também pedimos, nessa reunião do dia 11, que o professor Carlos Guilherme Mota [professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP) e primeiro diretor do Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP)] fizesse uma palestra sobre o assunto, que está publicada no site do IEA, e eu recomendo que leiam, porque ele foi muito feliz ao tratar não só do ato da reunião em si, mas de tudo aquilo que a cercou e das personalidades que lá estavam, como Fernando de Azevedo [educador, sociólogo, administrador e jornalista que redigiu o anteprojeto e o projeto de decreto-lei que instituiu a USP em 1934], recriando, de certa forma, o momento da criação da USP. Temos uma lacuna grande de documentação desse tipo, e hoje, que temos tecnologia disponível, vejo que não coletamos adequadamente a informação que vai servir de memória para daqui a 50 ou 100 anos. E, para aqueles que vão fazer análise do nosso passado, é muito importante ter o material primário em que possam basear suas conclusões. Caso contrário, fica sempre o mito.

VERÔNICA CRISTO *bacharel em Relações Públicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e assistente editorial da Revista Cultura e Extensão USP – e-mail: veronica.cristo@usp.br*

GUSTAVO SUMARES *graduando em Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e repórter da Revista Cultura e Extensão USP – e-mail: gsumares@gmail.com*

Cidadania, Privacidade e Vigilância no Mundo Virtual

Citizenship, Privacy and Surveillance in the Virtual World

2013 foi um ano marcante para a história da internet. As revelações de Edward Snowden sobre os programas de espionagem virtual da National Security Agency (NSA) dos Estados Unidos jogaram luz sobre um aspecto bastante desconcertante da nossa vida virtual: toda a nossa atividade na internet pode estar sendo monitorada e armazenada em algum servidor, em algum lugar, e essas informações sobre nossos hábitos online podem vir a ser usadas contra nós algum dia.

Além disso, foi também um ano marcado pelas discussões sobre o Marco Civil da Internet, projeto de lei do poder executivo, redigido coletivamente através de um blog, que tem como objetivo regular o uso da internet e a atuação das operadoras de telecomunicações, estabelecendo princípios para o funcionamento da rede.

O professor doutor Jorge Alberto Silva Machado leciona no curso de Gestão de Políticas Públicas da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH-USP), é docente colaborador do *Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Informação* da USP e um dos coordenadores do *Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação* (GPOPPI). Ele conversou conosco sobre o potencial político da internet, as ameaças à sua neutralidade e sobre como podemos proteger nossas informações pessoais num ambiente tão fortemente vigiado quanto a internet.

GUSTAVO SUMARES

Universidade de São Paulo.
Escola de Comunicações e
Artes, São Paulo, Brasil



**JORGE ALBERTO SILVA
MACHADO**

é professor doutor da Escola
de Artes, Ciências e Huma-
nidades da Universidade de
São Paulo

Revista Cultura e Extensão USP – *Como a internet pode contribuir para a vida política das pessoas?*

Jorge Machado – Acho que a internet permite mais transparência, permite que as pessoas se conectem e possam trocar ideias em função de seus interesses: é um espaço público de formação de opinião muito importante, que não havia antes. E já ganhou tal dimensão como meio livre e aberto que a própria imprensa tradicional hoje se pauta também pelo que acontece na rede, nas redes sociais, nos blogs e fóruns, então, hoje a internet tem uma importância fundamental. Mas nós ainda não vimos todo o impacto que ela pode ter porque boa parte da população ainda não está conectada, ou não está bem conectada (tem uma conexão muito ruim, o que proporciona outra experiência de navegação). Mas o potencial é enorme e a gente vê isso nas mobilizações que estão acontecendo por todo o país, até mesmo nos “rolezinhos”, o que revela que a periferia também está usando essa rede.

RCE – *É como se fosse, então, a “praça” onde as pessoas se reúnem para discutir notícias e falar de política?*

JM – Sim, e de certa forma em uma escala muito maior, sem os limites físicos de uma praça. No mundo virtual, as pessoas se reúnem em função de interesses comuns, não apenas por compartilhar um espaço. Assim, o potencial de troca é enorme. Da mesma forma, pode acontecer de você publicar coisas que ninguém vai ler – isso depende de muitos fatores. Mas essa enorme liberdade é algo sempre positivo na rede.

RCE – *Quer dizer, o potencial de ser lido sempre existe, o que não é o caso de um indivíduo que produz de forma isolada.*

JM – Sim, sempre existe. Da rede surgiram muitos escritos e escritores: gente que produz blogs de diferentes assuntos, que acabam repercutindo bastante, pessoas que eram desconhecidas e que hoje falam dos

mais variados temas através de blogs e, com isso, conseguem oportunidades econômicas, profissionais etc. Então é um ambiente inovador, que realmente mudou a forma como as pessoas se comunicam e como a sociedade se organiza política e socialmente.

RCE – *Como o senhor vê a participação da internet na questão, por exemplo, dos “rolezinhos”, ou nas manifestações do ano passado?*

JM – Possivelmente, nada disso aconteceria sem a internet. Ela foi o meio para que isso acontecesse. Antes disso, você tem as marchas: *marcha da marchinha, marcha da liberdade, marcha das vadias*, protestos que foram articulados nas redes sociais, nos fóruns e grupos criados em cada cidade. Então, eu acho que esse é um fenômeno de escopo muito amplo,

que mostra que as redes sociais são ferramentas muito maleáveis. Mas há um fenômeno de concentração da internet: ela já não é a mesma de quando foi criada. Antigamente, havia muitos servidores e as pessoas podiam criar negócios próprios com uma estrutura mínima, havia muita competição; hoje, você tem algumas poucas e grandes plataformas, que são privadas e fechadas. O Facebook é um grande exemplo disso. Essa é uma preocupação que foi crescendo ao longo do tempo e que é quase como um pesadelo que se realiza: as corporações tomando conta da internet, privatizando esse espaço. Outra coisa que pode mudar a cara da internet é a ameaça à neutralidade da rede, que é outra questão que está sendo pouco discutida porque ainda não estamos vendo seus efeitos de forma clara.

RCE – *O que é o princípio de neutralidade da rede?*

JM – Em minha opinião, isso significa que a internet é uma rede *neutra*: os conteúdos que trafegam por ela, não cabe ao provedor de acesso ou à operadora de telefonia dizer quais têm prioridade. Seria como

“ISSO SIGNIFICA QUE A INTERNET É UMA REDE NEUTRA: OS CONTEÚDOS QUE TRAFEGAM POR ELA, NÃO CABE AO PROVEDOR DE ACESSO OU À OPERADORA DE TELEFONIA DIZER QUAIS TÊM PRIORIDADE. SERIA COMO A NOSSA REDE ELÉTRICA: A ELETROPAULO NÃO VAI FALAR QUE VOCÊ NÃO PODE LIGAR O CHUVEIRO, SÓ PODE USAR A GELADEIRA E AS LUZES DA CASA.”

a nossa rede elétrica: a Eletropaulo não vai falar que você não pode ligar o chuveiro, só pode usar a geladeira e as luzes da casa. O novo modelo de negócio que está sendo feito pelas “telecoms” no mundo inteiro é oferecer uma assinatura que possibilita, por exemplo, acesso ao Facebook, mas que não permite acesso a outros sites. Com isso, essas empresas estão interferindo na conexão que o usuário faz. Elas têm um filtro: dependendo do pacote de serviços contratado pelo usuário, ele pode ou não acessar determinados sites. É como se a internet, um dia, se tornasse igual à TV a cabo. E isso não era para acontecer, mas já está acontecendo, e pode ter um efeito nefasto na internet. Essa é a grande preocupação do momento, além da questão da privacidade.

RCE – *Defender o princípio de neutralidade não reforça a questão da anonimidade e da irresponsabilidade de comportamento na internet?*

JM – Isso é uma questão, eu diria, secundária. A primeira questão é a gente pensar a privacidade como um direito humano. O direito à privacidade é um direito fundamental: ninguém pode abrir sua correspondência ou escutar seu telefone sem autorização judicial. Então, as comunicações sigilosas são um padrão. O direito à privacidade é fundamental para a liberdade de expressão, porque se você sabe que as pessoas estão te ouvindo, você não vai falar da mesma maneira como falaria de forma “protegida”, e isso afeta a liberdade de expressão. É algo muito perigoso porque a liberdade de expressão é fundamental num sistema democrático. Se você cria um sistema de vigilância global, você vai causar um impacto muito grande na sociedade nesse sentido. Quanto à questão do anonimato, ele pode ser quebrado no caso de uma pessoa que cometeu algum tipo de delito. Mas você não pode partir do pressuposto de que todas as pessoas são suspeitas. Aí, como padrão, você teria o fim da privacidade para facilitar qualquer tipo de investigação. Muita gente da área de segurança, da polícia,

como não conhece essa discussão [sobre direitos humanos], acha que seria o ideal, porque daí seria muito mais fácil para investigar. Um problema da privacidade também é que a informação sobre o comportamento das pessoas (seus hábitos de navegação, suas preferências) gera um valor econômico que também pode ser empregado pelas empresas. Elas podem cruzar uma série de informações, traçar o perfil do consumidor e vender esse perfil para ajudar na competição de mercado. Por isso, é muito atrativo para as empresas armazenar todo tipo de informação.

RCE – *E os usuários ainda não parecem estar cientes de que essa informação gera valor para as empresas.*

JM – As pessoas não têm noção disso. Elas estão abrindo mão da sua privacidade. Se você for usar o Facebook em um dispositivo móvel, você abre mão de praticamente tudo: o Facebook pode controlar seu dispositivo e ter acesso a mais informações mesmo quando

quando você acessa a rede social através de um navegador. Mas, se você não fizer isso, não consegue usar o aplicativo de uma forma eficiente. As pessoas são muito estimuladas a baixar esses aplicativos, e geralmente elas não leem os termos de uso e vão abrindo mão da sua privacidade. Essa é uma questão importante, porque hoje há quem fale que “a informação é o petróleo do século XXI”: quanto mais informação você tem sobre as pessoas, mais vantagens competitivas você vai ter. Então essas grandes empresas oferecem plataformas, não cobram nada e falam “coloque tudo aqui”. O Google fala “põe tudo na nuvem”, te dá uma conta de e-mail infinita, uma série de serviços que você pode utilizar e eles vão coletando informações suas. E eles têm uma quantidade de informações gigantesca, que qualquer serviço de inteligência gostaria de ter sobre as pessoas, porque eles sabem *tudo*. E, então, aparecem as revelações que a gente teve no ano passado com o Snowden.

RCE – *E no caso do Snowden, era uma espionagem com o aval do Estado, sobre seus cidadãos e o de outros países, o que parece ainda mais grave.*

JM – E ainda há indícios de que eles podem utilizar esse sistema de monitoramento para fins de espionagem industrial, como, por exemplo, no caso dos dados vazados sobre a Petrobras e o Ministério de Minas e Energia. Hoje, qualquer centro de inovação científica e tecnológica, seja público ou privado, corre o risco de ter todas as suas informações acessadas pelo governo dos Estados Unidos ou outros governos que, porventura, estejam filtrando informações nos cabos de telecomunicações ou tenham relação com alguma empresa de software proprietária, cujos programas têm códigos que não podem ser auditados. Duas questões aí envolvidas são fundamentais para a questão da privacidade:

primeiro, para você se proteger, você tem que criptografar. Segundo, você tem que usar softwares que permitam algum tipo de auditoria, porque, caso contrário, você não sabe o que tem neles. Quem programa é quem manda. Em

qualquer tipo de dispositivo: quem fez o programa e determinou como funciona esse dispositivo é quem está mandando. Então, se você não tem o conhecimento desse código, você não sabe exatamente o que ele está fazendo, que tipo de informação ele está enviando e para quem. Isso já acontece há muito tempo, mas hoje passou a ser uma preocupação. Em geral, centros de pesquisa e inovação no Brasil não têm o cuidado de usar uma criptografia segura.

RCE – *E o conhecimento sobre programação e tecnologia de telecomunicação ainda é restrito a alguns grupos: são poucas as pessoas que conseguiriam saber exatamente o que os programas fazem e perceber alguma irregularidade nisso.*

JM – Eu acho que a segurança só pode ser validada por meio de uma comunidade. Você não precisa conhecer o código, mas precisa saber que pessoas de confiança já auditaram o código dos programas que

você utiliza. Caso contrário, ele pode ter o chamado *backdoor*, a porta dos fundos [maneira pela qual o programa enviaria informações sem o conhecimento do usuário]. Recentemente foi revelado que os roteadores D-Link, por exemplo, que quase todo mundo usa, têm um *backdoor*, um código malicioso que fica mandando informações sobre as páginas que você visita e conecta seu dispositivo a um servidor remoto. Isso foi mais uma descoberta que mostra o atual contexto em que vivemos, em que você não pode confiar nos dispositivos que adquire. Existem vários pontos de fragilidade. Pode ser no hardware, na transmissão da informação ou até a própria criptografia pode ser quebrada, e eu acho que isso deveria ser tema de uma política pública, em que o governo pense no conhecimento gerado nas nossas univer-

sidades e também na questão de segurança estratégica do Estado. Mas é comum a gente trocar e-mails com gente do governo e eles passarem um endereço do Gmail para mandar um arquivo, ou colocarem documentos no Google Docs para que a gente trabalhe em

cima deles, e isso é exposição pública. Então, o governo não tem muita preocupação com isso, embora haja um esquema de vigilância global. Não é uma teoria conspiratória. O governo americano não negou nada. A única segurança que a gente pode ter é se utilizarmos uma criptografia segura e programas que possam ser auditados por alguma comunidade confiável. Fora isso, nós estamos expostos.

RCE – *E se você usa criptografia é pior ainda, porque eles percebem que você estava tentando esconder a sua navegação, não?*

JM – Se você usar criptografia, automaticamente você vai passar a ser alvo da NSA. Então, na comunidade de pessoas que trabalham com isso, há esse entendimento: se você usa criptografia, você se sente seguro, mas passa a ser alvo, porque pouca gente usa criptografia. Mesmo entre quem usa software livre, tal cuidado é pouco adotado. Mas se todo mundo

começar a usar, vai ser difícil para eles ter todas essas pessoas como alvo. Então, por isso, é muito bom que as pessoas comecem a usar, porque vai tornar o trabalho de vigilância muito mais oneroso. Há alguns tipos de criptografia que são acessíveis a qualquer usuário e que são muito difíceis de quebrar. Uma frase do Jacob Applebaum [pesquisador norte-americano de segurança de computadores] diz: “não existe violência que possa resolver uma equação matemática”. Quer dizer, a matemática é muito mais forte. Vai ser preciso muito trabalho computacional para quebrar pela força bruta a criptografia.

RCE – *Como desdobramento do caso Snowden, o marido do Glenn Greenwald [jornalista que divulgou as declarações de Snowden], David Miranda, ficou detido durante muitas horas no Reino Unido, o que parece mandar um recado aos jornalistas que estejam dispostos a divulgar informações perigosas sobre o governo.*

JM – No caso, ele encontrou também a Laura Poitras, que é a colaboradora do [Julian] Assange [fundador da Wikileaks]. Mas em todo caso, foi um recado dado. Vale lembrar que, na mesma época, alguns dias antes de ele ser preso, a Wikileaks liberou arquivos de segurança em *torrents*. São arquivos gigantesco, o maior deles acho que tinha 256 gigabytes. Especula-se que lá estão, parcial ou totalmente, documentos da NSA. Mas os arquivos foram criptografados e não se liberou a chave que pode decifrar. Então, o que acontece: existem cópias dos arquivos de segurança da Wikileaks, mas ninguém pode abrir, porque ninguém consegue quebrar aquela criptografia. É muito pesado. Mesmo usando um supercomputador, daqueles que fazem previsão meteorológica, você não consegue quebrar. Mas, se o Snowden for preso, pode ser que, em instantes, alguém libere a chave criptográfica. Isso pode ser algo terrível. Por exemplo, nesses arquivos pode estar a lista dos nomes e a localização de todos os agentes da NSA no mundo. É algo super perigoso. Eu não sei se estaria aí, mas logo na primeira entrevista que ele [Snowden] deu, ele disse “eu tenho acesso à lista de todas as pessoas que trabalham para a NSA”. O Snowden era o principal administrador do sistema,

então o estrago que ele fez foi muito grande, pois como tinha acesso a todas as senhas do sistema, ele logava com a senha dos usuários. Tiveram que entrevistar centenas de funcionários da própria NSA para poder fazer o levantamento de onde ele chegou, que informações ele tem, mas isso é algo incompleto também. Ninguém sabe que informação ele tem, quem tem cópia disso, o que mais ele pode liberar. Isso, eu diria, é a segurança dele.

RCE – *Com relação a Wikileaks, não existe perigo em expor certas informações sigilosas do governo?*

JM – Com certeza, mas a Wikileaks tem um instrumento de filtragem. Eles têm jornalistas de confiança que recebem a informação e levam em consideração se essa informação pode colocar em risco a segurança nacional ou a vida de uma pessoa. Assim, há documentos que eles revelam só uma parte, ou que eles tarjam. Eles têm uma responsabilidade nesse sentido. Acho que liberar todos os arquivos da NSA de uma vez é algo que eles só fariam numa situação muito extrema, em que o Assange ou o Snowden fosse assassinado, algo assim. Não sei se essa é a percepção que as pessoas têm em geral, mas eles me parecem muito cuidadosos. Eles sempre tiveram o cuidado de preservar a identidade das pessoas. Às vezes, alguns nomes apareceram porque, claro, eram pessoas que tinham responsabilidade política e pública, mas cujas vidas não estavam em risco. E, até onde eu sei, não houve caso de uma pessoa que esteve com a vida em risco ou foi assassinada em função das revelações da Wikileaks. Então, eles têm esse cuidado. Mesmo que você acesse os sites que eles criaram, você pode ver que as informações ali estão tarjadas também. Tem um banco de dados riquíssimo, uma informação histórica muito interessante para pesquisa, mas, mesmo assim, tem algumas restrições. Tudo aquilo foi lido por alguém. É um trabalho colaborativo, custa muito tempo, mas eles fizeram isso. Então de falta de cuidado ninguém pode acusar o Assange.

RCE – *Mas, por mais que tenha um filtro, não é um filtro muito tênue? Porque são questões globais, e a*

decisão sobre o que sai ou não está na mão de umas poucas pessoas.

JM – Com certeza. Mas, se fosse o filtro do governo americano, não iria aparecer nada. Então, você tem dois extremos. É difícil avaliar até que ponto a sociedade está reagindo ou vai reagir em função dessas revelações. Eu acho que o fato dessas informações chegarem à opinião pública é um grande ganho. Mas mudanças concretas são algo gradual. Esse fórum que discuti a governança da internet no Brasil em abril, por exemplo, é resultado da diplomacia brasileira e de outros países tentando tirar o controle dos Estados Unidos sobre a estrutura da internet. É uma coisa que não será fácil de ser feita porque envolve a infraestrutura da rede. Enquanto eles fornecerem boa parte da infraestrutura, essa vigilância vai continuar acontecendo de alguma forma. O que o governo brasileiro já está fazendo com outros governos é buscar mudar o tráfego de dados, por exemplo. Mas isso envolve o mercado também, porque o custo de hospedagem é muito mais barato nos Estados Unidos. Enfim, isso descentraliza a internet, mas não garante a privacidade. Nós podemos começar a ser monitorados também pela China ou pela Rússia. Na verdade, a única garantia que a gente tem de que a privacidade pode ser respeitada é através da criptografia. Há uma discussão também sobre como podemos ter redes livres. Ter sub-redes locais? Nós conseguimos ter transmissão de dados sem passar pelos satélites? Então, você tem várias alternativas que estão sendo discutidas, mas a melhor alternativa a curto prazo é a utilização generalizada de criptografia. As pessoas estão percebendo, primeiro, a privacidade como um direito humano importante e fundamental para a liberdade de expressão, e, segundo, como podem, com um pouco de conhecimento, utilizar a criptografia no seu próprio computador e conseguir ter uma navegação privada.

RCE – *O senhor acha que, no Brasil, nós conseguimos*

usar a internet para melhorar a nossa vida política?

JM – Eu acho que sim, mas ainda há um potencial muito maior. Existem os portais de transparência, mas quem vai lá pesquisar a informação, ver os contratos, ver quem está recebendo o quê de quem, o quanto está sendo pago nas aquisições de produtos e serviços do Estado? Poucas pessoas acessam os dados e têm essa capacidade de captar, analisar e fazer uso dessa informação. Primeiro, as pessoas ainda têm dificuldade de utilizar essa informação. Segundo, muitas informações públicas são colocadas de formas inadequadas para exploração, como, por exemplo, a publicação em *.pdf*. Terceiro, há inconsistência nos dados públicos. E quarto, no que se refere ao combate à corrupção, nem sempre aquilo que está no papel é o que está acontecendo. Então, são várias as questões envolvidas quando falamos da promoção da transparência. É um sistema que deve ter o governo como um ator fundamental; a sociedade civil organizada e as ONGs que trabalham nessa área também. É preciso ter toda uma concertação para que o governo publique de forma adequada e faça sua parte, para que a sociedade tenha condição de fiscalizar e o cidadão se capacite cada vez mais para poder usar esses dados. Isso é algo bastante complexo, mas nós estamos caminhando.

RCE – *E quanto à Lei de Acesso à Informação, que obriga os órgãos do governo a disponibilizar os documentos públicos aos cidadãos?*

JM – Sim, ela entrou em vigor em 2012.

RCE – *Mas, por mais que a lei esteja lá, nós ainda não parecemos tê-la incorporado à nossa cultura.*

JM – Tem a cultura do sigilo, o desconhecimento da lei. Se você faz uma lei boa, mas não capacita o funcionário, você tem um problema porque ele mesmo não cumpre a lei. Muitas vezes eles negam alguma informação, mas não sabem que para fazer

isso é preciso ter uma justificativa. Se o dado for sigiloso, ele tem que ser classificado, tem que indicar a autoridade que classificou, o período em que foi classificado, tem que ter o canal para recurso... É raro uma solicitação de informação em que a resposta do setor público atende àquilo que a lei pede. Eu diria que esse é o grande entrave da Lei de Acesso à Informação: a falta de capacitação do Estado para responder às demandas da própria lei. Então, se o cidadão também não conhece a lei, pode ser que ele desista na primeira tentativa. Toda a burocracia tem que se adaptar à lei. E no Brasil, tem aquela coisa: leis que “pegam” e leis que “não pegam”. Então nós temos que praticar a lei para que ela “pegue”. Se não, ela pode cair no esquecimento. A Lei de Acesso à Informação é fundamental, é um instrumento que todo regime democrático tem que ter, mas as pessoas ainda estão utilizando muito pouco essa lei e o Estado ainda não está preparado para responder. É uma questão até de amadurecimento da nossa sociedade civil, de se organizar e começar a reivindicar mais, e aos poucos ir criando uma “cultura da transparência”. E cada vez mais o funcionário público vai se ver não como um “dono” da informação, mas como um “guardião” da informação, no máximo. A informação não pertence a ele. A informação é pública, ela já deve nascer pública. E hoje toda a internet existe para isso, ela propicia essa transparência.

RCE – *O senhor poderia dar alguma indicação de como usar a internet de forma segura?*

JM – Primeira coisa: o ideal seria utilizar um software livre. Eu sei que isso não é fácil. A maior parte das pessoas, e eu também, quando começou a usar computador, utilizava o Windows, você se acostuma a um sistema, então não é fácil mudar. Mas, se tiver oportunidade, pegue uma distribuição que é fácil, como o Ubuntu [sistema operacional de código aberto], instale no computador (ele pode ser instalado em paralelo, sem apagar seus dados) e comece a usar para ir se acostumando, e então faça a migração. Porque com o software livre, você tem uma comunidade por trás, que vai garantir a

transparência, a segurança, a estabilidade etc. Isso é a primeira coisa, dar esse salto. A segunda coisa é utilizar criptografia. Isso é algo mais complexo, mas é importante para manter o sigilo das comunicações. Hoje em dia, por exemplo, você tem um *plugin* que adiciona no gerenciador de e-mails e gera duas chaves criptográficas: uma é pública, e você pode trocá-la com seus amigos pela chave pública deles. A outra é uma chave privada, que você usa para abrir as mensagens. Essa é a chamada “criptografia assimétrica”. Uma mensagem que foi cifrada com a chave pública só pode ser aberta pela chave privada correspondente. Então, você manda para a pessoa e, com a chave, ela consegue abrir suas mensagens. Você pode escolher algumas pessoas com quem você quer ter comunicação privada. Isso é muito importante para ativistas políticos, dirigentes sindicais e jornalistas. Então, são duas coisas diferentes: garantir a segurança dos dados e nas comunicações. Do ponto de vista político, elas são super importantes hoje em dia.

GUSTAVO SUMARES *graduando em Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e repórter da Revista Cultura e Extensão USP – e-mail: gsumares@gmail.com*

REPORTAGENS **articles**



Alfredo Volpi

Reunião à mesa

Coleção MAC-USP

Ano: 1943

Obra que faz parte da exposição
Os Volpis do MAC, em cartaz até
julho no MAC-USP Nova Sede.

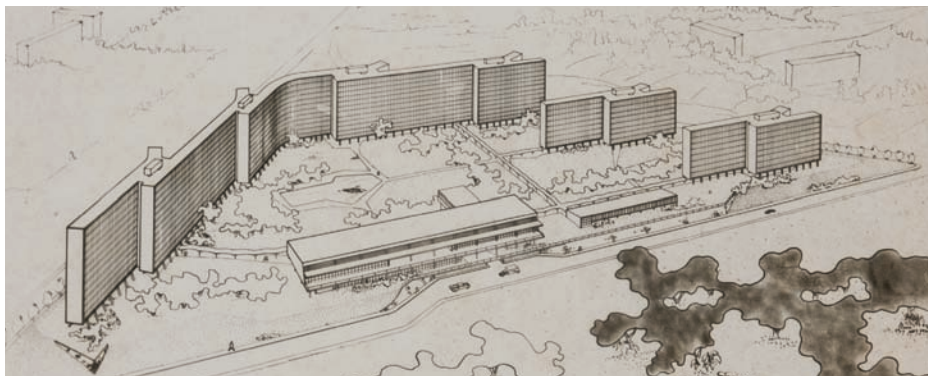
Nossos Últimos 80 Anos

Our Last 80 Years

No dia 25 de janeiro desse ano, a Universidade de São Paulo comemorou os 80 anos de sua fundação. 80 anos se passaram desde que o então interventor do estado de São Paulo, Armando Salles de Oliveira, promoveu a união de escolas tradicionais, como a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, a Escola Politécnica de São Paulo e a Faculdade de Medicina de São Paulo, em torno da recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Desde então, a USP se tornou a maior universidade pública do Brasil, além de uma das maiores e mais prestigiosas da América Latina e do mundo. É, atualmente, responsável por mais da metade da produção científica do estado e por mais de um quarto do total da produção científica do Brasil. Conta com mais de 90 mil alunos matriculados, cerca de seis mil docentes e dezesseis mil funcionários, além de ser o maior centro de formação de mestres e doutores do mundo.

Trata-se de uma trajetória inegavelmente impressionante. Se, ao longo do século XX, o Brasil conquistou um lugar importante no mundo da produção de conhecimento, parte do mérito dessa conquista cabe à USP. Essa realização tão notável muitas vezes acaba trazendo consigo a pergunta: *como foi que chegamos até aqui?*



GUSTAVO SUMARES

Universidade de São Paulo.
Escola de Comunicações e
Artes, São Paulo, Brasil

Figura 1 – Projeto para residência estudantil encontrado em caderno do arquiteto Rino Levi (Fonte: Arquivo da SEF-USP).

OS EDITAIS

Essa foi uma das indagações que deu base à elaboração do *Programa de Editais* da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária em 2012 e 2013. Em 2012, os editais ofereceram apoio financeiro a projetos voltados para a preservação, restauração e extroversão de acervos da Universidade, com o objetivo de valorizar adequadamente esses registros históricos. Também apoiaram projetos de valorização e preservação das memórias da USP, em todos os seus formatos. Estas linhas de financiamento visavam resgatar não apenas os documentos, mas também as lembranças e narrativas pessoais que fazem parte da história da Universidade.

Essas duas diretrizes de investimento, bem como uma terceira, voltada para o intercâmbio cultural e científico, foram mantidas em 2013, com algumas pequenas alterações. Ao longo dos dois anos, foram destinados cerca de 35 milhões de reais para projetos nessas linhas.

As propostas de financiamento foram delineadas por um grupo de trabalho composto por representantes de museus, institutos especializados e dos arquivos da USP, que compartilharam suas experiências em iniciativas semelhantes (do Ministério da Cultura e do Ministério de Ciência e Tecnologia, por

exemplo), uma vez que não havia, dentro da USP, um acúmulo de experiências de fomento nesse formato.

Segundo o professor José Tavares Correa Lira, diretor do Centro de Preservação Cultural (CPC) – Casa da Dona Yayá – e um dos responsáveis pela elaboração dos editais, o retorno foi surpreendente: "Nós sabíamos que havia uma demanda em alguns lugares tradicionais de guarda, conservação e estudos desses acervos, como os grandes museus ou o arquivo central da Universidade", diz, "mas nós não sabíamos de uma enormidade de outras demandas que provinham de outros lugares menos conhecidos por seu interesse na preservação da memória e dos acervos da Universidade. Desde departamentos, laboratórios e setores de unidades, ou mesmo de órgãos da USP, até grupos de pesquisa, de estudantes e grêmios". Mais de 300 projetos das áreas de acervo e memória foram encaminhados ao longo dos dois anos dos editais, a maioria, segundo Lira, de ótima qualidade. Desse montante, 166 foram aprovados e estão em andamento.

Um dos frutos desse resgate da memória está à mostra no próprio CPC, na forma da exposição *O Tempo das Construções*. Ela resultou de uma parceria entre o CPC e a Superintendência do Espaço Físico (SEF-USP), e mostra projetos arquitetônicos, plantas, desenhos e fotografias de diversos símbolos arquitetônicos da Universidade, como as raiais do

Figura 2 – Etapa final da construção do icônico edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP). (Fonte: Arquivo da SEF-USP)





Figura 3 – Vista aérea da obra entregue do edifício de História e Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). (Fonte: Arquivo da SEF-USP)

Centro de Práticas Esportivas (CEPEUSP), a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP) e o edifício do Departamento de Geologia e Minas da Escola Politécnica (EP-USP). Por meio das imagens, é possível perceber as diversas relações que as pessoas que utilizaram esses locais estabeleceram com eles e visualizar como tais relações mudaram ao longo da história dos edifícios, desde seu planejamento, passando pela sua construção, até a sua ocupação.

Embora a Universidade já tenha, segundo o professor Lira, um histórico de valorizar sua história e investir nela, seja por iniciativas centrais, seja por iniciativas das próprias unidades, escolas ou departamentos, esses editais marcaram a primeira vez que uma iniciativa desse tipo "não se restringiu ao central nem ao setorial". "Ela visava sair das motivações imediatas ligadas às efemérides e comemorações do nascimento da Universidade" e "produzir não uma imagem única, oficial ou homogênea, mas abrir espaço para que distintos setores, áreas de conhecimento e experiências da Universidade pudessem se fazer presentes, olhando para o seu passado", diz.

SUPORTES DA MEMÓRIA

Uma olhada rápida pela lista de projetos aprovados

nos editais revela uma enorme variedade de iniciativas, de diversas instituições e unidades da USP, que têm em comum a preocupação em valorizar e proteger não apenas a memória da Universidade, mas a ampla gama de trajetórias pessoais que compõem essa história.

Revela também que, frequentemente, essas trajetórias estão gravadas em suportes, aos quais não costumamos dar o nome de "patrimônio universitário". Os diversos documentos que professores aposentados deixam em suas gavetas, por exemplo: sob coordenação da especialista em laboratório Lilian Miranda Bezerra, do Arquivo Geral da USP (órgão central do Sistema de Arquivos da USP), esses papéis dispersos foram objeto de um projeto contemplado pelos editais de 2012.

O projeto coordenado por Lilian, *Por uma política de preservação da memória da docência e da pesquisa na USP*, mapeou parte dos acervos pessoais de docentes já desligados da Universidade, que atualmente não têm destino certo. O objetivo final do projeto, porém, era sensibilizar a comunidade universitária para a importância desse material.

"Quando um professor da faculdade se aposenta ou vem a falecer, muitas vezes ele deixa para trás uma grande quantidade de anotações sobre pesquisas ou sobre aulas que ele deu ou daria, que muitas

Figura 4 – Vista aérea dos edifícios dos Departamentos de Engenharia Mecânica e Naval da Escola Politécnica (EP-USP). (Fonte: Arquivo da SEF-USP)



vezes contêm ideias valiosas. E, atualmente, a USP não tem uma política de preservação desse material, embora ele tenha tudo a ver com a atividade-fim da Universidade”, explica.

Nesse trabalho, ela e um grupo de apoio composto por um aluno de mestrado e um grupo de estagiários realizaram mais de 200 visitas a 26 das 42 unidades da USP com a finalidade de explorar o que restou desses acervos. Essa realização só foi possível graças à colaboração das unidades e ao apoio dos trabalhadores do Arquivo Geral da USP, da chefe técnica de divisão Bárbara Julia Menezello Leitão e da consultora Johanna Wilhelmina Smit.

O projeto tinha a intenção de mapear esses arquivos pessoais de docentes e fornecer informações sobre sua localização, primeiramente para fins de pesquisa: pesquisadores que tivessem interesse no acervo de determinado professor, por conta de seu trabalho em certa área de pesquisa, teriam então conhecimento da existência desses documentos e, eventualmente, acesso a eles.

Geralmente, segundo Lilian, os “papéis” dos professores que não têm mais vínculo com a faculdade acabam ficando nas mãos dos professores que dividem a sala com eles e que acabam preservando esse material, seja porque acreditam em sua relevância acadêmica, seja por valorizar as lembranças que eles

trazem. Ainda assim, segundo ela, essa política informal que relega aos colegas ou vizinhos de sala os apontamentos dos docentes desvinculados representa um destino bastante incerto para um material valioso.

“Foi muito comum ouvirmos respostas como ‘Nós guardamos por um tempo, mas acabou se perdendo’ ou ‘Se vocês tivessem vindo ano passado, estaria tudo aqui’”, conta Lilian. Boa parte dos arquivos que ela encontrou estava dispersa por diversas salas e departamentos das unidades. Embora já existam na USP algumas iniciativas de preservação sistemática de acervos desse tipo, como a do Centro de Apoio à Pesquisa em História *Sérgio Buarque de Holanda* (CAPH) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), “a dispersão é a regra”, afirma Lilian. “Os professores da USP fazem parte da ciência brasileira. Então não é a USP apenas quem perde, mas a ciência brasileira como um todo”.

Para Lilian, o trabalho de campo revelou uma peculiaridade interessante desses arquivos: a mistura entre as esferas pessoal e profissional. Era bastante frequente que se encontrassem, em meio aos cadernos, anotações e preparações de aula dos professores, escritos de âmbito pessoal.

Segundo ela, a primeira experiência marcante do projeto ocorreu durante uma visita ao Instituto de Biociências (IB). Em uma sala um tanto bagunçada,



Figura 5 – Professores do Laboratório de Pedagogia Experimental utilizavam os *Chronoscópios de D'Arsonval e Pizzoli* para medir os tempos de reações a estímulos visuais (à esquerda) e táteis (à direita). (Fonte: Centro de Memória do Instituto de Psicologia)

o grupo encontrou, em meio a muitos outros documentos, um material riquíssimo do professor Crodowaldo Pavan, que lecionou na Universidade entre os anos de 1942 e 1978. O professor Carlos Vilela do IB, que ficou com a guarda desses materiais, deu ao grupo total liberdade para inspecioná-los. Entre os documentos, encontraram cadernos do professor Pavan com anotações diversas, relatos de viagens e até mesmo um caderno de espiral muito antigo com apontamentos sobre matemática, e poesias nas páginas finais, que pareceu ao grupo ser da adolescência dele, por seu tamanho menor e seu conteúdo diferente.

Na avaliação de Lilian, “é necessário que haja uma ação articulada da USP” no sentido de estabelecer uma política de preservação de acervos dessa categoria. Com as comemorações dos 80 anos da Universidade, ela acredita que iniciativas desse tipo se tornam mais evidentes. Ainda assim, há um bom caminho a se trilhar até que o investimento de tempo, dinheiro e espaço físico na preservação desses materiais se torne algo sistêmico.

IMAGENS DO PASSADO

O Instituto de Psicologia (IP) é uma das unidades da USP que têm uma tradição de preservação

e valorização de sua própria história. Desde 2001, quando comemorou seus 30 anos de existência, o Instituto possui um Centro de Memória que tem como objetivo organizar, preservar e divulgar documentos e materiais relacionados à história da psicologia na USP. Seu acervo contém memoriais de professores, que datam da inauguração do IP em 1970, bem como fotografias, fitas, CDs, DVDs e relatórios anuais de atividades. Por meio dos editais de 2012, o Centro de Memória pôde dispor de recursos para organizar e digitalizar o seu acervo fotográfico, graças ao projeto de Maria Marta Nascimento, bibliotecária do Instituto.

Esse acervo contém um conjunto de imagens bastante impressionantes: desde fotos de docentes do IP, como o professor Dante Moreira Leite, patrono da biblioteca do Instituto, até imagens do Laboratório de Pedagogia Experimental, de 1914, instituição que pode ser considerada uma espécie de embrião tanto do Instituto de Psicologia quanto da Faculdade de Educação (FE-USP).

O projeto prevê, também, a criação de uma base de dados para catalogar essas imagens e disponibilizá-las na internet. Algumas delas já estão disponíveis no site www.usp.br/acervofotografico.

Outras imagens que Marta destaca são as fotografias do palacete da Alameda Gleite, um imenso

Figura 6 – Face sudoeste do palacete da Alameda Gleite, que abrigou diversos cursos da USP de 1937 até 1973, quando foi vendido e demolido. (Fonte: Centro de Memória do Instituto de Psicologia)



casarão onde ocorriam aulas de psicologia experimental nas décadas de 40 e 50 do século passado, num momento em que a psicologia ainda estava se configurando como curso de graduação na USP (o curso só iniciou seu funcionamento em 1957, e o Instituto de Psicologia foi fundado apenas em 1969). O fato de esse palacete já ter sido demolido torna ainda mais importante a preservação dessas imagens.

É o mesmo caso do bloco “B2”, um edifício do IP onde estava localizada a biblioteca e que precisou ser demolido por conta de problemas estruturais. As fotos que o Centro de Memória tem desse edifício mostram também diversas pichações em seus muros. Segundo Marta, as fotografias foram tiradas por um professor do Instituto, que queria retratar e preservar aquele momento do bloco.

Na avaliação da bibliotecária, o IP tem bastante carinho pela sua história. “Existe uma preocupação grande por parte dos dirigentes do Instituto e dos professores, que sempre colaboram bastante com essa questão da história”, diz. Segundo ela, “hoje, na USP, está se pensando muito nisso. A gente vê que tem esse interesse em resgatar e preservar a memória para o futuro”.

No entanto, esse processo ainda encontra alguns obstáculos, particularmente devido à burocracia envolvida na contratação de serviços.

Segundo Marta, os serviços de restauração devem ser contratados pelo menor preço disponível – o que muitas vezes corresponde a um serviço de menor qualidade. E, no caso da restauração de documentos antigos, a contratação de um serviço inadequado pode comprometer a própria imagem ou documento a ser restaurado.

COMO ERA, COMO É

A professora Cristina Costa, presidente da Comissão de Pesquisa da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), faz uma crítica semelhante: “É muita burocracia. É um problema sério, porque estamos ficando cartoriais demais”.

A docente coordena o projeto *Memórias da ECA: 50 anos*. Ela vinha trabalhando em uma pesquisa bastante extensa sobre a censura, tanto na Era Vargas quanto na ditadura militar, quando foi abordada pelo então diretor da ECA, professor Mauro Wilton. Ele lhe sugeriu a realização de um trabalho que recuperasse a memória da Escola de Comunicações e Artes, por conta da aproximação do aniversário de 50 anos da Escola, que ocorrerá em 2016. Através dos editais, Cristina viu uma possibilidade de realizar esse projeto.

Nesse trabalho, Cristina entrevistou antigos alunos e professores da ECA, como o cartunista Laerte Coutinho e o teatrólogo Jacob Guinsburg. Seus depoimentos foram gravados e serão, posteriormente, disponibilizados na internet. Cada um deles teve a oportunidade de contar sua relação com a Escola, as histórias marcantes de sua passagem pela Universidade, e de refletir sobre como esse percurso contribuiu para suas vivências acadêmica e pessoal.

Ao relatar sua vivência na Universidade, os entrevistados acabam por deixar também, àqueles que ouvem seus depoimentos, a noção nem sempre presente de que a ECA já foi muito diferente do que é hoje: já se chamou Escola de Comunicações Culturais, ficava em um só edifício e tinha cursos separados para Cinema e Radio & TV, por exemplo. “Muitos professores falam sobre o cotidiano, e alguns deles se emocionam ao se lembrar, é muito bom”, conta Cristina.

Ao longo do projeto, alguns temas comuns a todos os entrevistados começaram a aparecer: “Um deles é a ditadura. A memória histórica da ditadura militar tem um peso muito grande”. Segundo ela, havia uma espécie de “guerra fria” naquela época, uma dicotomia que opunha os que lutavam contra o regime ditatorial e os que se submetiam a ele. “Então há uma preocupação muito grande, em alguns entrevistados, de apontar quem era quem”. Outra questão que apareceu com frequência nos depoimentos foi a separação entre artes e comunicações. “Como é um tema que se discute novamente hoje em dia, todos falam, a favor ou contra. As opiniões se dividem sobre isso”.

Além dos depoimentos, o grupo de trabalho também está digitalizando os memoriais dos professores e buscando documentos, imagens e filmes antigos, desde escritos oficiais ou institucionais até produções dos próprios alunos desde a criação da ECA. Esse primeiro momento do projeto pretende juntar esse material e, posteriormente, disponibilizá-lo na internet. O objetivo final, porém, é construir um site que seja ao mesmo tempo “difusor e constituidor dessa memória”, nas palavras da docente. Nele, será possível que qualquer aluno, professor ou

funcionário que trabalhe na ECA deixe registrado seu depoimento, além de poder acrescentar imagens e vídeos. “A ideia é que cada pessoa que passou pela ECA possa deixar seu registro”, diz.

Segundo Cristina, a ECA já tem uma tradição de valorizar a própria memória. Ela cita, por exemplo, o trabalho de professores como Ecléa Bosi, que ministra cursos sobre o resgate da memória, e Cremilda Medina, do Departamento de Jornalismo, que desenvolveu um projeto cujo objetivo era resgatar a memória dos bairros de São Paulo. “Eu diria que é uma vertente que já existe há muitos anos”.

O FUTURO DA MEMÓRIA

A importância de iniciativas desse tipo, segundo Cristina, é enorme. “Eu acho que é muito saudável que a USP esteja querendo construir a sua história. É muito importante lembrar a história para não repetir os erros”.

Embora considere que a USP, se comparada a outras instituições de ensino superior da Europa, por exemplo, é ainda muito jovem, ela reconhece que 80 anos são um marco importante nessa história: “Acho que esse é o momento em que estamos percebendo que estamos nos tornando históricos”.

O diretor do CPC já enxerga muitas possibilidades de aprofundar essa iniciativa, da qual ele acredita que os editais representam uma primeira etapa. “Eu tenho a impressão que um salto a ser dado no futuro seria ultrapassar essa própria situação de edital, que pode ser sustentado ano após ano, mas que pode ser interrompido sem qualquer constrangimento”, opina. Seria interessante, em sua opinião, que a Universidade “investisse em uma política permanente de congregação dessas pesquisas, dessas memórias” para que esses processos de recuperação e revisão do passado passassem a fazer parte “da própria vida da Universidade”.

O professor Lira vê, também, oportunidades de ampliar esses editais, de forma a realizar ainda melhor os objetivos de extensão universitária no campo do patrimônio cultural. Segundo ele, “uma área

que me parece ainda pouco considerada pela USP é a área de conhecimentos tradicionais”. “Nós, a Universidade, os acadêmicos, tradicionalmente nos afirmamos pela negação das culturas tradicionais (...), [mas] cada vez mais as ciências, e não só as humanidades, estão se colocando o desafio de pensar a relação entre essas linguagens, objetivos e práticas e as práticas que comumente definimos como científica”.

“Hoje, um dos grandes desafios da Universidade é essa capacidade dela se abrir para o novo, abrir-se para o outro”, afirma o professor. “Essa capacidade de criar campos de trocas e contaminações, de se aproximar de outras realidades, isso é visto como algo a ser conquistado, tal o grau de isolamento que as universidades foram construindo em sua história”. Para Lira, essa aproximação é algo essencial para o futuro da USP: “Não há dúvida de que a Universidade tem muito a oferecer à sociedade, mas se a sociedade não se der conta da importância dessa instituição não só para resolver problemas, mas também para propor novos problemas e enfoques, dificilmente a Universidade sobreviverá”, diz ele.

Quanto aos editais, o professor opina: “há um germe plantado, e eu acho que isso é um resultado inestimável”. Ele vê nessa construção de uma “política de memória” da Universidade um processo crucial: “Hoje, a Universidade está olhando para si de outra maneira, em grande parte graças a essa mobilização de talentos, conhecimentos e sensibilidades de professores, funcionários e estudantes em torno dessas questões”.

A professora Cristina considera difícil a formação de uma memória única e monolítica da Universidade, “porque nós somos muito grandes e diversificados, muito díspares”. No entanto, ela também ressalta a necessidade de que a USP desenvolva uma “cultura da memória, que valorize as iniciativas locais”. “Nós somos a nossa memória. Quando você consegue integrar a sua memória a uma memória coletiva, a sensação é muito boa. Você se sente parte, e fazendo parte você se sente mais indivíduo”.

GUSTAVO SUMARES graduando em Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e repórter da Revista Cultura e Extensão USP – e-mail: gsumares@gmail.com

MEMÓRIA USP

Por ocasião do aniversário de 80 anos da USP, o Museu de Ciências lançou o site do projeto *Memória USP*, que tem como objetivo reunir em uma só plataforma virtual informações sobre acontecimentos, locais e pessoas marcantes da história da Universidade. O endereço eletrônico é mc.prceu.usp.br/memoria.

O site possui uma linha do tempo que, além de pontuar os principais eventos que marcaram a história da USP, inclui informações específicas sobre as várias unidades de ensino e órgãos da Universidade.

Além de dados gerais sobre o passado da USP, o site contém também acervos documentais e fotográficos das unidades, disponíveis para uso segundo a licença *Creative Commons*.

Intercâmbio Cultural Aproxima Brasil e México

Cultural Exchange Approximates Brazil and Mexico

Por meio de convênio assinado no início do ano passado entre a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Autônoma do México (UNAM) foi possível realizar um projeto na área de artes cênicas que reuniu profissionais de ambas as universidades. O projeto resultou, especialmente, na produção de dois espetáculos, apresentados tanto no Brasil como no México, montados por grupos de alunos dos dois países e acompanhados de um diretor mexicano e de um diretor brasileiro.

Convidados a contar suas experiências durante o processo de montagem e apresentações que fizeram parte desse intercâmbio, alguns atores concederam entrevista à *Revista Cultura e Extensão USP*, que traz também nesta reportagem informações sobre a troca de conhecimentos acadêmicos e culturais estabelecida entre as duas universidades, além de falar dos desafios encontrados em questões que vão além do teatro universitário e da diferença de idiomas, costumes e percepção social nos contextos do Brasil e México.

MARINA SALLES

Universidade de São Paulo.
Escola de Comunicações e
Artes, São Paulo, Brasil



Figura 1 – O espetáculo *La pasión en la materia* é resultado da colaboração entre o diretor mexicano Alberto Villarreal e estudantes de teatro da USP.

TEATRO UNIVERSITÁRIO

Palco de difícil demarcação, o teatro universitário abarca diferentes conceitos. No caso específico da Universidade de São Paulo, prefere-se tomá-lo em sentido amplo, que vai além do “universitário” e recai sobre outra definição: a de teatro vocacional. Segundo Ferdinando Martins, diretor do Teatro da USP (TUSP), “teatro vocacional é aquele que a pessoa procura porque tem uma vocação, o desejo de fazer teatro, e como não há uma definição muito rígida de teatro universitário, pode-se pensar que esse é um teatro feito por estudantes de artes cênicas ou por qualquer universitário”.

A partir de outras referências, o diretor do Centro Universitário de Teatro (CUT) da UNAM, Mario Espinosa, explica o que entende pelo termo no contexto do trabalho que desenvolve. De acordo com o teatrólogo, na UNAM o teatro universitário abrange muitas categorias. “Uma delas é a educação média, que inclui escolas da rede pública e particular vinculadas de alguma forma à universidade; seguida do grupo de universitários de outras carreiras que não se relacionam com o teatro, mas que participam de oficinas oferecidas em seus campi. Por último, existe também uma terceira categoria, que é a dos estudantes de teatro e se divide em: alunos de teatro que trabalham com alunos de teatro, ex-alunos que dirigem alunos e alunos dirigidos por seus professores”.

PERSONAGENS DESSE ENREDO

Independente das terminologias adotadas em cada país, Ferdinando deixa claro que o convênio entre a UNAM e a USP é mais específico e se destina aos alunos de artes cênicas de ambas as instituições. “Nosso objetivo é trabalhar com os estudantes visando uma continuidade de ações que possa desenvolver a própria área de artes cênicas nas duas universidades”.

Para participar do intercâmbio cultural, os alunos foram selecionados por meio de um workshop. O resultado foi a composição de duas obras teatrais, feitas em conjunto entre profissionais do México e do

Brasil. A seguir, os alunos contam porque, para eles, o sentimento em relação ao teatro universitário ultrapassa limites de significado:

MARCO GUAGNELLI



Minha necessidade de estudar teatro é pessoal, uma necessidade de entender a mim mesmo. Acredito que representar os personagens seja a maneira que encontrei de estar mais próximo das pessoas e poder me relacionar com elas, uma vez que assumo outras personalidades e começo a entendê-las. Agora, saindo da universidade, nos damos conta do que de fato é o teatro e dos riscos que precisamos assumir para enfrentar essa carreira.

DANIELA DE LOS RÍOS



Sempre estive muito ligada às atividades artísticas: fazia aulas de piano, canto, acordeão, dança... E quando me vi no momento de escolher uma carreira pensei em fazer licenciatura em canto, mas meus pais diziam: “Arte? Melhor você escolher outra coisa”. Então, fui estudar Medicina, até que finalmente decidi que não pertencia àquele mundo e que não podia continuar vivendo daquela forma. Comecei a buscar e logo descobri que o teatro podia ser uma opção para mim. Foi a experiência mais incrível da minha vida, porque você aprende a crescer internamente para poder alimentar e entender o exterior.

SOL SÁNCHEZ



Eu devo tudo ao teatro universitário. Minha família não teria condições de pagar um curso como esse que faço no CUT (Centro Universitário de Teatro da UNAM). Fiz os exames para ingressar por três vezes, até que, quando entrei, decidi que ia ser atriz de qualquer maneira, fosse no México, fosse nas ruas ou em qualquer outro lugar. É comum que ao entrar no curso estejamos tomados de muita ilusão, mas essa é também a magia do teatro.

DARÍLIA LILBÉ



Eu escolhi fazer teatro por acaso, sou mineira e vim para São Paulo com uns dez anos. Minha cidade era pequenininha e foi um choque cultural muito grande chegar aqui,

então, comecei a fazer teatro para perder a timidez. Depois, trabalhei no ramo de tecnologia, enquanto fazia teatro também, até prestar a EAD (Escola de Arte Dramática da USP), o que mudou a minha vida no sentido de assumir o teatro como uma carreira profissional. Antes era mais uma coisa amadora e por mais que eu tentasse viver só de teatro, eu não tinha recursos financeiros para isso.

MODELOS DE CADA ESCOLA

Mario Espinosa diz que as escolas de cada uma das universidades têm características em comum, sendo o Centro Universitário de Teatro (CUT) mais

parecido à Escola de Arte Dramática (EAD) e o Colégio de Literatura Dramática e Teatro ao Departamento de Artes Cênicas (CAC) da USP.

Comparando os cursos, um detalhe que chama a atenção é o fato de ambas as escolas dedicadas a formar atores não concederem ao aluno um diploma de graduação. O diretor do CUT conta que as carreiras artísticas sofreram processos de estruturação diferentes das demais, sendo comum, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, os estudantes não se graduarem. De acordo com ele, apesar dos alunos saírem bem preparados do centro e conseguirem colocações no mercado de trabalho, as limitações estão no fato de, hoje em dia, especialmente

CURSOS DE TEATRO NA UNAM

Centro Universitário de Teatro (CUT)

- » O curso é vinculado à Coordenação de Difusão Cultural da UNAM e não equivale a uma graduação.
- » Formação de atores profissionais.
- » Período integral. Duração de quatro anos.
- » 16 vagas.
- » O processo de seleção é realizado de acordo com as normas do centro.

CURSOS DE TEATRO NA USP

Escola de Arte Dramática (EAD)

- » Curso de segundo grau ministrado no período noturno.
- » Formação de atores em nível técnico.
- » Duração de quatro anos.
- » 20 vagas.
- » Edital de ingresso é independente do vestibular da Universidade de São Paulo.

Colégio de Literatura Dramática e Teatro

- » Curso superior oferecido na Faculdade de Filosofia e Letras da UNAM, que possui atualmente 600 alunos.
- » Duração mínima de quatro anos.
- » Licenciatura está focada nas seguintes áreas do conhecimento: Desenho e Produção, Atuação, Direção, Dramaturgia e Teatrologia.
- » Para ingressar na faculdade é necessário atender os requisitos estabelecidos pela UNAM.

Departamento de Artes Cênicas (CAC)

- » Oferece graduação e pós-graduação, sendo o curso superior ministrado em período integral.
- » Duração mínima de quatro anos.
- » Bacharelado, com habilitação em Cenografia, Direção Teatral, Interpretação Teatral e Teoria do Teatro; ou licenciatura em Educação Artística, com habilitação em Artes Cênicas.
- » Anualmente são abertas 15 vagas, preenchidas por exame de seleção da FUVEST, acompanhado de provas específicas.

no México, ser exigida a graduação para a continuidade de estudos acadêmicos ou para dar aulas. Espinosa acrescenta que uma alternativa é recorrer à lei que permite provar a “aquisição de conhecimentos”, segundo a qual as pessoas são capazes de aprender determinados assuntos de forma autônoma, ou seja, usando a mesma prerrogativa dos autodidatas.

Atualmente, de acordo com Espinosa, “o que a UNAM tem tentado fazer é instituir um processo muito similar ao que se estabeleceu na Alemanha e na França, que optaram pela titulação, meta da universidade para 2014”. Ainda segundo o diretor do CUT, na Europa, desde 2010, implantou-se o processo Bolonha, cujo objetivo foi reorganizar graus e diplomas do ensino superior a fim de facilitar seu reconhecimento e ampliar oportunidades de mobilidade frente a outras instituições da comunidade europeia.

Sobre os cursos oferecidos na USP, Darília Lilibé comenta que, quando procurou a EAD, ter uma graduação não era seu principal objetivo, mas que hoje faria o CAC também, caso pudesse destinar um tempo para se preparar para o vestibular. De acordo com a estudante, “apesar de funcionar como uma escola técnica, a EAD pode ser considerada uma espécie de especialização – procurada tanto por gente que já se formou, tem experiências fora do país ou fez pós-graduação, quanto por aqueles que veem na FUVEST uma barreira para ingressar na Universidade”. Para a atriz, a importância do teatro universitário está ligada à necessidade de instrumentalização do artista e às vantagens de se conviver com um grupo que tem interesses em comum. “É importante dar ferramentas para o ator conseguir comunicar o que está latente nele e poder partilhar de um ambiente em que encontra pessoas que querem pesquisar. Muitos de nós temos coisas para dizer e não sabemos como; essa é também uma forma de nos reconhecermos”, argumenta.

INTERCÂMBIO ENTRE AS UNIVERSIDADES

Valer-se de experiências diferentes que se cruzam

em determinados pontos: o intercâmbio não tem outro papel senão permitir às duas universidades trocar conhecimentos a respeito de suas deficiências e qualidades aprimoradas ao longo dos anos. Para Mario Espinosa, diretor do CUT, é muito importante passar por esse tipo de experiência, como a que permitiu que atores brasileiros tivessem contato com um diretor mexicano, e os atores mexicanos, por sua vez, trabalhassem com um diretor brasileiro. Segundo ele, “em cada lugar temos os nossos costumes, nossa maneira de fazer as coisas, o que nos obriga a ser mais flexíveis nesses contextos, criar outra visão e tomar atitudes de maneira distinta”. Ainda na opinião do diretor, essa é uma excelente oportunidade para minimizar preconceitos que existem entre nações latino-americanas e promover uma união de fato.

Sobre as trocas que vão além da construção dos espetáculos, Ferdinando pondera que as universidades se completam, sendo que a UNAM se desenvolveu em áreas diferentes da USP, e vice-versa. Um exemplo claro diz respeito à infraestrutura da Universidade de São Paulo. Para o diretor do TUSP, “a UNAM tem um fazer teatro muito mais avançado que o nosso, digamos, em cenografia, em produção e em recursos humanos e estrutura física, inclusive. Na USP, por exemplo, temos duas pessoas para cuidar de figurino e lá tem toda uma equipe para isso. Eles têm uma oficina de marcenaria própria para cenografia, coisa que a gente não tem. É uma verdadeira máquina de produção! Além disso, a UNAM tem 14 salas de teatro e nós temos apenas duas, então, nesse sentido existe um encaixe”.

Em contrapartida, a UNAM não oferece pós-graduação em Teatro, sendo que seus profissionais ficam limitados a realizar estudos em áreas afins ou a ter que se deslocar para outros países com o objetivo de cursar mestrado ou doutorado. Segundo Mario Espinosa, “a Universidade tem especializações em Artes Visuais, Estética, História da Arte e Letras, mas não especificamente em Teatro, então, quem se dedica a fazer teatro acaba não ficando na UNAM”. De acordo com ele, o objetivo da Universidade é estruturar um programa que colabore para a formação de mestres e



Figura 2 – *Rodrigo S.M.* conta a história vivida por Macabea, de Clarice Lispector, tratando com beleza e simplicidade a personagem que também conquistou os mexicanos.

doutores, aproveitando a experiência que a USP tem na área. A médio prazo, o diretor do CUT espera que as gerações de artistas ativos na UNAM possam desenvolver suas capacidades formais de investigação e pesquisa, ao mesmo tempo em que seguem criando. “Buscamos o perfil do pesquisador que faz de seus processos criativos seus processos de análise formal, e esse lado não organizamos academicamente, apesar de acontecer na prática”.

RODRIGO S.M. E LA PASIÓN EN LA MATERIA

Selecionados a partir da oportunidade que se criou com o convênio de cooperação acadêmica entre as universidades, os atores e atrizes das escolas de teatro da UNAM e da USP trabalharam sob supervisão dos diretores Alberto Villarreal e Pedro Mantovani, respectivamente.

Alberto Villarreal é licenciado em Literatura Dramática e Teatro pela UNAM e possui mais de quarenta produções em seu currículo. Nascido em 1977, o autor e diretor de *La pasión en la materia*, obra interpretada pelo grupo de estudantes brasileiros, é um dos nomes de maior destaque do teatro mexicano recente. Pedro Mantovani, por sua vez,

estudou Filosofia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), é mestre pela mesma instituição e cursou Teatro na Escola de Arte Dramática (EAD). O diretor brasileiro escolheu a obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, para trabalhar com os alunos da UNAM, que em sua nova versão foi intitulada *Rodrigo S.M.*

Na opinião de Mario Espinosa, os diretores fizeram trabalhos muito diferentes. “Pedro Mantovani, diretor brasileiro, decidiu adaptar uma novela que é um clássico no Brasil e com um ponto de vista bastante particular fez uma montagem que pode ser considerada de denúncia social. Villarreal, por outro lado, prefere não dirigir obras de terceiros, mas escrever seu próprio texto”.

Os alunos do CUT apresentaram 40 vezes a obra *Rodrigo S.M.*, sendo que os estudantes da EAD e do CAC escolhidos para encenar *La pasión en la materia* apresentaram a peça somente durante o festival da UNAM. Mario Espinosa explica como sucedeu a dinâmica com o grupo brasileiro: “O espetáculo, que não teve uma vida tão longa, foi dado como morto pelos atores, que apresentaram no Brasil uma mescla da obra e de suas experiências. Sem dúvida, a característica peculiar do mundo criativo de Alberto também teve grande importância nesse processo, do qual ele participou”.



Figura 3 – Adaptação do espetáculo *La pasión en la materia* em apresentação no Brasil.

Para Mario, o processo de ensaios, executado na Cidade do México por ambas as equipes, teve papel fundamental no sentido de romper com as expectativas de todos: diretores, estudantes e escolas, o que permitiu que as obras se desenvolvessem com naturalidade em um contexto posterior às primeiras apresentações no Festival de Teatro Universitário da UNAM. Ele acredita que, ao respeitar-se o modelo de trabalho de cada escola, de cada diretor e de cada grupo de estudantes, foi possível atingir um resultado mais fiel à cultura de ambas as universidades.

POR DETRÁS DAS CORTINAS

Sol Sánchez, atriz que acabou de concluir seus estudos no CUT, protagonizou o espetáculo *Rodrigo S.M.* como Macabea. A jovem de 25 anos se lembra do primeiro contato que ela e seus companheiros

tiveram com o texto, quando finalmente começaram a trabalhar com Pedro Mantovani, sem nunca antes ter estado no Brasil ou sequer conhecer a autora Clarice Lispector. A montagem foi feita diretamente do México na presença do diretor brasileiro. Para ela, a experiência começou “um pouco às cegas”: “Pedro nos apresentou o texto e fizemos um grande trabalho de decifrá-lo. Sua ideia não era nos informar sobre quem era Macabea ou detalhar aspectos do contexto histórico. Ele queria buscar a parte mais social, a crítica que acredita estar presente no texto”. De acordo com a atriz, foi possível trabalhar com a obra “porque nem Macabea nem sua história são só brasileiras, esse é um texto que poderia ser representado em qualquer parte do mundo”. Sobre a construção do texto, Daniela de los Ríos conta que trabalhar na adaptação de uma narrativa que não foi originalmente pensada para o teatro também foi uma experiência muito enriquecedora. “Quando terminamos de ler a novela, esperávamos que Pedro fosse apresentar para a gente o texto dramático, mas não existia tal. Então, criamos um roteiro teatral, foi um processo muito interessante”.

Para Sol, a chance de visitar o Brasil ajudou a completar o processo de entendimento de certas correspondências culturais: “Muitas coisas nós não entendíamos, Pedro nos falava do preconceito social contra o nordestino e a gente tentava comparar com o caso mexicano do preconceito que existe contra o índio, mas outros detalhes eram ainda mais complicados. No México, quando a personagem de Daniela dizia em espanhol que era ‘carioca de pura sepa’ o público ficava se perguntando o que era ‘carioca’; só no Brasil essa expressão tem sentido, como também, referir-se ao sertão de Alagoas. São aspectos que dependem de referenciais que nós não tínhamos muito claros”. No entanto, ela revela que a essência, a matéria viva do texto, sempre lhe pareceu muito humana.

Na opinião do ator Marco Guagnelli, “os povos nativos do México são em sua grande maioria discriminados pela cultura cosmopolita, o que fez o público mexicano reconhecer o personagem de Macabea nem tanto pelo indígena, mas pelas



Figura 4 – Como na obra original de Clarice Lispector, Macabea vê sua história narrada em tom de crítica, burla e esquecimento.

peças de classe baixa, camada excluída nas sociedades latino-americanas”. Marco conta ainda que as plateias dos dois países reagiram de maneira particular ao espetáculo, “a obra era muito comovente no México, as pessoas choravam, viam-se refletidas na personagem de Macabea, mas tinham também aqueles que riam dela e expressavam o mesmo preconceito que tem o co-protagonista, seu namorado, Olímpico”. Para Sol, “no México, às vezes se passava um melodrama a mais, sendo que no Brasil a reação da maioria era de indignação e revolta”. Sobre esse ponto, Marco argumenta que “uma das razões para a crítica brasileira ser mais evidente é a proximidade com o referente cultural, o fato de terem consciência do papel do nordestino”.

Apresentado em espanhol para os espectadores brasileiros na Tenda Cultural Ortega y Gasset (equipamento cultural da Universidade de São Paulo), *Rodrigo S.M.* ganhou o público por sua expressividade. Como personagem colocado em posição de observação, Marco lembra dos momentos em que viu a plateia ter que escolher para onde direcionaria sua atenção. “Sendo aquele que confrontava o público me dei conta de que as pessoas às vezes se decidiam por ver a ação, sendo que também faziam suas pausas para ler a legenda. Mas, tratando-se de uma história conhecida pela maioria

dos brasileiros, o que acontecia é que muitos optavam por prestar atenção à performance e não ao texto”, o que considera bastante satisfatório como ator. “Foi enriquecedor para nós, porque percebemos como os atores podem ser tão completos como o são as palavras”.

No caso da obra *La pasión en la materia*, o processo de montagem aconteceu de forma diferente. Ao invés de o diretor mexicano se deslocar para o Brasil a fim de trabalhar com os atores, todo o grupo foi até o México se preparar para as apresentações do Festival de Teatro Universitário da UNAM, ocasião em que ambos os espetáculos estrearam. Segundo Darília Lilbé, “estar no país durante um mês foi muito válido por permitir a aproximação com outra cultura”. Para ela, a disponibilidade para o trabalho no México é muito interessante.

A atriz cita as especialidades desempenhadas pelos funcionários mexicanos como um ponto positivo na elaboração da peça e diz ter se surpreendido com a preocupação de Alberto em também cuidar de pequenos detalhes. “No palco, dispúnhamos de alguns objetos, como tabladros e cadeiras, e era curioso ver como ele media a distância entre cada um deles. Se tivessem centímetros a mais ou a menos entre uma cadeira e outra, o Alberto via de longe”, completa.

Além disso, Darília cita a questão de apresentar

Figura 5 – “A partir do momento em que dou o meu corpo para ser pichado, a plateia precisa tomar uma decisão: de sair, de pintar o próprio corpo ou de continuar sentada. O público precisa assumir um ponto de vista. Não estamos criticando sua forma de se colocar, apenas queremos que se coloquem”, Darília Lilbé sobre o encerramento da peça.



a peça em português para um público que fala espanhol como outro dos desafios que viveu junto de seus companheiros de palco. “Às vezes você termina a cena e se pergunta: Ele entendeu? Não. Ok. Apesar da legenda, essa troca foi muito importante. Muita gente assistia ao espetáculo duas ou até três vezes: a primeira, acho que só para ver o que era, depois uma só para ler e a terceira só para ver. Nós não contamos uma história, são muito mais provocações. Mas também tiveram aqueles que assistiram só uma vez e falaram: odiei ou adorei”.

Sobre as diversas reações ao final do espetáculo, ela compara a reação do público mexicano à plateia brasileira: “A peça terminava comigo sendo pichada tanto no México, como no Brasil. Acho que nós, brasileiros, estamos muito acostumados com o aplauso ou o *black-out*, então, terminar uma peça onde acontece uma performance e essa performance simplesmente se mantém, se mantém, se mantém... não é algo comum. No Brasil, as pessoas ficavam sem saber se podiam se retirar. No México, aconteceu a performance, tocaram duas, três, quatro músicas e acabou. Acabou”.

Foi também em meio a essa experiência que ela se deu conta da importância de discutir seu papel em cena como atriz negra, principalmente por estar em um país em que o preconceito está dirigido a

outros setores sociais. “Questionei meu papel como negra, mas eu nem poderia imaginar isso antes”. De acordo com ela, a Darília que fez *A paixão da matéria*, ela existe, mas está muito diferente. “Meus companheiros de cena também mudaram muito e até por isso a apresentação que fizemos no Brasil foi outra. Nem pior, nem melhor. Mais sincera”.

A atriz lembra ainda que essas adaptações – acompanhadas pelo diretor, para inserir o enredo em um novo contexto de experiências dos atores – foram importantes também para que a peça não tivesse uma leitura racista, “até porque ela não tem uma leitura racista”, como ressalta Darília. Por não estar igualada aos outros atores (de perfis muito semelhantes) no palco e funcionar como uma espécie de personagem a que ela mesma se refere como “verbo de ligação” entre as diferentes cenas, o grupo temia que o público brasileiro ficasse com a impressão de que tinha algo errado acontecendo. De acordo com a atriz, “essa é a nossa ferida” e, “talvez, se em seu lugar estivesse um índio, a reação, no México, pudesse ser parecida, como de: ‘oh, tem alguma coisa aí que é diferente, o curso dessa personagem, ela não está igualada aos outros atores’”.

SIGNOS E SÍMBOLOS

Troca de experiências importante para as duas partes, o intercâmbio cultural estabelecido entre a USP e a UNAM gerou mais do que uma cooperação acadêmica positiva. Sobre o processo de produção e os resultados obtidos com ambas as peças teatrais, Mario Espinosa comenta:

“No Brasil, Clarice Lispector é leitura quase obrigatória, o que dispensa a necessidade de se ver as letras. As pessoas sabem e querem ver o que está acontecendo [...] No México, o espetáculo é uma surpresa. E não importa se no México a obra de Villarreal foi apresentada de maneira distinta, porque o assunto do racismo também é interpretado de maneira distinta. Lá os espectadores se emocionavam, pintavam, aplaudiam e abraçavam os atores [...] No Brasil, ficaram muito surpresos. Sem saber se era bom se levantar ou não; pintar ou não”.

E conclui:

“O teatro por um lado é universal, mas por outro é um fenômeno local, sendo que alguns signos e símbolos podem ser entendidos por todos e outros são de lugar. Mas a partir daí, como explicar que uma mesma obra possa ter um contato tão diferente com os espectadores? Isso, acima de tudo, me parece apaixonante”.

NOTA: A estreia das obras Rodrigo S.M. e *La pasión en la materia* aconteceu em fevereiro de 2013 no México, sendo que as obras foram reapresentadas no Brasil em dezembro. De acordo com Ferdinando Martins, a USP e a UNAM têm convênio firmado até 2015. O convênio prevê a realização de atividades variadas que perpassam não só pelo universo do teatro, como também do cinema, da literatura e da sexualidade; tudo em concordância com o cronograma de eventos previsto para os próximos anos nas duas instituições.

FICHA TÉCNICA

La pasión en la materia

Autor, Diretor, Iluminação e Cenário: Alberto Villarreal

Elenco: Elton Santos, Juliana Prado, Juliana Spinola, Renan Dias e Darília Lilbé

Produção: Teatro UNAM/ TUSP/ Tenda Cultural Ortega y Gasset

Rodrigo S.M.

Direção e Adaptação: Pedro Mantovani

Elenco: Guillermo Revilla, Óscar Serrano, Ximena Sastrias, Marco Guagnelli, Daniela de los Ríos e Sol Sánchez

Produção: Centro Cultural Universitario/ UNAM/ TUSP/ Tenda Cultural Ortega y Gasset

Fotos: Mariana Maziero/Tenda Cultural Ortega y Gasset

MARINA SALLES graduanda em Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e repórter para o volume 11 da Revista Cultura e Extensão USP – e-mail: marina.salles.jor@gmail.com

ARTIGOS articles



Alfredo Volpi

Fachada

Coleção MAC-USP

Ano: 1955

Obra que faz parte da exposição
Os Volpis do MAC, em cartaz até
julho no MAC-USP Nova Sede.

A *Experimentoteca* do Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC-USP): 30 Anos de Contribuições ao Ensino de Ciências

Experimentoteca of the Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC-USP): 30 Years Contributing to Science Teaching

RESUMO

Este trabalho trata da *Experimentoteca*, projeto do Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC-USP) que busca prover as escolas da educação básica com materiais para a realização de experimentos nas aulas de ciências. Primeiramente, caracterizamos o CDCC enquanto instituição dedicada a difundir a ciência. Depois, narramos a gênese da *Experimentoteca* apoiados em depoimentos de seus criadores. Finalmente, discutimos os resultados de algumas pesquisas que a tomaram como objeto, considerando os sucessos e os desafios deste projeto, e seu papel enquanto iniciativa de extensão universitária.

Palavras-chave: CDCC. Experimentoteca. Experimentação no Ensino de Ciências. Educação.

ABSTRACT

This article reports on *Experimentoteca*, a project undertaken by Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC-USP) which aims to provide basic education schools with didactic materials so that experiments can be conducted in science classes. Firstly, we characterize CDCC as a science communication institution and then narrate the *Experimentoteca's* genesis based on testimonials from its creators. Finally, results of some researches into *Experimentoteca* are discussed, addressing its successes and challenges, as well as its role as an academic extension enterprise.

Keywords: CDCC. Experimentoteca. Experimentation in Science Teaching. Education.

RAFAEL CAVA MORI E
ANTONIO APRIGIO DA
SILVA CURVELO

Universidade de São Paulo.
Instituto de Química de São
Carlos, São Paulo, Brasil

INTRODUÇÃO

Em 2014 comemoram-se os 30 anos da *Experimentoteca*, projeto permanente realizado pelo Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC-USP), unidade da Universidade de São Paulo localizada em São Carlos. A *Experimentoteca* se apresenta como um laboratório de ciências portátil, disponibilizado para o uso em escolas através de um sistema de empréstimos. É constituída por kits distribuídos em 102 conjuntos temáticos, que correspondem a tópicos dos currículos das disciplinas de ciências físicas e naturais para os ensinos fundamental (64 kits) e médio (38 kits). Os kits são transportáveis por uma única pessoa, e apresentam materiais para o trabalho experimental de até 10 equipes de alunos, muitos de seus itens tendo sido desenvolvidos no próprio CDCC. A utilização da *Experimentoteca* não envolve qualquer tipo de custo financeiro aos professores ou às escolas. É o próprio CDCC que realiza a manutenção dos kits e a reposição dos materiais consumíveis, graças ao trabalho do setor responsável pela operação do projeto, composto por uma educadora* e seis estudantes de graduação bolsistas.

Neste artigo, seguiremos o seguinte percurso:

Primeiramente, caracterizaremos o CDCC enquanto instituição dedicada a colaborar para a difusão do conhecimento científico e, conseqüentemente, para a elevação do nível cultural da comunidade de São Carlos e região.

A seguir, falaremos especificamente sobre a gênese e a concepção da *Experimentoteca*. Nossas principais referências, neste momento, serão depoimentos dos seus próprios criadores, que podem ser considerados como constituintes de uma visão institucional – isto é, da USP, do CDCC – sobre esta iniciativa.

Finalmente, iremos expor o modo como a *Experimentoteca* se apresenta atualmente, discutindo os resultados de algumas pesquisas que a tomaram como objeto.

Figura 1 – Fachada do CDCC, à rua Nove de Julho, 1227, no centro de São Carlos. Créditos: Rafael C. Mori.



*Vanilde de Fátima Bongiorno, contratada pela USP desde 1985.

O SURGIMENTO DO CDCC

O CDCC é um dos diversos centros e museus de ciências criados no Brasil nos anos 1980. Entre instituições que lhe são contemporâneas, podemos citar o Espaço Ciência Viva, no Rio de Janeiro; o Museu de Astronomia e Ciências Afins, também no Rio; a Estação Ciência, em São Paulo; e o Museu Dinâmico de Ciências de Campinas.

Criado em 1980 como uma Coordenadoria de Divulgação Científica e Cultural da USP, surgiu respondendo aos educadores de São Carlos que, reunidos no I Simpósio de Integração Universidade-Escolas de 1º e 2º Grau em novembro de 1979, ansiavam por uma maior colaboração entre universidades e profissionais da educação básica para a melhoria do ensino. Especificamente, educadores das disciplinas de ciências físicas e naturais requeriam mais apoio por parte dos docentes universitários das áreas de Física, Química e Biologia – reunidos no então Instituto de Física e Química de São Carlos, da USP, e no Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – para a instrumentação de seu ensino, tanto através do oferecimento de cursos de formação continuada na universidade, quanto pelo desenvolvimento de materiais e roteiros para atividades práticas [5, 9].

Inicialmente, a CDCC dispunha de um único funcionário e ocupava apenas uma sala do prédio histórico da Società Dante Alighieri, alugado para as atividades iniciais da USP em São Carlos a partir de 1953. Já estando quase totalmente ocupado pela CDCC desde 1983, em 1985 o prédio foi adquirido pela Universidade (contando com recursos também da CAPES, do CNPq, da Finep e da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo) com a finalidade de sediar um centro de ciências [3, 9].

Atualmente, a Coordenadoria, que se tornou Centro em 1995, abrange também um observatório astronômico (no Centro de Divulgação da Astronomia Dietrich Schiel, localizado na área 1 do campus da USP de São Carlos) e mantém diversos espaços para visitação na sede histórica, à Rua 9 de Julho, 1227, bem no centro do município (Figura 1).

Além de exposições de ciências – tanto no ambiente externo de seu prédio, no chamado Jardim da Percepção (Figura 2), quanto no seu interior, onde estão o Espaço Vivo de Biologia e o Espaço de Física – o CDCC realiza uma série de atividades de apoio à educação básica. Na verdade, a atuação deste centro de ciências é, em sua maior parte, voltada para as ações educativas. De fato, no texto de descrição do CDCC presente na coletânea *Educação para a ciência: curso de treinamento em centros e museus de ciência* [3], ao lado de 12 atividades elencadas como as de maior destaque do centro (excursões e projetos envolvendo educação ambiental; orientação, plantões de dúvidas e minicursos para alunos da educação básica; orientação técnico-científica e cursos para professores da educação básica; palestras e debates sobre astronomia; cineclube; biblioteca e videoteca; atendimentos à distância), apenas um item trata da realização de exposições permanentes e itinerantes.

A exata dimensão da importância das ações educativas do CDCC, entretanto, pode ser apreendida pela análise de seu projeto de maior reconhecimento, impacto e difusão – a *Experimentoteca*.

Figura 2 – Mosaico de fotos do Jardim da Percepção, na parte externa do prédio do CDCC. Em sentido horário, a Casa Maluca (percepção da vertical), visitantes utilizando o equipamento da alavanca (percepção da força) e os ambientes de imersão do cerrado e da mata de galeria (percepção do ambiente).
Créditos: Rafael C. Mori.



A GÊNESE DA EXPERIMENTOTECA

Pode-se afirmar que a origem da *Experimentoteca* remonta a tempos anteriores à própria criação do CDCC.

Enquanto o mundo, polarizado pela Guerra Fria, assistia ao início do embate científico-tecnológico entre União Soviética e Estados Unidos, o Brasil criava, em 1950, o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC). Esta instituição, vinculada à USP e à UNESCO, orientou os diversos setores preocupados com a educação científica brasileira, incluindo os museus, a repensar suas atividades e desenvolver novas iniciativas. Graças ao IBECC, o Brasil se antecipou às grandes potências do ocidente, que só viriam a criar instituições e projetos semelhantes ao final desta década de 1950 [7]. Segundo Gaspar [5], ainda em seus primeiros anos de existência, o IBECC criou o projeto *Iniciação às Ciências*, produzindo kits de experimentos para alunos da educação básica, contemplando assuntos de física, química e biologia. Os kits continham todo o material para a execução dos experimentos, um manual com orientações e um folheto com leituras suplementares. Uma segunda etapa destas iniciativas pode ser identificada no engajamento do IBECC em traduzir e adaptar os projetos estadunidenses e ingleses de renovação curricular, produzidos na transição da década de 1950 para a de 1960. Estes materiais, orientados de início pela pedagogia tecnicista, propugnavam o método da aprendizagem por redescoberta, através de atividades que pudessem levar à apreensão do método científico, geralmente baseadas na experimentação.

A grande demanda pela produção de material experimental, por parte do IBECC, foi uma das razões que levou à criação da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do

Ensino de Ciências (FUNBEC) em 1966. Gaspar afirma que, até o final da década de 1960, a parceria IBEC-FUNBEC originaria 15 projetos, alguns envolvendo a produção de kits experimentais, como a Coleção Mirim (30 kits) e a Coleção Cientistas de Amanhã (21 kits). Já na década seguinte, após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 5.692/1971, foram produzidas novas coleções de kits, um laboratório portátil de física, biologia e química (projetado para a realização de experimentos em sala de aula) e o projeto *Os Cientistas*. Esta ação, datada de 1972, compreendeu a elaboração de 50 kits de material experimental vendidos em bancas de jornal, e é considerada por Gaspar a mais importante iniciativa para a divulgação científica já desenvolvida no Brasil. Segundo ele, o primeiro volume da coleção vendeu cerca de 200 mil cópias, e as vendagens se estabilizaram, em volumes futuros, em cerca de 50 mil exemplares.

Impossível não se associar, portanto, a criação da *Experimentoteca* com a iniciativa pioneira e bem sucedida do IBEC em produzir massivamente materiais para a realização de experimentos didáticos, visando à universalização do método experimental.

Apesar disso, pode-se dizer que o embrião da *Experimentoteca* nasceu de reivindicações bastante concretas da prática dos educadores de São Carlos, como demonstra o seguinte fragmento das atas do I Simpósio de Integração Universidade-Escolas de 1º e 2º Graus, reproduzido por Schiel:

Propõe-se a criação de um grupo de trabalho envolvendo físicos, químicos e biólogos para a elaboração de material para os cursos de ciências do primeiro grau [...] Propõe-se que o Instituto de Física e Química de São Carlos ofereça cursos de Instrumentação [...] cuja finalidade seja a preparação de um conjunto de protótipos e roteiros para os laboratórios nas escolas. Solicita-se que o Instituto de Física e Química de São Carlos estude a viabilidade da construção deste equipamento, devendo o mesmo ficar guardado em um almoxarifado central na cidade, a ser requisitado pelas escolas, quando necessário [9].

Esta “preparação de um conjunto de protótipos e roteiros para os laboratórios nas escolas” teve início, efetivamente, em 1984 [9, 11, 12]. Schiel relata que este ano assistiu ao crescimento das atividades do CDCC como um todo, o que foi motivado pelo surgimento do *Programa de Aperfeiçoamento do Desenvolvimento Científico e Tecnológico* (PADCT), apoiado pelo Banco Mundial:

Graças à intercedência de Sérgio Mascarenhas, foi possível incluir nesse programa um Subprojeto de Educação para a Ciência (SPEC), base necessária para qualquer desenvolvimento científico e tecnológico. Isso fez com que pela primeira vez surgissem recursos institucionais para projetos auxiliares às Secretarias de Educação que não fossem meros trabalhos de pesquisa educacional, isto é, que aliassem à dimensão da pesquisa uma conotação de extensão universitária, com o propósito explícito de poder influenciar o ensino regular destinado a grandes populações estudantis [9].

Garantidos os recursos financeiros, a gênese da *Experimentoteca*, para finalmente se consumir, precisou ainda que a equipe do CDCC atacasse três ordens diferentes de problemas ou desafios: a questão operacional, a questão do design e a questão propriamente didático-pedagógica.

A questão operacional diz respeito à própria filosofia orientadora da *Experimentoteca*.

Figura 3 – Fotos da *Experimentoteca* em uma de suas primeiras versões, na década de 1980. Créditos: José Braz Mania.



Se a ideia inicial do projeto foi instrumentalizar a prática dos professores de ciências de São Carlos, deveria ser concebida uma forma de se abastecer a educação científica do município com materiais didáticos de fácil acesso e utilização. A maneira encontrada para operacionalizar isto foi a criação do sistema de empréstimo dos materiais desenvolvidos no CDCC por sua equipe interdisciplinar de pesquisadores e técnicos. Assim, o CDCC deveria fornecer estes materiais aos professores da mesma maneira que uma biblioteca é capaz de prover de livros a uma dada população, e vem daí o nome *Experimentoteca*.

Ao longo dos anos, esta questão operacional foi acrescida de outras saídas práticas que vieram potencializar a viabilidade do projeto em São Carlos. Podemos mencionar, entre estas saídas, a alocação do setor responsável pela *Experimentoteca*, num primeiro momento, em uma das salas do subsolo do prédio do CDCC, muito próxima à garagem da instituição, facilitando o carregamento de veículos com os kits para seu transporte até as escolas (que é oferecido de forma gratuita às escolas públicas de São Carlos) e, posteriormente, a transferência deste setor para uma casa vizinha ao CDCC, alugada pela USP, permitindo a centralização do trabalho relacionado à *Experimentoteca* em um único local, sem prejuízos para a mencionada facilidade de acesso aos transportes. Ainda, isto possibilitou melhores condições para a manutenção constante dos kits, exigida pela elevada quantidade de empréstimos.

A questão do design é aquela cuja resolução levou a resultados mais imediatamente apreensíveis pelos usuários da *Experimentoteca*. A necessidade de produzir um material didático para uso não apenas de professores em demonstrações, mas pelos próprios alunos – em acordo com uma concepção pedagógica crítica ao ensino tradicional – levou a *Experimentoteca* a se constituir como um conjunto de kits para o trabalho experimental de equipes ou grupos de alunos. Para isso, além de cada kit necessariamente conter material suficiente para o trabalho simultâneo de 10 grupos de quatro estudantes (considerando um máximo de 40 estudantes por sala de aula, nas salas das escolas públicas da educação básica), deveriam ser encontradas maneiras de dispô-lo de modo otimizado em seus “recipientes”. As primeiras tentativas de viabilizar a ideia, como relembra Schiel, entrevistado por Luisa Massarani e Fabio Gouveia em novembro de 2002 [10],

foram marcadas pela modéstia e pelo imprevisto e, com o passar do tempo, o projeto foi se sofisticando. Assim, no início da década de 1990 o design dos kits foi repensado de modo a se tornar menos amador, a partir de uma parceria com Christian Folz, engenheiro da Faber Castell (indústria que possui sede em São Carlos). No trabalho *Projeto Experimentoteca: a contribuição do design* [12], os autores relatam as soluções adotadas para a armazenagem dos materiais experimentais em caixas de madeiras facilmente transportáveis por apenas uma pessoa – o que se tornou uma das “marcas registradas” da *Experimentoteca* –, baseadas em preceitos do campo do design industrial. Entre estes preceitos estão a subordinação da relação forma/conteúdo à qualidade estética, à satisfação do usuário, à possibilidade de produção em série, aos custos e, obviamente, ao perfeito atendimento às finalidades a que o produto se propõe.

Finalmente, há a questão didático-pedagógica propriamente dita, que se impôs mais fortemente nos momentos iniciais da concepção do projeto: desde a própria ideia que motivou a criação da *Experimentoteca*, discutida pelos professores reunidos no I Simpósio de Integração Universidade-Escolas de 1º e 2º Graus, até os primeiros anos de sua existência, em que foram produzidos e testados os primeiros protótipos de materiais. Schiel, falando sobre o modo como a equipe do CDCC se confrontou pela primeira vez com este desafio, argumenta:

A Experimentoteca foi concebida como um meio auxiliar para o ensino de ciências, aliada a leitura, discussões, visitas e a própria aula expositiva. Isso significa que o programa em si não constitui um programa didático mas, como qualquer meio auxiliar, possibilita a criação de maneiras adequadas utilizadas pelo professor [11].

Os idealizadores da *Experimentoteca* investiram cerca de cinco anos em ciclos de desenvolvimento/aplicação/investigação/novo desenvolvimento dos materiais, até a finalização dos kits para o ensino fundamental. Em fevereiro de 2012, entrevistamos um dos membros da equipe original que planejou a *Experimentoteca*** , que assim se pronunciou sobre este momento:

Nós fizemos a testagem em escolas, aqui em São Carlos, deste material. Na verdade tem uma pesquisa, em paralelo, no desenvolvimento da *Experimentoteca*, que é pra ver aspectos didáticos mesmo. Então é assim: não adianta você pensar num kit, pensar num experimento se não sabe como isso vai funcionar em sala de aula, se de fato o aluno aprende, se o professor tem dificuldade, etc. Isso tudo caminhava em paralelo, né, dentro de um projeto grande que é a *Experimentoteca*.

No entender deste pesquisador, o “projeto *Experimentoteca*” – ou melhor, o Projeto, com “p” maiúscula – se restringiu apenas a este momento; daí suas declarações de que

** A entrevista fez parte do projeto *O laboratório didático e a materialidade do ensino de ciências em São Carlos*, que resultou em uma monografia homônima. O trabalho pode ser consultado na Fundação Pró-Memória de São Carlos.

O Projeto *Experimentoteca* acabou. Não a *Experimentoteca*, ela continua, com aportes cada vez mais fortes, mas o Projeto [...] que tinha a equipe inteira trabalhando no desenvolvimento, no teste nas escolas, esse projeto acabou, não existe mais.

Schiel, Curvelo e Ferreira explicam a importância desta fase de testes para a constituição dos kits:

A metodologia do projeto *Experimentoteca* prioriza ações de intervenção na escola que estejam baseadas na aprendizagem ativa/participativa por meio de atividades cooperativas/interdisciplinares, pois os resultados de pesquisa na área de educação têm mostrado que a simples introdução de inovações tecnológicas, sem a fundamentação teórica/metodológica inerente, é infrutífera e ineficiente. [...] Uma maneira de minimizar esse fator de resistência para a adoção e difusão de propostas inovadoras na educação é envolver os professores na fase de concepção do projeto e, posteriormente, na difusão dos mesmos, dando ao material produzido uma feição articulada com o cotidiano escolar [12].

De qualquer forma, quando o CDCC decidiu expandir a *Experimentoteca*, de modo a cobrir tópicos do currículo do ensino médio, o Projeto foi retomado. Outra característica interessante do trabalho de concepção e teste dos kits é que a equipe responsável necessariamente teria de envolver profissionais de diversas áreas:

Eu participava, não só na química – eu coordenava toda a parte da química –, mas também nas outras áreas. Isso era legal, que a equipe era bem interdisciplinar. Então é assim, eu trabalhava também os kits de física, de biologia etc., e eu me dedicava muito ao de química, aí eu tinha a equipe própria que trabalhava... [...] o CDCC é muito legal porque, principalmente quando eu tava lá, eu não via muita separação nas atividades por área. Você tem liberdade de atuar de maneira multidisciplinar mesmo. É assim... multi e interdisciplinar. Que é assim, os projetos normalmente eles pegam mais de uma área. Então tem projeto que ele próprio pega física, química, biologia, matemática e tal. É... então ele é multidisciplinar. Mas a equipe trabalha interdisciplinarmente. Você, mesmo sendo químico, você tem participação lá na biologia e entra nisso, desenvolve alguma coisa, e é algo que também ajuda na química e por aí vai.

A *Experimentoteca* para o ensino médio foi desenvolvida durante dez anos, numa dinâmica que envolveu mais de uma centena de profissionais, entre a equipe do CDCC, professores e alunos da educação básica e colaboradores especialistas em diferentes áreas técnicas.

O conjunto dos depoimentos acima demonstra, portanto, que a *Experimentoteca* não é apenas um projeto de provimento de materiais didáticos para a educação científica escolar. Por ter envolvido em sua concepção o empenho de profissionais vindos de diversos setores do conhecimento, com destaque para a participação de sujeitos da educação básica como avaliadores dos protótipos, a *Experimentoteca* se apresenta como uma iniciativa que condensa anos de práxis educacional, materializando as vivências de um grande conjunto de educadores brasileiros dedicados ao ensino das ciências.

DISCUSSÃO

Desafios e Perspectivas da Experimentoteca na Atualidade

Atualmente, a *Experimentoteca* para o ensino fundamental se encontra disseminada para 31 universidades, centros e museus de ciências em diversos estados do Brasil. Este processo de difusão, ocorrido a partir de 1991, contou com o auxílio da extinta Fundação Vitae. Os recursos desta entidade, que se notabilizou por fomentar projetos envolvendo educação, cultura e promoção social, possibilitaram que a *Experimentoteca* se tornasse disponível, ainda no início da década de 1990, em mais de 20 cidades, do estado de Santa Catarina ao Pará [10]. A Vitae possibilitou também a publicação, no ano 2000, dos dois volumes d'O livro da *Experimentoteca*, que reúne os roteiros dos experimentos para o ensino fundamental e apresenta orientações e sugestões aos professores, pedagogicamente fundamentadas em teorias contemporâneas sobre o ensino e a aprendizagem.

Além de sua difusão para outros territórios, é possível afirmar que a *Experimentoteca*, em termos de sua proposta e seu modelo de funcionamento, alastrou-se para ao menos outro programa desenvolvido no próprio CDCC: trata-se do *ABC da Educação Científica – Mão na Massa*. O projeto iniciou-se na década de 1990 com o programa estadunidense *Hands On*, proposto por Leon Lederman (Prêmio Nobel de Física), estendendo-se à França em 1995 com o apoio de Georges Charpak (outro Prêmio Nobel de Física), onde adotou a denominação *La Main à la Pâte*. Aportou ao Brasil em 2001 como atividade de cooperação entre as academias de ciências brasileira e francesa, conduzida inicialmente em escala piloto por três centros, a Estação Ciência, a Fundação Oswaldo Cruz e o CDCC.

O *Mão na Massa* apresenta uma metodologia para o ensino de ciências baseada na investigação, voltada para a educação infantil e às séries iniciais do ensino fundamental. O programa preconiza a realização de atividades diferenciadas em sala de aula, priorizando a discussão, o planejamento, a experimentação e a observação, articulando a aprendizagem do conhecimento científico com o desenvolvimento das expressões oral e escrita. Em São Carlos, as atividades do programa envolvem “cursos de formação continuada [de professores], mostras de trabalhos, produção de material didático e adaptação de material de apoio” [13]. Especificamente quanto a este trabalho de produção de material didático, incorporou-se ao *Mão na Massa* o desenvolvimento de kits semelhantes àqueles da *Experimentoteca*, estando hoje disponíveis aos professores, também por um sistema de empréstimo, seis deles. Os temas dos kits são apropriados ao ensino de noções elementares das ciências para os anos iniciais da escolarização: *Diagnóstico ambiental*, *Estados físicos da água*, *Flutua ou afunda*, *O céu e a terra*, *Órgãos dos sentidos* e *Resíduos sólidos*.

Apesar de existir já há três décadas, pouco se produziu a respeito da *Experimentoteca* em termos de pesquisas acadêmicas. Genuinamente, há apenas três pesquisadores que desenvolveram trabalhos, em nível de pós-graduação, em que ela é tomada como objeto central. Os autores, que produziram dissertações de mestrado na área de Educação – mais especificamente, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS-Car –, são Renato Eugênio da Silva Diniz [2], Célia Lusia Martinelli Joaquim [6] e

Renata Pereira Canales [1]. Vejamos algumas questões discutidas por estes trabalhos.

Quanto à pedagogia que orientaria os kits, Diniz [2] conclui que seja qual for – pois não havia nenhum material do CDCC que a pudesse explicitar, à época em que seu estudo se realizou –, ela seria pouco compatível com uma concepção construtivista, que buscasse relegar grande autonomia aos estudantes. Joaquim [6], em outros termos, afirma algo parecido: a *Experimentoteca*, pelo próprio caráter dos materiais que a constituem, aproxima-se mais do modelo de laboratório estruturado, ou seja, aquele que promove a experimentação orientada por instruções precisas. Segundo o depoimento de uma professora entrevistada por Canales [1], de fato, as possibilidades de os alunos utilizarem autonomamente o material são remotas, pois geralmente não estão familiarizados com o ensino experimental.

Sendo assim, Diniz [2] acredita ser um ponto negativo da *Experimentoteca* sua proposta de trabalho com roteiros experimentais bem detalhados, o que tolheria a criatividade dos alunos, tornando sua prática mecânica, automática, irrefletida. Joaquim [6] rebate esta crítica: há a necessidade do roteiro para que as atividades possam ocorrer sem imprevistos que impliquem em desorganização do trabalho escolar. Além disso, não será a existência de um roteiro experimental que conseguirá conter o dinamismo e o espírito criativo e “experimentador” dos jovens, afirma a autora.

Diniz [2] argumenta também que a *Experimentoteca* pode até ser um facilitador para o trabalho do professor, quanto ao aspecto operacional, não significando, no entanto, que seu uso efetivamente melhore a aprendizagem em ciências. Joaquim [6], em sua defesa do projeto do CDCC, desvia-se um pouco da questão e discorda de seu colega. De modo mais equilibrado, Canales [1] conclui que a *Experimentoteca* até auxilia na aprendizagem e ajuda a despertar o interesse científico dos alunos, mas em uma intensidade decepcionante. Segundo sua pesquisa, mesmo os alunos expostos aos kits pouco se interessam por carreiras científicas, e não demonstram a aquisição de um vocabulário mínimo para se comunicar em termos do linguajar das ciências.

Apesar de críticas parciais, detectadas no trabalho de Diniz [2], sobre a quantidade de kits e sobre possibilidades de aprimoramento do material, em geral os dados dos três trabalhos respaldam a qualidade da *Experimentoteca* e sua facilidade de acesso e uso pelos docentes. Não fosse o material do CDCC, muitos estudantes estariam privados de se familiarizar com determinados fenômenos, estudados pela ciência, no próprio ambiente escolar, o que é fundamental para a superação dos conhecimentos do senso comum.

Os trabalhos concordam também que, apesar destas contribuições, a *Experimentoteca* não é capaz de resolver todas as questões envolvidas na qualidade do ensino de ciências. Existiriam outras mediações, a serem atacadas com a mesma diligência com que o CDCC fez com a questão da experimentação no ensino em São Carlos, cuja resolução deveria ocorrer simultaneamente com o desenvolvimento, a aplicação e a avaliação da *Experimentoteca*. Estas mediações vão além da iniciativa individual dos docentes e do seu âmbito mais local de ação, e esbarram nas questões implicadas na materialidade da educação – o sistema de ensino, a estrutura organizacional e a continuidade das políticas e iniciativas.



Figura 4 – Mosaico com fotos do interior e do exterior do design atual da Experimentoteca. Créditos: José Braz Mania.

CONCLUSÕES

A função educativa de órgãos como centros e museus de ciências nunca foi tão valorizada. Entende-se que estas entidades possuem grande responsabilidade, enquanto instituições educacionais, por caberem a elas considerável parte das aprendizagens que não são possíveis durante a (curta) vida escolar dos indivíduos. Atendendo a clamores pela maior participação destas instituições na formação humana, temos visto os centros e museus de ciências se preocuparem cada vez mais com esta sua função educativa: treinam-se mais e melhor os monitores/mediadores, pedagogos passam a se tornar indispensáveis em seu quadro de profissionais, elaboram-se programas de visitas para o recebimento da população escolar, oferecem-se cursos a professores da rede oficial de ensino, e mesmo parte da formação inicial destes docentes passa a ocorrer nestes espaços.

Conforme os depoimentos dos sujeitos envolvidos na concepção e na organização da então Coordenadoria de Divulgação Científica e Cultural – coligidos ao longo deste artigo –, desde seu início esta entidade esteve voltada para a melhoria do ensino de ciências em São Carlos e, posteriormente, em outros municípios. Uma visita ao CDCC confirma que as coleções de objetos, neste centro, são apenas um entre diversos outros elementos, diferentemente do que comumente se reconhece como

um museu de ciências. Sua vocação é mesmo o fomento ao ensino escolar, em detrimento da ênfase sobre o aspecto expositivo.

Enquanto projeto realizado por uma unidade da USP voltada para a divulgação da ciência e da cultura, a *Experimentoteca* pode ser enquadrada como um projeto de extensão universitária. Mais do que isso, esta iniciativa do CDCC se mostra em sintonia com uma visão crítica sobre a extensão, que não a reduz a mero assistencialismo, pelo contrário, a concebe como um processo contínuo de elevação do nível cultural da população assistida, que é posta em comunicação (relação recíproca, bidirecional) com o saber científico [4, 8]. Com efeito, a constituição dos kits de materiais didáticos envolveu ampla participação de docentes das escolas públicas de São Carlos e demandou um período prolongado de testes. As sucessivas reformulações pelas quais estes materiais passaram, durante este momento, terminaram por garantir que o produto final materializasse diversos tipos de saber – o saber conceitual das disciplinas científicas, o saber didático-pedagógico, o saber sobre o design – e, portanto, pudesse atender às exigências da práxis educativa neste município e em outras localidades. Portanto, o sucesso da *Experimentoteca* pode ser atribuído ao fato deste projeto ser o resultado de um abrangente e perene processo de diálogo entre os saberes científicos do mundo acadêmico e os saberes experienciais dos professores da educação básica.

Nem um saber, nem o outro, poderiam sozinhos levar à concretização de um empreendimento como a *Experimentoteca*, que chega a seus 30 anos como um projeto já consolidado, voltando-se para a melhoria da educação básica brasileira, mas ainda com desafios a enfrentar.

REFERÊNCIAS

- [1] CANALES, Renata Pereira. **O Centro de Divulgação Científica e Cultural da Universidade de São Paulo, campus São Carlos: um projeto de extensão universitária.** 2006. 143p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.
- [2] DINIZ, R. E. S. **A experimentação e o ensino de ciências no 1º grau: analisando a Experimentoteca de 7ª série.** 1992. 228p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1992.
- [3] FERREIRA, E. R. O.; SCHIEL, D.. Centro de Divulgação Científica e Cultural. *In: CRESTANA, S.; HAMBURGER, E. W.; SILVA, D. M.; MASCARENHAS, S. (Orgs.). Educação para a ciência: curso de treinamento em centros e museus de ciência.* São Paulo: Livraria da Física, 2001. p. 611-615.
- [4] FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?.** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 93 p. (O mundo hoje; v. 24).
- [5] GASPAR, A. **Museus e centros de ciências: conceituação e proposta de um referencial teórico.** 1993. 173p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

- [6] JOAQUIM, Célia Lusia Martinelli. **Estudando a experimentação no ensino de ciências**. 1992. 195p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1992.
- [7] KRASILCHIK, Myriam. **O professor e o currículo das ciências**. São Paulo: EPU, 1987. 84p. (Temas básicos de educação e ensino).
- [8] SAVIANI, D. **Ensino público e algumas falas sobre universidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991. 110p. (Coleção polêmicas do nosso tempo).
- [9] SCHIEL, D. Centro de Divulgação Científica e Cultural de São Carlos: o centro de ciência em toda parte. In: CRESTANA, S.; HAMBURGER, E. W.; SILVA, D. M.; MASCARENHAS, S. (Orgs.). **Centros e museus de ciência: visões e experiências: subsídios para um programa nacional de popularização da ciência**. São Paulo: Saraiva, 1998. p. 189-195.
- [10] SCHIEL, D. Colocando a mão na massa. **Brasiliana: a divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro, [200-]. Disponível em: <<http://www.museudavida.fiocruz.br/brasiliana/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=84&sid=31>>. Acesso em: 4 jan. 2014.
- [11] SCHIEL, D. A construção do conhecimento pelo aluno no programa Experimentoteca. In: CRESTANA, S.; HAMBURGER, E. W.; SILVA, D. M.; MASCARENHAS, S. (Orgs.). **Educação para a ciência: curso de treinamento em centros e museus de ciência**. São Paulo: Livraria da Física, 2001. p. 261-264.
- [12] SCHIEL, D.; CURVELO, A. A. S.; FERREIRA, L. H. Projeto Experimentoteca: a contribuição do design. **Divulgações do Museu de Ciências e Tecnologia (PUCRS)**, Porto Alegre, v. 4, p. 149-154, 2004.
- [13] SCHIEL, D.; XAVIER, A. S. O.; SANTOS, S. A. M.; CASTRO, A. C.; FAGIONATO-RUFFINO, S. **Ensino de ciências por investigação**. São Carlos: Centro de Divulgação Científica e Cultural/Compacta Gráfica e Editora, 2009. v. 1. 160p.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à CAPES, pelo financiamento; ao pesquisador entrevistado, pela gentileza em conceder seu depoimento; e aos profissionais do CDCC, em especial ao setor responsável pela *Experimentoteca*. Este artigo é dedicado à memória do professor Dietrich Schiel (1940-2012), idealizador da *Experimentoteca* e ex-diretor do CDCC.

RAFAEL CAVA MORI doutorando do Instituto de Química de São Carlos (IQSC-USP) – e-mail: rafael.mori@usp.br

ANTONIO APRIGIO DA SILVA CURVELO professor titular do Instituto de Química de São Carlos (IQSC-USP), diretor do Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC-USP) de 2003 a 2010 e atual membro de seu Conselho Deliberativo. Foi um dos coordenadores do projeto *Experimentoteca* para o ensino médio – e-mail: aprigio@iqsc.usp.br

Cinema e Vídeo em Escolas da Rede Pública de São Paulo: Experiência de Ensino e Aprendizagem

Cinema and Video in Public Schools of São Paulo: Experience of Teaching and Learning

RESUMO

Este artigo analisa a experiência de oficinas audiovisuais desenvolvidas no interior do Programa *Novos Talentos* da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, coordenado pela professora Vera Baeta Henriques e financiado pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Neste ano, o projeto está completando dois anos de atividades. Dentre suas realizações, encontram-se as atividades de oficinas de vídeo em escolas da rede pública de ensino de São Paulo, executadas por membros – estagiários eicineiros – associados ao CINUSP Paulo Emílio (Cinema da Universidade de São Paulo). O presente artigo pretende trazer uma abordagem reflexiva e crítica sobre o percurso das oficinas nas escolas, apontando quais foram seus primeiros objetivos e métodos, assim como seus primeiros resultados e debates. Também descreve quais mudanças foram necessárias realizar no percurso das oficinas e quais ideias surgiram do contato com os alunos e as instituições escolares.

Palavras-chave: Oficinas de Vídeo. Educação. Cinema.

ABSTRACT

The Culture and Extension Project of USP, *Novos Talentos*, which is sponsored by Capes, has been developed now for two years. Among its accomplishments, there are activities such as the video workshops that take place at Public Schools from the State of São Paulo, led by associate members – trainees and educators – of the CINUSP Paulo Emílio. This paper aims to share a reflective and critical approach concerning this work's pathway, pointing to its first objectives and methods, as well as to its first results and discussions. There are also described some changes that have become necessary in order to develop the video workshops and some of the outcomes brought by the contact with the students and their schools.

Keywords: Video Workshops. Education. Cinema.

ANDRÉ MANFRIM,
BRENO ISAAC
BENEDYKT,
CHRISTIANE MATOS
BATISTA, MARCOS
YOSHISAKI E
THIAGO BATISTA
BEZERRA

Universidade de São Paulo.
CINUSP Paulo Emílio, São
Paulo, Brasil

INTRODUÇÃO

Desde 2011, o CINUSP Paulo Emílio, no interior do tripé universitário de Cultura e Extensão, promove oficinas de vídeo engajadas na inserção da cultura audiovisual na educação pública da região metropolitana de São Paulo. O trabalho faz parte do projeto interdisciplinar *Novos Talentos*, financiado pela Capes e encabeçado pela Comissão de Cultura e Extensão do Instituto de Física da Universidade de São Paulo (IF-USP). O componente audiovisual do projeto é coordenado pelo CINUSP em parceria com a Faculdade de Educação (FE-USP) e a Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP). Enquanto outros componentes do projeto estão voltados diretamente ao desenvolvimento de atividades curriculares, as oficinas de vídeo – seja com professores, seja com alunos, ou com ambos – são inseridas no contexto escolar como atividades extracurriculares e, como tais, suscitam questões específicas: (1) disponibilidade de professores e alunos para o estabelecimento de compromissos no contraturno escolar e (2) viabilidade da disponibilização, por parte da escola, de sua infraestrutura no período das oficinas.

Em janeiro de 2011, professores, técnicos, estagiários eicineiros ligados ao CINUSP realizaram oficinas para professores no âmbito do Encontro USP-Escola; no segundo semestre do mesmo ano e ao longo de 2012 e 2013, foram realizadas oficinas de vídeo para alunos da rede pública de ensino de São Paulo que aconteceram nas sedes das suas escolas. Este artigo analisa a experiência das oficinas nas escolas com alunos do ensino fundamental e ensino médio, realizadas por estagiários eicineiros.

Um breve mapeamento histórico de documentos oficiais que regulam a educação brasileira sugere que o trabalho com conteúdos e técnicas audiovisuais em escolas passou a ser estimulado a partir das exigências incluídas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de 2000, que valorizam atividades educativas extraescolares. Essas exigências foram incluídas nas Diretrizes Curriculares do Estado de São Paulo no ano de 2008, produzindo novas aberturas para iniciativas como a aqui apresentada, uma vez que preveem, entre outras coisas, o incentivo à realização de atividades educacionais extracurriculares, ou seja, atividades inovadoras, que estejam fora das propostas estritamente previstas para o ensino das disciplinas regulares em sala de aula. As oficinas de vídeo são atividades extracurriculares e interdisciplinares que entendem o trabalho com vídeo como um facilitador no processo ensino-aprendizagem que, além de permitir o diálogo entre diversas áreas do conhecimento, estimula os alunos a exercitar sua criatividade a partir do uso de uma linguagem já incorporada ao cotidiano, porém cujos processos de produção são menos evidentes e intuitivos do que parecem ser.

As oficinas de vídeo realizadas nas escolas são conduzidas por alunos de graduação e recém-formados nas áreas de comunicação, artes e educação. Assim, o trabalho pôde promover o encontro entre dois aparelhos públicos de ensino: um seletivo, a Universidade de São Paulo, e outro obrigatório, representado por três instituições de ensino público: Escola Municipal Jardim da Conquista, em Perus, Escola Estadual Professor Gabriel Ortiz, na Penha e Escola Estadual Augusto de Oliveira Jordão, no município de Diadema. O trabalho nas escolas nasceu a partir da repercussão que teve uma oficina realizada com professores durante o Encontro USP-Escola no ano

de 2011, quando foi solicitado por alguns dos docentes participantes que o trabalho fosse também desenvolvido nas escolas, junto aos seus alunos.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Os objetivos das oficinas são: sensibilizar e capacitar os alunos a manipular os códigos e técnicas da realização audiovisual e propiciar o reposicionamento dos alunos em sua escola e bairro de moradia a partir da expressão audiovisual. Os desafios do projeto envolvem a definição de estratégias para que os objetivos das oficinas fossem realizáveis a partir do contexto social dos alunos, das estruturas físicas e institucionais das escolas e do próprio projeto. Vale observar a relação de estranhamento que em geral cerca escolas – avessas ao universo das tecnologias digitais, no qual os alunos transitam muito bem – e os meios audiovisuais, especialmente o cinema, a TV e a internet. Observamos que a desigualdade social brasileira se expressa e se reproduz na centralização dos meios de produção e distribuição audiovisual. Conteúdos audiovisuais, com raras exceções, reforçam discriminações de gênero, cor e classe social. Oficinas de audiovisual com alunos e professores de escolas públicas podem contribuir para gerar parâmetros estéticos e políticos capazes de desarticular discriminações. Vistas dessa perspectiva, essas oficinas ajudam também a reposicionar escolas dispostas a desenvolver seu potencial de produção de conhecimento.

A inspiração teórica para o trabalho se adensou em contato com a Profa. Dra. Moira Toledo*, cuja experiência em ensino de audiovisual com jovens de baixa renda é extensa, de grande reconhecimento e importância. Deste encontro foram retiradas reflexões importantes que auxiliariam na elaboração de estratégias de como obter um contato mais efetivo com os alunos, além de auxiliar na elaboração de uma metodologia. Sua tese de doutorado na ECA [4] serviu de base teórica para as oficinas, visto que a sua pesquisa mapeou quase a totalidade das experiências com educação audiovisual popular no Brasil no período entre 1990 e 2009. Após extenso levantamento quantitativo, Toledo fundamenta os princípios pedagógicos e filosóficos dos processos formativos desencadeados nos alunos. O centro propulsor da análise de Toledo é Paulo Freire – onipresente no discurso de coordenadores, professores e pesquisadores do EAP – e sua pedagogia da autonomia.

Pensamos, então, numa metodologia e, por meio dela, no desenvolvimento de estratégias que levassem em conta a desconstrução dos discursos que restringem a experiência do processo de criação audiovisual, visto que existe em nossa sociedade uma série de discursos que paralisam as vontades de criar através da prerrogativa de que o

*A descrição de seu percurso profissional é bastante longa, mas, para a presente escrita, é importante dizer que Moira Toledo atuou como educadora e colaboradora pedagógica em projetos como o Perifa, as Oficinas Kinoforum, as Oficinas do Festival do Minuto, a Casa do Zezinho e a Academia Internacional de Cinema. Ver: Toledo, M. (2010). *Educação Audiovisual Popular – Panorama 1990 – 2009*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP). Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-19112010113739/publico/2351228.pdf.

desenvolvimento criativo encontra-se destinado apenas àqueles que podem usufruir do acesso aos movimentos do mercado que difunde o contato com a inovação e tecnologia como meios para a realização criativa [1]. Por isso, decidimos somar aos nossos objetivos, posteriormente enumerados, uma atenção especial em relação a tais discursos, afim de enfraquecê-los sempre que surgissem como uma justificativa paralisadora.

Além das oficinas, o CINUSP passou a promover também atividades que buscam realizar a interlocução entre a academia e movimentos culturais que acontecem nas periferias da cidade, como as mostras *Cinema da Quebrada*, realizadas em outubro de 2012 e dezembro de 2013.

Após um primeiro contato com as escolas, realizado antes da finalização do primeiro semestre de 2012, pensamos que os espaços em torno delas poderiam ser trabalhados nos filmes. Assim, a partir de algumas conversas com os alunos a respeito do que achavam sobre realizar visitas a outros locais fora do espaço escolar, à procura de locações em espaços de convívio e de encontro com outras pessoas de seus bairros, concluímos que seria interessante agregar aos nossos objetivos e metodologia atividades desenvolvidas fora das escolas, percorrendo os bairros, ainda que estes apresentem situações urbanísticas precárias e de difícil acesso.

Com esses elementos em mente, delimitamos que um de nossos objetivos, para além da realização de curta-metragens, seria o de estimular os alunos, por meio dos dispositivos audiovisuais, a explorarem novas perspectivas sobre os espaços do seu cotidiano, visando locais públicos de uso coletivo ou apenas de passagem de transeuntes. Por exemplo, além da escola, uma praça, uma rua do bairro, um centro de convivência ou qualquer outra localidade com a qual tivessem algum contato anterior. Fazendo uso dos recursos da realização audiovisual, como o plano fílmico, o recorte, a manipulação do som, a ficção e o documentário, e transformando-os em um meio catalisador de novas formas de perceber esses espaços, os alunos seriam convocados a ver e a inserir-se diferentemente no cotidiano.

Procuramos estar atentos aos novos interesses que o embate entre os alunos e seu desejo de aprender a fazer filmes pudessem gerar. Tendo isso em vista, o conceito de *lugar antropológico* de Marc Augé [1], definido como “simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa”, nos ajudaria a orientar quais práticas deveriam ser incluídas durante o andar da própria atividade.

Por fim, para concluir a elaboração das etapas do trabalho a ser desenvolvido, compreendemos que não se tratava apenas de repassar aos alunos as teorias do cinema acerca do espaço, seja ele físico, representacional, simbólico ou fílmico, como o caracterizou Jacques Aumont [2]. Temos que o espaço, no momento em que se transforma em imagem, ou em elemento fílmico, passa a ter um novo estatuto, processual e pragmático.

Com base nessas considerações conceituais, traçamos como objetivos: 1) realizar todas as etapas do processo de criação de um curta-metragem que teria exibição final no CINUSP com a presença de professores e alunos das escolas e da USP; 2) contribuir para que outras produções audiovisuais fossem possíveis após as atividades de nossa equipe, ou seja, que os alunos ganhassem certa autonomia no fazer; 3) aumentar o repertório fílmico dos alunos, diversificando o universo de formas a que eles têm

acesso, aguçando a sua capacidade de leitura crítica de imagens; 4) provocar modos de perceber e de intervir nos espaços do cotidiano.

RESULTADOS

Alguns problemas surgiram logo após o período inicial das oficinas. Uma escola onde seria realizada uma oficina desistiu de participar, devido a falta de interesse da direção, o que nos levou a remanejar nossos objetivos para dar maior amplitude ao percurso das oficinas que se seguiriam.

Outra dificuldade que encontramos foi em relação a filmagens fora dos espaços escolares, atividades previstas em nossos objetivos. Pais de alunos mais novos, do ensino fundamental II, não autorizaram a saída de seus filhos do espaço escolar por temer a possível violência a qual estariam expostos ao transitarem pelas ruas do bairro. Enfrentamos também o desligamento de alguns dos alunos por conta da distância entre as escolas e suas casas e, sobretudo, pelo fato de parte deles ter que trabalhar, o que dificultava a permanência nas escolas após as atividades curriculares.

Ao final das oficinas, o resultado foi positivo. Cumprimos, mesmo que não de forma ideal, todos os passos do percurso até a realização dos curtas-metragens. O material produzido durante as oficinas foi exibido no CINUSP durante o evento que marcou o encerramento das atividades, contando com a participação dos alunos envolvidos, de professores, coordenadores e diretores das escolas e da equipe do CINUSP. Esse encontro gerou um interessante debate e muitos agradecimentos por parte dos alunos e da coordenação das escolas. Nesse mesmo dia, houve também uma visita monitorada à ECA. Para além desses resultados, a oficina contribuiu para a criação de um núcleo de produção audiovisual em uma das escolas. Esse núcleo produziu um vídeo que foi premiado no Festival do Minuto em 2012.

Com esses resultados positivos, passamos a vislumbrar a organização de novas oficinas para o próximo ano, levando em conta que algumas mudanças seriam necessárias.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Quando partimos para os encontros, constatamos que deveríamos esclarecer aos alunos que a nossa ação junto a eles seria pontual e que, para o desenvolvimento de um trabalho consistente, seria preciso estabelecer um acordo entre as partes. As atividades estariam relacionadas a um repertório básico de conteúdo e técnica, que demandaria continuidade em momentos “extra-oficinas” por parte deles, com apoio de professores que nos acompanhariam ao longo das atividades, tendo em vista os limites dos equipamentos que existiam na ocasião de nossa chegada e que, possivelmente, continuariam a existir após a nossa saída. Essa primeira ideia visava permitir que as escolas pudessem proporcionar alguns recursos básicos para realizações audiovisuais após o término de nossas oficinas, como o registro de eventos escolares, por exemplo.

Três principais fatores nos levaram a desenvolver reflexões, estudos e remanejamento

de algumas de nossas estratégias e posicionamentos para futuras oficinas, o primeiro deles em relação às dificuldades que encontramos em levar os alunos a outros espaços que estivessem fora do ambiente escolar. Acabamos concluindo, em relação a isso, que deveríamos tentar ampliar nossas parcerias para além daquela realizada com a escola e que, para as próximas oficinas, seria importante nos aproximarmos de centros culturais, pontos de cultura ou ONGs presentes nas regiões próximas à escola, fortalecendo o caráter extracurricular da atividade. Assim, talvez, também conseguiríamos garantir, entre as instituições, um maior fluxo dos alunos no interior do bairro. Pensando neste novo formato, de parcerias, em poucas semanas nos aproximamos do Jardim Miriam Arte Clube**. A escolha das escolas com as quais trabalharíamos no ano seguinte, seria, portanto, orientada pela viabilidade de um trabalho junto à instituição.

Por outro lado, em relação à desistência de alunos interessados devido, sobretudo, às dificuldades econômicas, concluímos que não tínhamos recursos suficientes para sanar este tipo de limitação. Porém, tais fatores não podiam ser ignorados e, durante a vivência com os alunos no cotidiano das escolas, admitimos ser importante uma maior reflexão sobre tais questões, à procura de um esclarecimento em relação àquilo que vigorava no interior de nossas práticas.

Para nossa compreensão a respeito dessas questões, passamos a nos pautar em estudos que discutem a situação de nosso tempo presente. Para isto, tomamos como uma de nossas referências o estudo realizado pelo filósofo francês Michel Foucault [3], que se dedicou a pensar o nascimento de um novo projeto político e econômico, supostamente consolidado no período do pós-guerra e que ficou conhecido pelo termo “neoliberalismo”. Em seus escritos localizamos a exposição de debates sobre economia e governo que aconteceram nas décadas que se seguiram ao período da segunda grande guerra, quando é possível notar que o bem-estar social encontra-se cada vez menos presente em vista do surgimento de projetos sociais que têm como foco o acréscimo de capital humano, ou seja, de valor utilitário à produção do mercado. Assim, nos novos projetos a preocupação em relação à diminuição das desigualdades sociais passa a ser ofuscada em vista do aumento das possibilidades de ascensão no interior dos mecanismos da concorrência de mercado. Diante desse contexto, as oficinas atuam como instrumento capaz de criar novas formas de os alunos perceberem o mundo, ainda que a nossa intervenção frente ao cenário de desigualdade social com o qual nos deparamos não seja determinante ao ponto de possibilitar mudanças estruturais.

Diante disto, retomamos nossas reflexões, cientes de que não poderíamos nos deixar levar por questões de ordem de formação técnica com vista apenas ao mercado de trabalho. Frisamos, então, que nossos projetos futuros deviam ter como objetivo proporcionar experiências de contato com os recursos de criações audiovisuais e desmitificar os aparatos e o processo criativo e, com isso, incentivar produções independentes que intensifiquem o surgimento de novos estilos de cinema.

Por fim, outro fator que nos auxiliou a reforçar a importância de nossa função

**Fundada em 2004 pela artista plástica Mônica Nador, o JAMAC é uma associação sem fins lucrativos formada por artistas e moradores do bairro Jardim Miriam.

primordial na formação preliminar de potenciais produtores independentes foi a descoberta de que os alunos de uma das escolas, logo após o início das primeiras oficinas, já mostravam certo domínio do processo criativo. Os alunos mais velhos expressavam noções de construção imagética, o que concorre para a desconstrução da ideia de relações pautadas por uma hierarquia entre nossos saberes. Notamos, com isso, que o que nos dava o direito de ocupar o lugar dos professores era o de “saber mais”, mas não muito mais que nossos alunos. Passamos a notar que, enquanto professores, ocupávamos um lugar mais próximo ao de *mestre ignorante*, que abre outras possibilidades de pensamentos e criação, do que ao de *sábios*, portadores de algo nobre e desconhecido o qual o outro deve alcançar pelo saber – como bem caracterizou Jacques Rancière [5] a respeito de Joseph Jacotot (do professor militante do século XIX): a recusa de *instruir* comportamentos e *explicar* saberes visa valorizar, de forma igualitária, as diferentes inteligências e, assim, pode vir a desarticular algumas estratégias discursivas que fortalecem as divisões hierárquicas das inteligências.

Tais reflexões nos levaram a uma compreensão mais sincera a respeito daquilo que nós e os alunos tínhamos em comum, a saber, a vontade de realizar trabalhos de audiovisual em conjunto e, assim, obter a experiência de passar por cada uma das etapas de realização de um filme.

Por fim, confirmamos que o ensino audiovisual tem um potencial enorme de estimular o engajamento criativo de alunos. É unânime, no contato com projetos, leituras e nas nossas próprias experiências, o enorme potencial agregador e transformador do cotidiano dos alunos que a atividade audiovisual estimula. Ela abre espaço para descobertas, atiça a curiosidade em âmbitos diversos, como ciências, história, artes, etc. Os depoimentos sobre alunos interessados, que se estruturam em torno do fazer fílmico, são muitos. Os desafios de agora em diante são: manter a atividade extracurricular e desenvolver o potencial interdisciplinar. Como fazer isso na atual estrutura escolar? Outra questão suscitada é: em que medida o fazer audiovisual nas oficinas pode incrementar a formação no ensino universitário do audiovisual? Como o contato com esses alunos pode ou não mudar o fazer fílmico dos alunos e professores da universidade engajados nesse trabalho?

REFERÊNCIAS

- [1] AUGÉ, M. **Não Lugares: introdução a uma antropologia da super-modernidade**. Campinas: Papirus, 2012.
- [2] AUMONT, Jacques. **O olho interminável – cinema e pintura**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- [3] FOUCAULT, M. **O Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- [4] TOLEDO, M. **Educação audiovisual popular no Brasil: panorama, 1990-2009**. Tese (Doutorado em Comunicação e Artes). São Paulo: USP, 2010. 361f. 2 v.
- [5] RANCIÈRE, J. **O Mestre Ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ANDRÉ MANFRIM graduando em Audiovisual da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Diretor, fotógrafo e operador de câmera, atua como educador nas oficinas de audiovisual do projeto Novos Talentos do CINUSP Paulo Emílio

BRENO ISAAC BENEDYKT graduado em Pedagogia e mestrando da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Atua como educador nas oficinas de audiovisual do projeto Novos Talentos do CINUSP Paulo Emílio – e-mail: breno.benedykt@gmail.com

CHRISTIANE MATOS BATISTA graduada em Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe e pós-graduada em Cinema, Vídeo e TV do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Atua como educadora nas oficinas de audiovisual do projeto Novos Talentos do CINUSP Paulo Emílio.

MARCOS YOSHI graduado em Audiovisual da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Diretor, fotógrafo e operador de câmera, atua como educador nas oficinas de audiovisual do projeto Novos Talentos do CINUSP Paulo Emílio

THIAGO BATISTA BEZERRA graduando em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Atua como educador nas oficinas de audiovisual do projeto Novos Talentos do CINUSP Paulo Emílio

A Cidade Olímpica de Piraju (SP) – Interface entre o Jornalismo Esportivo, o Meio Ambiente e a Canoagem*

The Olympic City Of Piraju (SP) – Interface between Sports Journalism, Environment and Canoeing

RESUMO

Este artigo revela a experiência do projeto *A Cidade Olímpica de Piraju (SP) – Interface entre o Jornalismo Esportivo, o Meio Ambiente e a Canoagem*, que foi desenvolvido na Universidade de São Paulo entre 2012 e 2013. A iniciativa foi premiada em primeiro lugar na área de Ciências Humanas do 3º Simpósio Aprender com Cultura e Extensão, promovido pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, em 2013. O contato com a natureza e os moradores locais foram determinantes para a inserção da bolsista diante da proposta. Além disso, a iniciativa propiciou a integração entre a aluna, o coordenador (docente), os funcionários e os protagonistas, eixo fundamental para o desenvolvimento de projetos de ensino, pesquisa, cultura e extensão em universidades. O projeto segue o ideal do curso de graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da ECA-USP, que é determinado pelo princípio da Universidade Aberta, estabelecendo um papel inovador ao oferecer serviços gratuitos à comunidade.

Palavras-chave: Canoagem. Estância Turística de Piraju. Meio Ambiente. Jornalismo.

ABSTRACT

This article reveals the experience of the project *The Olympic City of Piraju (SP) – Interface between Sports Journalism, Environment and Canoeing*, which was developed in the University of Sao Paulo between the years 2012 and 2013. The initiative won the first place award in the field of Human Sciences during the 3rd Symposium Aprender com Cultura e Extensão (free translation To Learn with Culture and University Extension), held by the Office of the Provost for Culture and Extension, in 2013. The

*Projeto vencedor na área de Ciências Humanas do 3º Simpósio Aprender com Cultura e Extensão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP em 2013.

LUCIANO VICTOR
BARROS MALULY

Universidade de São Paulo.
Escola de Comunicações e
Artes, São Paulo, Brasil

contact with nature and the local dwellers were decisive for the immersion of the student (scholarship recipient) in the proposal. Furthermore, the initiative propitiated the integration between the student, the coordinator (teacher), the personnel and the protagonists, which is a fundamental part to develop projects in education, research, culture and extension in Universities. The project follows the ideal of the Graduation Course in Social Communication, with emphasis in Journalism, from ECA-USP, which is determined by the principle of Open University, establishing an innovative role by offering free of charge services to the community.

Keywords: Canoeing. Touristic Ranch of Piraju. Environment. Journalism.

INTRODUÇÃO

ÁGUA BOA (essa cidade é o cais...)

Cidade onde a água faz curva

A curva do rio

A rua na margem

A margem do rio

A lua no meio

Do meio do rio

O rio corrente

O rio corrente

A água passando

O tempo batendo

A água levando

A água lavando

Mil peixes, mil copos

A água faz curvas

Além, muito além dessa curva

E vai...

Rio que não é reto, é denso

Rio que ponte abaixo tem garganta

Rio que pouco acima faz lagoa

Rio de água boa

Cidade na margem

O mar fica longe

O sol fica aqui

Parapanema verde

Rio que vem lá da Usina

Águas descendo, descendo, descendo

Essa cidade é o cais...

[14]

“Passar a infância no interior” é uma experiência fantástica, em especial, pelo contado com a natureza, os amigos e parentes. Ficam as lembranças das peripécias e dos momentos felizes, como aqueles vividos com os pais e avós. A Estância Turística de Piraju, no interior de São Paulo, a 340 quilômetros da capital, é um desses lugares inesquecíveis. É ali onde fui criado num ambiente saudável, cheio de alegrias e descobertas, com destaque para o contato com o rio Paranapanema, local propício para o lazer e à prática dos esportes aquáticos. A natação, a pesca e os barcos constituíram esse cenário, que ainda permanece intacto em decorrência da luta dos ambientalistas locais.

Sempre comento na Universidade de São Paulo sobre esse tempo e, quando possível, toco a música *Brasilinha*, uma das faixas do CD *São Sebastião do Tijuco Preto* (referência ao antigo nome da cidade), do cantor, compositor e conterrâneo Oswaldinho Viana. Nela, uma frase resume um tempo de felicidade: *Saudade é o tempo que ficou sem querer me abandonar* [13].

Foi assim, depois de 25 anos vivendo fora do município, que recebi uma ligação telefônica de um amigo de infância, o Prof. Dr. José Luiz Fernandes Cerveira Filho, da Universidade Federal do Paraná. “Precisamos fazer um projeto sobre a nossa cidade”, dizia. Escrevemos o artigo *Comunicação, Esporte, Turismo e Meio Ambiente: Como a Canoagem Transformou Piraju (SP) em Cidade Olímpica*, publicado na Revista *Organicom* (Número 15) da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), no segundo semestre de 2011. O texto destaca a experiência dessa modalidade esportiva no município, com detalhes sobre a revelação de atletas olímpicos e a popularização do esporte e da atividade física. Os frutos desse trabalho são notórios, como é o caso da atleta Poliana Aparecida de Paula, ex-aluna da zona rural que foi a primeira brasileira a participar de uma Olimpíada, em Pequim (China), 2008, quando também alcançou um resultado inédito para o País ao chegar às semifinais da canoagem Slalom K1.

Uma das vertentes desse artigo foi a inscrição do projeto *A Cidade Olímpica de Piraju (SP): Interface entre o Jornalismo Esportivo, o Meio Ambiente e a Canoagem* no programa *Aprender com Cultura e Extensão*, edição 2012-2013, da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU-USP). O eixo do trabalho seria a condução do jornalismo e, por conseguinte, do esporte como ferramenta de conscientização ambiental. Foi assim que recebi a bolsista Izabela de Souza Gusmão, do curso de bacharelado em Esporte da Escola de Educação Física e Esporte (EEFE-USP).

A primeira lição foi a de introduzir os valores do esporte e do olimpismo, como o respeito, a amizade e a excelência [3], revelando um universo maior que o da competitividade sem limites, sempre exaltada pela mídia.

Logo depois, possibilitou-se o contato com as ferramentas jornalísticas, fundamentadas pela discussão em torno da mensagem (técnica e conteúdo). O auxílio do funcionário Ulisses Rodrigues de Paula, do Departamento de Jornalismo e Editoração, foi fundamental naquele período, por possibilitar a inserção da aluna no universo digital, espaço ideal e barato para a divulgação do material impresso e em audiovisual. O trabalho atingiu ali um momento especial, pela integração da comunidade uspiana (aluno, professor e funcionário), parceira indispensável para a viabilização de projetos acadêmicos na Universidade, com a população, no caso os protagonistas (atletas, treinadores e demais integrantes).

A etapa seguinte caracterizou-se pelo contato da aluna com o universo do esporte, no caso o da canoagem, fato propiciado com o apoio da Prefeitura Municipal da Estância Turística de Piraju (SP). Neste contexto, foi determinante o auxílio dos servidores públicos locais, que deram todo o respaldo à proposta. Com o fomento da Comissão de Cultura e Extensão da ECA, Izabela esteve no município. Para ela, seria a oportunidade de observar a relação entre o meio ambiente e o esporte na cidade em que uma modalidade olímpica depende da preservação de seu rio.

No mesmo espaço, que serve tanto à prática da canoagem como ao lazer dos moradores, Izabela conviveu com os atletas, que também ensinam aos cidadãos, especialmente às crianças, as técnicas da canoagem. Foi recebida com carinho e conheceu o trabalho realizado em Piraju e, assim, a realidade do esporte no Brasil, que sobrevive entre dificuldades e conquistas. Senti que o objetivo do projeto estava cumprido, pelo fato de demonstrar que “foi possível compartilhar o conhecimento e a felicidade”, ensinamento deixado pela minha mãe, a educadora Maria Aparecida Barros Maluly.

No dia 10 de setembro de 2013, acordei às 3h30 da madrugada para acompanhar Izabela e as demais bolsistas da ECA no 3º Simpósio Aprender com Cultura e Extensão, evento que reúne cerca de mil projetos desenvolvidos na USP, realizado em Ribeirão Preto. Fomos muito bem recebidos pela equipe coordenada pelo Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho. Após as palestras, as apresentações e as avaliações dos painéis, tivemos de retornar a São Paulo, porque todos estavam cansados e algumas alunas ainda teriam atividades na USP.

No meio do caminho, recebemos uma ligação do professor Dennis de Oliveira, da ECA, informando sobre a premiação do nosso projeto, com o primeiro lugar na área de Ciências Humanas. Fiquei muito emocionado, principalmente pelo dever cumprido e por perceber que a humildade e o cuidado com a formação dos nossos jovens são valores que continuam presentes nas escolas, como este exemplo da Universidade de São Paulo.

A PROPOSTA

EXTENSÃO

Eu busquei encontrar na extensão um caminho
Um caminho qualquer para qualquer lugar.
Eu segui ao sabor de todos os ventos
Mas somente a extensão.

Chorei. Prostrado na terra eu olhei para o céu
E pedi ao Senhor o caminho da fé.
Noites e noites foram-se em silêncio
E somente a extensão.

Quis morrer.
Talvez a terra fosse o único caminho
E à terra me abracei esperando o meu fim
Porém tudo era terra e eu não quis mais a terra
Que era a grande extensão.

Quis viver.
E em mim mesmo eu busquei o caminho
Na ansiedade de uma última esperança
Eu olhei – e volvi à extensão desesperado
Era tudo extensão.

[10]

Na sequência, um resumo do projeto *A Cidade Olímpica de Piraju (SP) – Interface entre o Jornalismo Esportivo, o Meio Ambiente e a Canoagem*, que foi apresentado (em banner) pela aluna Izabela de Souza Gusmão no 3º Simpósio Aprender com Cultura e Extensão, realizado em Ribeirão Preto.

Objetivos

A região da Estância Turística de Piraju (SP) é um dos pontos turísticos mais interessantes da região sudeste brasileira, por causa de seus recursos naturais, culturais e, mais recentemente, os esportivos. O desenvolvimento da canoagem no rio Paranapanema trouxe uma mudança no comportamento dos moradores, sobretudo os jovens, que passaram a enxergar a modalidade para além do lazer, como uma forma de ascensão social, já que muitos atletas locais se destacaram no cenário internacional. Com isso, os principais objetivos deste trabalho foram os de divulgar os valores olímpicos e de auxiliar o desenvolvimento das modalidades olímpicas pelo jornalismo.

Material, Métodos e Ações Desenvolvidas

As ações desenvolvidas foram conduzidas pela produção de materiais jornalísticos sobre o esporte olímpico no Brasil. Para baratear o custo, foi construído um site junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração da USP. Este espaço foi fundamental para a inserção de informações (impresas e em audiovisual) sobre a canoagem em Piraju. Desta forma, foi possível construir um método simples para a inserção dos dados on-line.

Resultados

a) Realização de trabalhos de divulgação esportiva em plataforma multimídia, com a bolista sendo estimulada pelo contato com os valores olímpicos e as técnicas em jornalismo

esportivo; b) Construção de um site** destinado ao desenvolvimento da canoagem, pela inserção de dados captados no local pela bolsista, disponibilizados por colaboradores (principalmente pela canoísta e professora Milene Wolf) ou coletados em outras fontes.

Conclusões

Foram estimulados os valores olímpicos, como a excelência, a amizade e o respeito, por meio da divulgação do trabalho realizado em Piraju (SP). Permitiu-se à bolsista, aluna do curso de Esporte da USP, o contato com esportistas e com o jornalismo. Foi possível, ainda, disponibilizar um espaço para a divulgação de uma modalidade.

Considerações Finais

Com a proximidade das Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016, a experiência de Piraju é um exemplo para que o legado do evento no Brasil deixe marcas para o futuro. Este projeto é uma proposta jornalística a ser utilizada para o desenvolvimento do esporte olímpico no Brasil. Além deste projeto, a USP está presente no município com a manutenção do Centro de Arqueologia Ambiental do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE).

PROJETOS DE CULTURA E EXTENSÃO EM JORNALISMO

ORAÇÃO DO MILHO

Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.
Meu grão, perdido por acaso, nasce e cresce na terra descuidada.
Ponho folhas e haste e se me ajudares, Senhor, mesmo planta de acaso, solitária, dou espigas e devolvo em muitos grãos, o grão perdido inicial, salvo por milagre, que a terra fecundou.
Sou a planta primária da lavoura.
Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo.
E de mim, não se faz o pão alvo, universal.
O Justo não me consagrou Pão da Vida, nem lugar me foi dado nos altares.
Sou apenas o alimento forte e substancial dos que trabalham a terra, onde não vingam o trigo nobre.
Sou de origem obscura e de ascendência pobre.
Alimento de rústicos e animais do jugo.
Fui o angú pesado e constante do escravo na exaustão do eito.
Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.
Sou a farinha econômica do proletário.
Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam a vida em terra estranha.
Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos paióis.
Sou o cocho abastecido donde ruminam o gado

** www.eca.usp.br/cje/canoagempiraju

Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece.
Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta dos seus ninhos.
Sou a pobreza vegetal, agradecida a Vós, Senhor, que me fizeste necessária e humilde

SOU O MILHO

[4]

Levar o conhecimento para além dos muros das universidades é um dos desafios dos docentes e pesquisadores da Universidade de São Paulo. Um compromisso assumido em conjunto com as aulas, pesquisas, publicações e demais atributos da rotina acadêmica. São propostas de um grupo de profissionais dispostos a oferecer um pouco de seu tempo à comunidade e à construção de um país.

Boa parte dos projetos de cultura e extensão visa ampliar o horizonte dos alunos que, em muitos casos, traduzem a academia como um universo distante e fora da realidade. Desta forma, a possibilidade de convívio com as pessoas (e, por conseguinte, diminuir diferenças) é também uma maneira de quebrar um certo preconceito existente para com a universidade no Brasil.

A área da saúde talvez seja um dos espaços de destaque pela apresentação de propostas que permitem a aplicabilidade direta de conhecimentos junto ao cidadão. Assim, o Hospital Universitário e o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP conseguem atingir o patamar de excelência pela relação entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Muitas propostas tentam *popularizar o saber*, demonstrando que é possível conhecer e aplicar metodologias para finalidades antes desconhecidas.

Se o lugar do repórter é na rua, projetos de cultura e extensão são intrínsecos ao jornalismo que, geralmente, segue uma linha de serviços reforçada pela tentativa de abertura das mídias, transformando os meios de comunicação (jornal, rádio, televisão, internet e outras mídias) em espaços democráticos, voltados ao debate em torno das condições sociais. Para isso, os repórteres convivem com as situações, dos acontecimentos às personagens. O jornalista necessita “saber das coisas”, como diz o ditado popular, justamente para facilitar a interpretação do público diante do desconhecido.

Além da divulgação, reforçar a integração entre a população e a comunidade acadêmica está entre os principais objetivos do trabalho de extensão em jornalismo. Os projetos revelam, assim, a possibilidade de aprendizado contínuo promovido pela troca de experiências. A reportagem é o exemplo mais visível deste comportamento, com o jornalista a conviver com uma realidade antes desconhecida. Torna-se possível compartilhar e, ao mesmo tempo, encontrar caminhos.

JORNALISMO ESPORTIVO

O olimpismo, na percepção do Comitê Olímpico Internacional (COI), de acordo com a Carta Olímpica, é entendido como a base filosófica que envolve o movimento olímpico e exalta as qualidades do corpo, a vontade e o espírito, associando-se ao esporte, à educação e à cultura. O Olimpismo é considerado a própria filosofia do esporte, contribuindo para um estilo de vida das pessoas, pela: alegria do esforço físico, valor educativo do bom exemplo e respeito pelos princípios éticos universais [12].

A especialização em esportes nem sempre é compreendida pelos editores das redações dos principais periódicos. Muitos jornalistas colocam a notícia apenas como um meio de promoção de eventos e é por isso que os noticiários são preenchidos, em sua maioria, por anúncios e resultados das principais competições (aquelas com patrocinadores e de interesse das emissoras, em particular, a televisão). O futebol, o tênis, o basquete, o vôlei, as lutas são alguns dos esportes que ficam sempre em evidência nos principais meios de comunicação.

As modalidades com menos recursos e organização, assim como as atividades físicas e esportivas, ficam relegadas aos breves espaços, geralmente cedidos quando acontece algum fato inédito (como uma conquista, contusão ou punição) ou mesmo durante o período de campeonatos mundiais, como a Copa do Mundo de Futebol, os Jogos Olímpicos ou Pan-Americanos.

A mudança desse quadro contribuirá para o desenvolvimento do esporte em países como o Brasil; e a semente já está sendo implantada nas principais universidades, como a USP. O Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP) oferece, há três anos, a disciplina optativa *Jornalismo Esportivo: a prática além do futebol*, que recebe alunos dos mais variados cursos, além dos inscritos no programa *Universidade Aberta à Terceira Idade*. A intenção é apresentar algumas ferramentas do jornalismo que possam ser utilizadas nas mais diversas áreas do conhecimento. A produção de crônicas, artigos, entrevistas, reportagens e blogs compõem o quadro de uma cobertura esportiva baseada na ética, na interatividade e nos princípios do olimpismo.

A cada dia aumenta o interesse dos alunos de graduação e de pós-graduação, além de professores e funcionários, em desenvolver trabalhos sobre temas relacionados ao esporte. Destaque para o fortalecimento da pesquisa como caminho de reflexão e aperfeiçoamento do jornalista, tanto no meio acadêmico como no profissional. Neste âmbito, o *Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação* da ECA-USP oferece a disciplina *A Pauta Esportiva e Olímpica: reflexões entre Jornalismo e Turismo* como um espaço para a análise de temas de impacto diante da comunicação, do urbanismo e do lazer. O interesse é possibilitar um aumento do número de projetos de mestrado e doutorado com temas relacionados ao esporte, ao olimpismo e suas vertentes.

A relevância social é fundamental aos projetos acadêmicos em jornalismo e, por isso, tornam-se incompletos sem propostas diante da cultura e da extensão. A organização de eventos, cursos, além da distribuição do material produzido, são reflexos do trabalho de ensino e pesquisa e integram o processo de divulgação da ciência e da tecnologia. Além de diversos encontros, o Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP oferece oficinas e cursos gratuitos destinados à iniciação e ao aperfeiçoamento na área, com destaque para os cursos organizados por iniciativa do Prof. Dr. José Coelho Sobrinho, como o de *Jornalismo e Políticas Públicas Sociais*, em parceria com a Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) e a Rede ANDI Brasil, e o projeto *Redigir****, uma iniciativa cidadã dos alunos do curso de Jornalismo, por meio

*** projetoredigir.com. Acesso em: 31 jan. 2014.

do ensino da língua portuguesa. Diante do esporte, torna-se fundamental o trabalho do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Popular e Alternativo (ALTERJOR), que oferta oficinas com temas relacionados a trabalhos independentes que podem ser realizados fora da chamada *grande mídia*, entre elas, a de *Jornalismo Olímpico* e da *Cobertura Jornalística sobre Copa do Mundo*, como a de 2014, a ser realizada no Brasil.

NOTÍCIA ESPORTIVA

A função da notícia é orientar o homem e a sociedade num mundo real. Na medida em que consegue, tende a preservar a sanidade do indivíduo e a permanência da sociedade [11].

A construção da notícia é uma tarefa árdua para o jornalista, pelo constante contato com as situações que, muitas vezes, são delicadas e exigem um certo rigor em termos de apuração. No jornalismo esportivo, as dificuldades são permanentes em termos de estrutura e, entre elas, está a divulgação. Há pouco interesse em modalidades pouco conhecidas ou praticadas, que aparecem somente em momentos específicos, como na ocasião dos Jogos Olímpicos.

O momento agora é delicado, porque as Olimpíadas serão realizadas no Brasil, com sede na cidade do Rio de Janeiro, em 2016. A pauta esportiva está concentrada, atualmente, no desempenho dos atletas e na cobrança dos gastos para com o evento. Diante do legado, fica a esperança de melhores condições aos esportistas, assim como benefícios à população em relação à infraestrutura, no caso dos transportes, educação, praças esportivas e assim por diante.

A notícia esportiva traz, neste momento, uma discussão sobre a própria função do jornalista e, por conseguinte, dos comunicadores: seria mais uma oportunidade de mudança da própria sociedade? Uma forma de contestação por meio do esporte, não somente como crítica para com os eventos aqui realizados, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, mas uma maneira de repensar o próprio modo de vida dos brasileiros.

Trata-se de um momento de solidariedade, de *dar um tempo* na vida acelerada, de se preocupar consigo e com o próximo, olhando nos olhos de quem precisa. Surge a oportunidade de aproveitar as calçadas, um pedaço das ruas, o rio, o mato, o mar, as areias, as quadras, os campos e todos os locais onde exista a possibilidade de cultivar o corpo e mente.

O compromisso do jornalismo é para com as pessoas – o de mostrar onde realidades estão sendo construídas, no meio do esforço e das dificuldades. Para isso, surgem as reportagens, as páginas na internet, revelando que o esporte está tão próximo quanto o estudo e o trabalho. Um movimento que nos acelera para o bem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo é uma obra de criação que tem que ter a pretensão de transformar. O nosso protagonismo é o protagonismo dos narradores, mas a nossa pretensão tem que ser essa, a pretensão de transformar. As pessoas são a razão de ser do nosso trabalho,

por mais que os sujeitos sociais sejam instituições. Essa institucionalização é irreversível e boa, pois é pela instituição que o mundo se tornou falante. Entretanto, nós temos que pensar nas pessoas. A transformação é importante na medida em que elimina as exclusões, as diferenças e as desigualdades; na medida em que ajuda as pessoas a serem felizes e a entenderem o mundo e o seu próprio papel no mundo. Então é para as pessoas que a gente trabalha, não é para as instituições [2].

O interesse em projetos de cultura e extensão, particularmente do servidor público ligado à educação, é reforçado pelo princípio da solidariedade, uma fórmula de auxílio à comunidade, como meio de facilitar o acesso ao desconhecido. No jornalismo, é possível diminuir a distância pela notícia, independentemente da mídia. Do analógico ao digital, o fundamental é a informação para todos.

O curso de graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP) segue o princípio da Universidade Aberta, apresentando diversas atividades e serviços à comunidade. Neste âmbito, além dos já citados, incluem-se ainda as distribuições de jornais impressos (*Jornal do Campus, Notícias do Jardim São Remo*, suplemento *Claro!*), exposições fotográficas (Espaço Milton Santos e Espaço D'Ávila), programas de rádio (*Universidade 93,7* da Rádio USP), periódicos on-line (*Agência Universitária de Notícias (AUN)*, Portal do CJE, *Revista Babel, Revista Anagrama*, livros, entre outros), vídeodocumentários e assim por diante. A ideia é que cada docente tenha um produto de sua responsabilidade e que, pelo menos uma vez por ano, ofereça uma atividade de cultura e extensão, sempre gratuitas e abertas ao público externo. Logo, os resultados do projeto sobre a cidade olímpica de Piraju são frutos do contexto do Departamento de Jornalismo e Editoração.

No âmbito comunitário, tentamos mostrar a luta de uma cidade para manter o meio ambiente preservado e, por conseguinte, a qualidade de vida da população. Lá, as pessoas nadam, praticam canoagem e outras modalidades no rio Paranapanema. Crianças e adultos se unem por meio do esporte e do lazer, da mesma forma como os ciclistas da Avenida Paulista aos domingos.

REFERÊNCIAS

- [1] CERVEIRA FILHO, J. L. F.; MALULY, L. V. B. Comunicação, Esporte, Turismo e Meio Ambiente: como a canoagem transformou Piraju (SP) em Cidade Olímpica. In: **Organicom (USP)** n. 15, 2º semestre de 2011.
- [2] CHAPARRO, M. C. C. **Transcrição da Palestra promovida em 06/05/2006 na Escola de Comunicações e Artes**. Disponível em: <<http://www.obore.com.br/cms-arquivo/Transcri%C3%A7%C3%A3o%20Manuel%20Carlos%20Chaparro.pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2014.
- [3] COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Olimpismo** - suas origens e ideais. Rio de Janeiro: COB, 2010.
- [4] CORALINA, Cora. Oração do Milho. In: **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. São Paulo: Global Editora, 1985. Disponível em: <<http://leonardoboff.wordpress.com/2012/11/04/elogia-do-milho/>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

- [5] DA COSTA, L. & HATZIDAKIS. **Estudos olímpicos 2011** – Coletânea de Textos. São Paulo: UNIBAN, 2001.
- [6] GURGEL, Anderson. **Futebol S/A** – a economia em campo. São Paulo: Saraiva, 2009.
- [7] MARQUES, José Carlos. **Comunicação e esporte** – diálogos possíveis. São Paulo: Artcolor, 2007.
- [8] _____, José Carlos; CARVALHO TOLEDO, Vera Regina & CARVALHO, Sérgio. (Orgs.) **Comunicação e esporte** – tendências. Santa Maria: Pallotti, 2005.
- [9] MARTINS, Isildinha. **A comunicação nas organizações desportivas no Brasil** – profissionais e instrumentos. (Tese de doutorado) São Bernardo do Campo: Umesp, 2006.
- [10] MORAES, Vinícius. Extensão. *In: O Caminho para a distância*. Rio de Janeiro: Schmidt Editora, 1933. Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/livros/o-caminho-para-distancia>>. Acesso em: 04 fev. de 2014.
- [11] PARK, R. E. A notícia como forma de conhecimento. *In: STEINBERG, C. S* (Org.). **Meios de Comunicação de Massa**. São Paulo: Cultrix, 1966, p. 169-185.
- [12] TUBINO, Manoel. **O que é olimpismo**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- [13] VIANA, Oswaldinho. Brasilinha. Faixa 5. *In: VIANA, Oswaldinho. São Sebastião do Tijuco Preto* (CD). São Paulo: Carambola, 1996. CD (ca. 57'11") digital, estéreo.
- [14] VIGU, Paulo. Água Boa (essa cidade é o cais). Faixa 1. *In: VIGU, Paulo. Piraju: Peixe Amarelo (o Dourado Brasileiro)* (CD). Piraju: MCK, 2002. CD (ca. 01ho6'49") digital, estéreo.

SITES

<http://www.cob.org.br/home/home.asp/>
<http://cbca.org.br/>
<http://www.canoagem.org.br>
<http://www.estanciadepiraju.com.br>
<http://www.eca.usp.br/cje/canoagempiraju>
<http://projetoedigir.com/>

COLABORADORAS

Sandra do Val (Revisão)
Daniela Ades (Tradução)

LUCIANO VICTOR BARROS MALULY doutor em Ciências da Comunicação e docente da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) – e-mail: lumaluly@usp.br

O Centro de Documentação e Memória da Mogiana: Extensão Universitária e Gestão de Documentos Históricos do Período Cafeeiro

The Centro de Documentação e Memória da Mogiana: University Extension and Management of Historical Documents of the Coffee Period

RESUMO

A documentação histórica do café, pertencente ao ciclo de produção cafeeira na região de Ribeirão Preto, ainda dispersa nos porões de fazendas ou centralizada em órgãos públicos, poderá agregar valores ao patrimônio cultural nacional. No entanto, o acesso a tais documentos é limitado principalmente pelo estado precário de conservação, armazenamento muitas vezes incorreto e, não raro, pelos meios de veiculação inadequados ao acesso informacional. Propusemos a implantação de um centro de documentação com funções determinadas, como: higienizar, conservar e digitalizar documentos que abordam a história regional do café. O projeto teve caráter de extensão e pesquisa universitária com envolvimento de alunos da Universidade de São Paulo, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, dos respectivos cursos: Física Médica, Psicologia e Ciência da Informação.

Palavras-chave: Centro de Documentação. Extensão. Pesquisa. Café.

ABSTRACT

The coffee historical documentation, belonging to the production coffee cycle in the Ribeirão Preto region, even in the basements of dispersed farms or centralized in public institutes, can add value to the national cultural heritage. However, access to such documents is limited mainly by the poor state of preservation, storage, often incorrect, and inappropriate means to access the information. We propose the establishment of a documentation center with the functions: to clean, to conserve and to scan documents that approach the regional History of Coffee. The work had character of extension and university research involving students of the University of São Paulo, of Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, of the respective courses: Medical Physics, Psychology and Information Sciences.

Keywords: Documentation Center. Extension. Research. Coffee

SILVIA MARIA DO
ESPÍRITO SANTO,
JEAM HAROLDO
OLIVEIRA BARBOSA E
JULIANA DAL PONTE
TIVERON

Universidade de São Paulo.
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil

INTRODUÇÃO

As confluências dos fatos no passado e a valorização, no presente, dos artefatos (materiais) e das significações históricas (imateriais) remetem às primeiras preocupações com a formação de um Museu Nacional, implantado por D. João VI em território brasileiro. Hoje, esta instituição é reconhecida como Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, também denominado Museu da Quinta da Boa Vista. A antiga residência imperial foi transformada em instituição de memória. Os acontecimentos neste período reportam o Brasil emergente para a independência, baseado na economia de exportação da produção do café. O mundo rural cafeeiro já superava o ciclo açucareiro, tornando-se significativo na produção mundial, ainda mesmo no Império [1, 2].

As forças econômicas e políticas também são espelhamentos das variantes da produção agrária e, nas cidades modernas, da principiante industrialização. Tais forças solidificaram a ideia da constituição de uma identidade da nacionalidade representada em museus, arquivos e bibliotecas, ainda no século XIX. Mais recentemente, além das instituições tradicionais, configuraram-se os centros de documentação como instituições de memória [3], talvez já influenciados pela voraz intenção de organizar a memória e o conhecimento ainda no findar do século XIX.

Tais centros, idealizados como aqueles que seriam capazes de agregar as diversidades tecnológicas dos suportes das memórias científica e cultural, despertariam questões que envolveriam a memória e o patrimônio, que são comumente associados aos valores da cidade industrial. Ainda em desenvolvimento, a memória rural recebeu as primeiras iniciativas de preservação baseadas na produção da cana-de-açúcar, na primeira metade do século XX, no nordeste brasileiro, principalmente através da literatura.

Dessa forma, um centro de documentação se difere de arquivos, bibliotecas e museus por possuir uma natureza híbrida na constituição de suas coleções. As funções sociais das instituições de memória, engrandecidas pela diversidade do alcance do acesso documental, são: preservar, tratar e disseminar a documentação temática utilizando modernas tecnologias.

O campus da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto desenvolveu-se a partir de uma história de ocupação de uma antiga fazenda de café. Apesar do seu passado, não muito distante, pouco se conhece da região cafeeira do chamado antigo Oeste Paulista. Ainda que estejam presentes no meio acadêmico como tema de pesquisas históricas e científicas, o universo cultural da escravidão – dos proprietários portugueses, brasileiros e dos seus colonos imigrantes – é ainda pouco explorado.

O legado desse passado são artefatos, representativos dos maquinários mecânicos agrícolas, das edificações em tijolos cozidos, dos terreiros de café e, principalmente, dos processos remotos da produção do café – que transformou a vida do paulista, sendo todo este material registrado em documentos.

O presente artigo relata a experiência de extensão e pesquisa universitária [4] no processo de implantação de um centro de documentação referente à história regional do café. Embora no âmbito acadêmico, com características multidisciplinares, envolvam-se áreas diversas com práticas e discussões a respeito da preservação do passado, não

trataremos da aplicação dos conceitos de conservação, prevenção e restauração envolvendo as tecnologias digitais no sentido da preservação. Para tanto, o relato salienta as questões do conhecimento das representações documentais históricas, articuladas às práticas e ao envolvimento multidisciplinar da pesquisa científica, realizada por alunos de diversas áreas da Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto.

O trabalho promoveu pesquisa, planejamento e implantação no Centro de Documentação e Memória da Mogiana, entre 2011 e 2013. Neste sentido, o projeto envolveu, no total, 20 alunos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP), dos respectivos cursos: Física Médica, Psicologia e Ciência da Informação. A gestão do projeto foi realizada a partir do contrato entre empresa privada e a Fundação de Apoio às Ciências: Humanas, Exatas e Naturais – FAC – da FFCLRP.

MATERIAIS E MÉTODOS

Colaboração entre Universidade e Iniciativa Privada

Em caráter colaborativo entre setor privado e universidade, a empresa Rotunda Holding Ltda., com sede em São Paulo e proprietária da fazenda Santa Cecília*, firmou contrato com a Fundação de Apoio às Ciências: Humanas, Exatas e Naturais – FAC – da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto. Por parte da Universidade, as metas incluíam: fornecer pesquisa e práticas de preservação, planejamento para a compra de equipamentos, apoio técnico, treinamento e orientação para alunos (de iniciação científica e pós-graduação). O foco principal de aprendizagem no estágio e treinamento seria a obtenção de conhecimento técnico para aplicar as funções de higienização, digitalização e conservação preventiva aos documentos, além do desenvolvimento de extensão cultural na realização de oficinas, seminários e cursos. Por parte da empresa, foi garantido todo o financiamento do projeto, pagamento de ajuda de custo e de bolsas para os alunos.

As metas para implantação e organização do centro, com diretrizes firmadas em contratos e relatórios (anuais e trimestrais) para o desenvolvimento do projeto, foram registradas e supervisionadas em relatórios de atividades dos alunos bolsistas.

As atividades do Centro de Documentação tiveram início antes mesmo da inauguração do espaço físico, no dia 14 de abril de 2012 (Figuras 1 e 2). Neste dia, houve festividade com apresentação musical do grupo de alunos da escola de música, sob coordenação do professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão

*A fazenda Santa Cecília, antiga fazenda Santa Carlota, foi propriedade da família Sampaio Moreira durante 103 anos, e é situada no município de Cajuru, estado de São Paulo, na rodovia 338, km 300 (coordenadas -21.346887, -47.256436). Fazenda Santa Cecília: Disponível em: <<http://www.fazendasantacecilia.com.br>>. Acesso em: 2 mai. 2012. O projeto foi coordenado pela Profa. Dra. Sílvia Maria do Espírito Santo, do Departamento de Educação, Informação e Comunicação da FFCLRP – site: www.lacca.imagcom.org.

Preto (FFCLRP-USP), Prof. Dr. Rubens Ricciardi, e palestra do Prof. Dr. Paulo Cesar M. Garcez, historiador e pesquisador do Museu Paulista, para a comunidade representativa da região. Estiveram presentes professores da FFCLRP, Unesp, Unicamp e USP, autoridades políticas de cidades da região de Ribeirão Preto, representantes de instituições culturais, imprensa, TV e cerca de 200 pessoas convidadas.

Os alunos bolsistas da USP (Figuras 1 e 2) monitoraram, para os convidados, as atividades em desenvolvimento e realizaram visitas em percurso na estação ferroviária Sampaio Moreira, da Companhia Mogiana, e em construções do complexo cafeeiro, passando por locais como: os terreiros de café, a tulha e a casa de máquinas para beneficiar e classificar os grãos de café. Os meios de comunicação (impressos e online) fizeram coberturas da inauguração com o intuito de noticiar a parceria entre universidade e iniciativa privada, além das atividades de pesquisa, cultura e extensão realizadas pelos alunos e professores.

Figura 1 – Fotos da inauguração do Centro de Documentação e Memória da Mogiana, no dia 14 de abril de 2012 (à esquerda). Professora orientadora, alunos e colaboradores da Universidade de São Paulo (à direita).



Figura 2 – Fotos da monitoria supervisionada ao complexo cafeeiro da fazenda Santa Cecília.



Seleção e Adequações Físicas para o Centro

A fazenda Santa Cecília – a qual teve sua origem nas frentes pioneiras do café, no nordeste paulista – possui elementos da riqueza arquitetônica e histórica (Figuras 3 e 4). Reúne cerca de 50 unidades, como casa grande, colônia, terreiro, casa de máquinas, tulha, administração, armazéns, clube, farmácia e laboratório com infraestrutura conservada ou adequada para uso definido agropecuário [5]. Para a implantação do Centro de Documentação foi necessária, primeiramente, a adequação de um prédio, selecionado entre todas as unidades disponíveis da fazenda. O prédio escolhido foi um lugar estratégico para facilitar a entrada e saída de documentos com segurança e, do ponto de vista geográfico, facilitar o acesso social.



Figura 3 – Fotos da fazenda Santa Cecília. Casa da sede da fazenda (à esquerda). Vista do complexo cafeeiro de longe (à direita).

Figura 4 – Imagens da fazenda Santa Cecília, no município de Cajuru, SP. Créditos: Prof. Dr. Marcos Tognon (Unicamp).

O acervo da fazenda possui livros manuscritos, textos de qualidade tipográfica – em papel de fabricação nos séculos XIX e XX – cartas geográficas da época cafeeira e demais documentos referentes às famílias envolvidas na produção do café; administração de trabalhadores imigrantes, registros do plantio de outras culturas como arroz, feijão e milho, criação de gado vacum e cavalos, entre outras atividades agropecuárias.

O prédio que abriga a documentação histórica recebeu adequações ambientais internas, devidamente orientadas pelo arquiteto e preservacionista Prof. Dr. Marcos Tognon (Unicamp). Neste espaço, com vista panorâmica privilegiada, foram trocados os vitrôs por modernas janelas com vedação absoluta, sistema contra incêndio, ar condicionado, banheiro adaptado, laboratório destinado à conservação preventiva, sala de consulta e hall com armários individuais para visitantes.

Desta maneira, foram instalados os seguintes materiais e equipamentos usuais nas instituições que objetivam a preservação: materiais de escritório; computadores para consulta à internet e produção de textos; servidor de dados com acesso à rede de internet, com segurança de dados e endereço eletrônico para divulgação; equipamento de digitalização OpticBook A300 (com capacidade de digitalizar até folha A3 em apenas 2,4 segundos e função de reconhecimento de caracteres óticos); equipamentos de higienização: mesa restauradora com dimensões de 100cm x 150cm, materiais simples de higienização, seladora, mesa de luz com dimensões de 100cm x 150cm, aspirador de pó e materiais adequados para acondicionamento de documentos em papel.

EQUIPE E CAPACITAÇÃO TÉCNICA

A equipe foi composta por uma secretária contratada para o centro, 20 alunos do

curso de Ciência da Informação e Documentação, três alunos de pós-graduação em Psicologia, História e Física Médica, respectivamente, da FFCLRP-USP, e um aluno de Ciência da Computação da Universidade Paulista. Os alunos tiveram contratos regulares e produção de pesquisa com apresentação em eventos científicos nacionais e internacionais. Durante dois anos tiveram a oportunidade de exercer atividades voltadas para a pesquisa in loco, com leitura da documentação histórica e prática da conservação preventiva e digitalização.

O caminho, por via rural, exigia dos envolvidos o hábito de acordar ainda durante a madrugada e, assim, acompanhados de trabalhadores rurais, profissionais da educação e saúde públicas, tomavam um transporte de linha, ou condução coletiva, que os levava a pequenas cidades, sítios e fazendas. O trajeto de Ribeirão Preto à fazenda Santa Cecília é de 70 km, percurso realizado pelos estudantes para estagiarem na antiga região cafeeira.

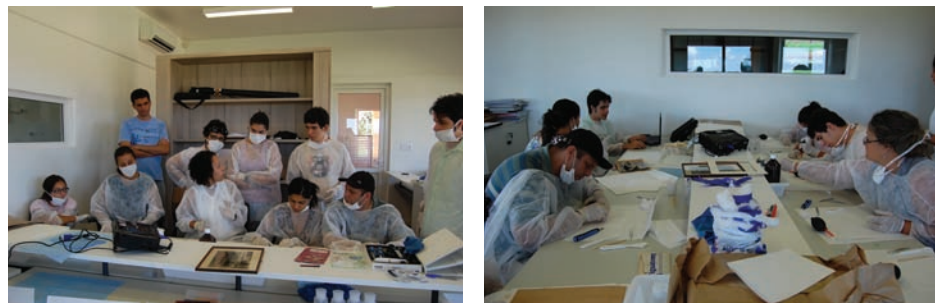
A capacitação técnica foi oferecida aos alunos e profissionais interessados, parte deles das instituições de memória de municípios vizinhos, durante 21 eventos. O público geral foi de 200 participantes, que tiveram a oportunidade de entrar em contato com tecnologias atuais, teorias e práticas através de oficinas, palestras e cursos ministrados por professores reconhecidos e responsáveis por importantes instituições brasileiras de conservação, acesso à informação, pesquisas históricas e culturais em modalidades diversas. A prática das oficinas foi realizada no próprio acervo do centro e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto.

RESULTADOS

Atividades do Centro de Documentação

O primeiro momento das atividades sobre o acervo da fazenda foi o reconhecimento dos documentos referentes ao cotidiano da fazenda. O segundo momento destinou o acervo ao tratamento de conservação preventiva (Figura 5). E, por último, foi realizada a digitalização de aproximadamente 20 mil documentos (Figuras 6 e 7).

Figura 5 – Higienização e tratamento de conservação do acervo da fazenda Santa Cecília.



Na fase inicial da pesquisa, a partir da prática da leitura documental, os alunos identificaram os documentos, sensibilizaram-se com os conteúdos descritivos realizados,

tanto dos proprietários sobre as instalações e demais produções da fazenda, quanto dos grafados pelos administradores nos casos específicos da cafeicultura, da ocorrência de tempestades, das pragas, dos falecimentos, dos registros ocasionais de instalação de novos colonos ou das fugas deles, das compras no armazém, dívidas ou pagamentos por pés de café. Uma particular visão do passado no cotidiano da época do café. Tais documentos recebiam atributos que qualificaram a informação do passado e, na atualidade, ainda podem ser identificados os elementos informacionais da vida no meio rural, da economia, da relação proprietário-colono e dos interesses voltados para o escoamento do café para a exportação.

Os livros de registros representam níveis de degradação das páginas sequenciais e podem comprometer a compreensão textual global. Denominamos estas formas manuscritas de microrresistências de informar, isto é, são elementos que possibilitam ao leitor reconhecer o que já não é mais possível ser vivenciado sobre a produção econômica, social e política do passado. As microrresistências se definem como a própria escrita, ou a imagem, a serem decodificadas nos suportes variados. São abundantes nos acervos brasileiros e nem sempre são previamente organizadas nos ambientes públicos ou privados. São informações realizadas pela escrita das canetas tinteiras, das máquinas datilográficas, da impressão mecânica dos jornais e revistas, pelas imagens fotográficas produzidas nas matrizes dos negativos em vidro, nitrato ou acetato, entre outros, assim como pelo som, isto é, das informações estruturadas.



Figura 6 – Acervo armazenado em armário com trilhos deslizantes de fácil movimento (à esquerda). Documentos manuscritos sobre contabilidade da fazenda (à direita).

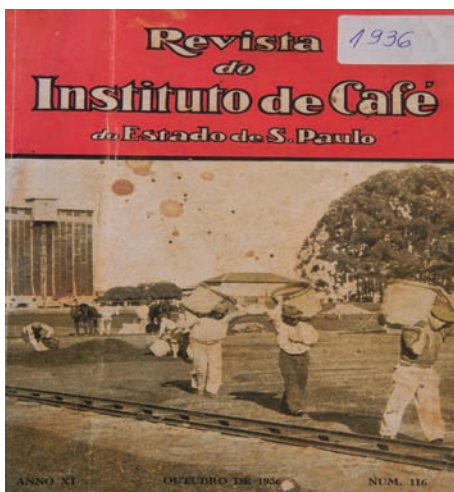


Figura 7 – Documentos digitalizados do acervo da fazenda Santa Cecília. Boletim da Superintendência dos Serviços do Café (1946) (à esquerda) e Revista do Instituto do Café do Estado de São Paulo (1936) (à direita).

PRODUÇÕES DE PESQUISA, CULTURA E EXTENSÃO

Uma importante vertente de pesquisa a partir da implantação do Centro de Documentação foi envolver metodologias aplicadas à história oral, desenvolvidas pela pesquisadora Juliana Tiveron, aluna da pós-graduação de Psicologia da FFCLRP. Desta forma, o projeto intitulado *A Memória da Comunidade Cafeicultora da Mogiana através de sua Oralidade* constituiu um banco de histórias orais composto por cinco entrevistas com atores sociais do período cafeeiro da Mogiana. Vale mencionar que as gravações das entrevistas foram feitas em áudio (formato WAV e MP3), bem como transcritas e editadas, de modo a privilegiar as memórias referentes à produção do café, à ferrovia e sua atuação, à vida em colônia e à sede da fazenda. Tanto a gravação em áudio quanto o texto final passaram pela avaliação dos entrevistados e encontram-se disponíveis a futuras pesquisas. As entrevistas foram gravadas em dois DVDs e enviadas por correio a cada um dos entrevistados.

Diversos eventos de caráter científico, cultural e de extensão foram organizados pelos alunos. Assim, foram oferecidas nove oficinas, com carga horária de 16h, podendo ser repetidas com fins de continuidade e aprofundamento das práticas. São elas: *História Oral* (Profa. Dra. Daisy Perelmutter), *Higienização e Embalagem de Documentos Históricos* (Profa. Fernanda Brito), *Apontamentos para conhecer a Cultura Visual do Café* (Profa. Dra. Solange Ferraz de Lima, vice-diretora do Museu Paulista), *Documentos Eletrônicos: Processos da Digitalização* (Alex Ricardo Brasil, assistente de Arquivo Geral do Tribunal Eleitoral) e *Formação de coleções de documentos impressos e manuscritos: registro, manuseio e protocolos de conservação* (Rosaelena Scarpeline, diretora da biblioteca do Centro de Memória da Unicamp, e Profa. Dra. Luzia S. Fernandes, da UFSCar).

Palestras científicas foram também realizadas e ministradas: *Preservação do Patrimônio Cultural: Alumínio – Metal – Tinta – Ferro* (Prof. Dr. Augusto Neiva, da Escola Politécnica, da EP-USP) e *Metodologias de conservação preventiva de documentos em suporte papel* (Profa. Dra. Silvia Maria do Espírito Santo, da FFCLRP-USP). Um curso de longa duração: *Indexação e Construção de Vocabulário Controlado* (Profa. Dra. Maria Cristiane Barbosa Galvão, da FMRP-USP), que deverá dar continuidade ao projeto na criação de instrumento de pesquisa.

Selecionados alguns eventos científicos que pudessem adicionar questões reflexivas ao trabalho de pesquisa e extensão, houve aprovação de artigos para publicação em seus anais e participações, a partir de fevereiro de 2013, no Congresso Internacional do Conhecimento, na Universidade do Chile, com apresentação oral dos artigos *A memória do café através de imagens fotográficas* [6] e *Memória visual do velho oeste paulista: Registro histórico e preservação do Patrimônio da vanguarda cafeeira* [7]. Durante a International Federation for Latin American and Caribbean Studies, FIEALC, na Turquia, em outubro do mesmo ano, houve apresentação oral de um trabalho referente à atuação de dois alunos na análise das imagens fotográficas do Boletim da Superintendência do Café, com o artigo *Memória visual do velho oeste paulista: Registro histórico e preservação do Patrimônio da vanguarda cafeeira*. No I Congresso da Isko Portugal/Espanha, realizado na Universidade do Porto, Portugal, demonstramos os

resultados de pesquisa no artigo *Centralizar documentos digitais na história regional do café*, publicado na Revista Prisma.Com em 2013 [8].

Aplicação de Plano de Controle de Riscos

Os alunos de Física Médica, além do estudo do maquinário do café [9], contribuíram com a identificação de riscos ao acervo com planejamento e controle de risco, que foram estruturados sistematicamente, considerando a ação de dez agentes de deterioração (forças físicas, criminosos, fogo, água, pestes, poluentes, luz/UV, temperatura incorreta, umidade relativa incorreta, dissociação) em seis diferentes níveis de “envoltórios” dos itens que compõem o acervo (região, sítio, edifício, sala, vitrine/estante, embalagem/suporte) [10].

A análise ou quantificação da magnitude dos riscos foi feita a partir da quantificação da frequência ou velocidade em que se espera que o dano ocorra. Uma vez determinadas as magnitudes dos riscos para o acervo é possível compará-los e, juntamente com critérios complementares, estabelecer prioridades para seu tratamento e mitigação.

O desenvolvimento de opções para o tratamento de riscos também foi estruturado de forma sistemática, considerando-se cinco possíveis estágios de controle de riscos: evitar, bloquear, detectar, responder ao agente e recuperar o dano causado em cada um dos seis níveis de “envoltórios”.

Organização do Acervo do Centro de Documentação

As coleções referentes à memória da região da Mogiana e do período cafeeiro pertencentes à fazenda Santa Cecília foram higienizadas, acondicionadas e digitalizadas. As coleções são: Sampaio Moreira (1890-1940) e Lauro D’Angelo, esta última da Casa de Cultura Rogério Cardoso de Mococa e parte do Fundo do Arquivo da Prefeitura Municipal de Cajuru. Estas coleções contêm documentos cartoriais, como registros de compra e venda de terras, livros de impostos (municipal e estadual), passaportes, contratos ou processos trabalhistas, livros ou documentos contábeis, fotografias, genealogias e periódicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Centro de Documentação agrega possibilidades de pesquisa multidisciplinares na área de Humanidades e Exatas, entre outras referentes à história da tecnologia e cultura do período econômico cafeeiro de 1890 a 1940. A principal missão de um centro documental é conservar e disponibilizar conteúdos informacionais que são parte de um patrimônio.

Talvez, no final do processo da cadeia (ou fluxo) de tratamento documental, compreenda-se como a expressão cultural, artística e, conseqüentemente, a forma de pensar e sentir de uma comunidade em determinada época e lugar, foi sedimentando-se na história. São significações, saberes, técnicas, e podem se constituir em

instrumentos de pesquisa. É também uma forma de preservar a memória do que somos e dar identidade aos povos. Entendendo as variantes da formação cultural, podemos vislumbrar transformações culturais e compreender as mudanças sociais que ocorrem no presente.

Dentro dessa questão, o papel do profissional da informação é fundamental, cabendo a ele colocar em prática a teoria, conceitos e métodos no veículo da memória coletiva: a identificação da documentação, conservação, tratamento e disseminação informacional. Os profissionais da informação podem, assim, interagir com estas instituições de memória e de pesquisa para que haja desenvolvimento das habilidades técnicas e teóricas. Os requisitos das áreas envolvem conceitos e práticas (como a criação de catálogos e índices), reconhecimento da memória, análise e o tratamento documental.

O projeto, ainda inconcluso, poderá ser aplicado em outros “pontos” institucionais de memória dos municípios da Região Administrativa de Ribeirão Preto, selecionados a partir do critério do convite e aceite dos profissionais da informação. O projeto poderá contribuir com pontos para reflexão do projeto pedagógico do curso em vigência e ênfases de Ciência da Informação na FFCLRP, considerando as questões de gestão na relação do poder público e privado, na perspectiva da documentação histórica.

O Centro de Documentação e Memória da Mogiana foi implantado com êxito e, além das atividades de tratamento de conservação de documentos do período cafeeiro, foi desenvolvida pesquisa, extensão universitária, envolvimento com a comunidade e também a análise dos documentos, com comparações teóricas e bibliográficas das linguagens adotadas para acesso documental. Foi fundamental para o sucesso do projeto o desenvolvimento, a observação e o acompanhamento das ações dos agentes – profissionais da informação –, necessárias para realizar proposições acadêmicas, isto é, organização de seminários, oficinas, encontros e visitas técnicas.

REFERÊNCIAS

- [1] ABREU, M. de P.; LAGO, L. A. C. do. **A economia brasileira no Império**, 2001. Disponível em: <<http://www.econ.puc-rio.br/pdf/td584.pdf>> Acesso em: 23 jan. 2014.
- [2] FALEIROS, R. N. **Fronteiras do Café: fazendeiros e “colonos” no interior paulista (1917-1937)**, 1 ed. Bauru-SP: EDUSC, p. 508, 2010.
- [3] ARAUJO, F.A.N.G.. **Digitalização e Preservação da Informação em meio digital: O caso do acervo memorial da Seca e do Semi-Árido da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**. 2013. 289p. Dissertação (Mestre em Ciência da Informação) – Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto, Portugal, 2013.
- [4] ESPÍRITO SANTO, S. M. Os “corredores do café” como mediação do objeto cognitivo para a Ciência da Informação, **Rev. Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, 2009.
- [5] Martins, A. L. **Império do Café: a grande lavoura no Brasil 1850-1890**, 7 ed. São Paulo: Atual, 1999.
- [6] ESPÍRITO SANTO, S. M.; BALDO, J. C.; BENEDITO, M. A.; SANTOS, D. K.

- A memória do café através de imagens fotográficas.** Disponível em: <http://www.internacionaldelconocimiento.org/index.php?option=com_content&view=section&id=18&Itemid=101>. Acesso em: 27 jan. 2014.
- [7] ESPÍRITO SANTO, S. M.; DIAS, S. M. F.; GOMES, G. W. C. **Memória visual do velho oeste paulista:** Registro histórico e preservação do Patrimônio da vanguarda cafeeira. Disponível em: <http://www.internacionaldelconocimiento.org/index.php?option=com_content&view=section&id=18&Itemid=101>. Acesso em: 27 jan. 2014.
- [8] ESPÍRITO SANTO, S. M. Centralizar documentos digitais na história regional do café. **Revista Prisma.Com**, n. 20, 2013. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/>>. Acesso em: 27 jan. 2014.
- [9] LOBO, A. E. A.; KOVALSKI, H. M.; BARBOSA, J. H. O.; ESPÍRITO SANTO, S. M. **Descrição dos processos físicos no beneficiamento do café no início do séc. XX.** Disponível em: <<http://uspdigital.usp.br/siicusp/cdOnlineTrabalhoObter?numeroInscricaoTrabalho=1754&numeroEdicao=20&print=S>>. Acesso em: 29 jan. 2014.
- [10] PEDERSOLI Jr, J. L. **Gerenciamento de riscos para o patrimônio cultural.** São Paulo: Arquivo Histórico de São Paulo, 2011.

SILVIA MARIA DO ESPÍRITO SANTO doutora em Ciência da Informação e docente do Departamento de Educação, Informação e Comunicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP) – e-mail: silesan@usp.br

JEAM HAROLDO OLIVEIRA BARBOSA doutorando em Física Médica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP)

JULIANA DAL PONTE TIVERON mestranda em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP)

Rede de Sustentação do PACTO: Acompanhando Percursos e Agenciamentos no Território da Cultura

PACTO's Support Network: Following Pathways and
Assemblages within the Cultural Territory

RESUMO

O Programa *Composições Artísticas e Terapia Ocupacional* (PACTO), vinculado ao Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da USP, atua na interface entre os campos das artes e da promoção da saúde, com referências básicas nos movimentos contemporâneos das artes, da reabilitação psicossocial e de produção de subjetividade, em articulação com políticas públicas de saúde, cultura e educação. As ações da Rede de Sustentação desenvolvidas no PACTO priorizam o dispositivo do Acompanhamento Terapêutico no processo de sustentação da participação sociocultural de pessoas em vulnerabilidade. A partir do levantamento de desejos e necessidades dos usuários, os estudantes de Terapia Ocupacional acompanham os deslocamentos das pessoas atendidas, agenciando esses percursos às redes socioculturais da cidade. A metodologia de formação do programa compreende: a orientação das experiências práticas dos estudantes no acompanhamento dos usuários e no mapeamento dos equipamentos de saúde e cultura; o registro das intervenções; sua discussão em supervisões e sua articulação com estudos teóricos em grupos de leitura e escrita. Este artigo apresenta alguns dos resultados dessa experiência integrada de extensão, pesquisa e formação, com foco nos acontecimentos vividos pelos bolsistas do programa *Aprender com Cultura e Extensão* nos anos de 2011 e 2012. As atividades realizadas ao longo do projeto possibilitaram a construção de discussões pertinentes ao campo, valiosas para a formação profissional e o fortalecimento da Terapia Ocupacional em sua relação com o Acompanhamento Terapêutico.

Palavras-chave: Acompanhamento Terapêutico. Terapia Ocupacional. Interface Artes e Saúde.

BÁRBARA HARUMI
WATANABE, CAROLINA
FENG UEI HUN, ERIKA
ALVAREZ INFORSATO
E ELIZABETH MARIA
FREIRE DE ARAÚJO LIMA

Universidade de São Paulo.
Faculdade de Medicina, São
Paulo, Brasil

ABSTRACT

The *Artistic Compositions and Occupational Therapy Program* (PACTO), under the Department of Physiotherapy, Communication Science & Disorders, and Occupational Therapy – Faculty of Medicine, USP –, operates at the interface between the fields of arts and health, with basic references in contemporary arts, psychosocial rehabilitation and production of subjectivity, in conjunction with public policies of health, culture and education. The PACTO's Support Network prioritizes in its modus operandi the Therapeutic Accompaniment device in the process of giving support for the sociocultural participation of people in vulnerable conditions. Based on the search of desires and needs of the participants, students of Occupational Therapy accompany the movements of people assisted, linking these pathways to urban socio-cultural networks. The methodology of the training program includes: the guidance on the practical experience of students; the records of interventions, their discussion in supervision spaces; and, its articulation to theoretical studies in reading and writing groups. This article presents some of the results of this integrated experience of university extension, research and training, focusing on the events experienced by the scholarship holders of the *Learning with Culture and Extension* Program in the years 2011 and 2012. The activities carried out throughout the project allowed the construction of relevant discussions, valuable for training, and strengthening of Occupational Therapy in its relation to the Therapeutic Accompaniment.

Keywords: Therapeutic Accompaniment. Occupational Therapy. Arts and Health Interface.

INTRODUÇÃO

O *Programa Composições Artísticas e Terapia Ocupacional* (PACTO), do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional, há 15 anos vem desenvolvendo ações articuladas de ensino, pesquisa e extensão universitária junto a populações em situação de vulnerabilidade em função de deficiências, sofrimento mental e desvantagem socioeconômica [7].

Vinculado ao Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da USP, o programa atua na interface entre os campos da arte e da promoção da saúde, com referências básicas nos movimentos contemporâneos das artes, da reabilitação psicossocial e de produção de subjetividade em articulação com políticas de atenção às populações em vulnerabilidade social. O PACTO promove espaços coletivos com propostas de artes plásticas e trabalhos corporais, cuja metodologia compreende o fazer artístico, a ampliação da convivência e das trocas sociais, a atualização cultural e a divulgação das produções realizadas em exposições e mostras de arte. As ações do programa visam favorecer a participação dos usuários em atividades culturais e implementar transformações em seus cotidianos. Acentuar o investimento na solução desses entraves colabora com o avanço das pesquisas e práticas voltadas a essas populações, desenvolvidas pelos

cursos de Terapia Ocupacional nas universidades e nos setores públicos de gestão da saúde e da cultura do país.

Uma das propostas de intervenção do PACTO é a Rede de Sustentação*, criada em 2002 devido ao grande número de usuários que apresentavam dificuldades para a participação e permanência nos projetos coletivos no campo artístico-cultural, em função de dificuldades e impedimentos nas atividades de seu cotidiano, tais como pegar ônibus, preencher formulários, fazer operações com dinheiro, transitar pela rua, deslocar-se pelos espaços físicos e relacionar-se com outras pessoas. As estratégias da Rede de Sustentação priorizam o dispositivo do Acompanhamento Terapêutico (AT), com seus elementos-base – *setting* aberto, ou seja, espaço variável de circunscrição da relação terapêutica, não restrito à sala do consultório/ambulatório ou ao estabelecimento institucional –, disponibilidade em ato, enquadre flexível e manejo do inusitado – como estratégia de cuidado e agenciamento da participação sociocultural das pessoas atendidas pelo programa (jovens com deficiência intelectual, crianças com dificuldades escolares, idosos com sequelas de acidente vascular encefálico, adultos com traços autísticos, dentre outros). Este dispositivo visa oferecer suporte para que essas pessoas possam integrar ambientes de arte e cultura, um desafio a ser enfrentado por elas, por seus familiares, pelos profissionais de saúde e de cultura e pelos coordenadores de projetos nesse campo. Os casos selecionados para atendimento de AT são aqueles que apresentam necessidade de atenção intensiva e de maior mediação nas relações com seus grupos de pertencimento e com outros espaços socioculturais.

Este trabalho na Rede de Sustentação é desenvolvido por terapeutas ocupacionais e por estudantes do curso de Terapia Ocupacional (TO), e tem apoio da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU-USP) através de bolsas a projetos apresentados ao programa *Aprender com Cultura e Extensão* desde o ano de 2009. Esses projetos se dirigem ao aperfeiçoamento da formação dos estudantes que deles participam e à ampliação de oportunidades de atendimento para os usuários do PACTO.

Os estudantes, em geral, têm nesta bolsa a primeira oportunidade de realizar um acompanhamento individual durante a graduação em Terapia Ocupacional. O foco da atuação dos bolsistas está voltado para o agenciamento das redes socioculturais a partir do acolhimento e levantamento de demandas para a condução de seu cotidiano. Essas ações implicam em deslocamentos acompanhados no território da cidade de São Paulo e na exploração de seus recursos, envolvendo o mapeamento de equipamentos de saúde, educação, assistência social, cultura e artes e no contato com as equipes desses serviços. Os bolsistas também realizam a listagem e descrição das principais ações desenvolvidas no âmbito da Rede de Sustentação do PACTO e seus efeitos relevantes, e colaboram com grupos que atuam na interface das artes e da saúde conveniados com o PACTO.

*A Rede de Sustentação é uma das ações desenvolvidas pelo Programa *Composições Artísticas e Terapia Ocupacional* estudadas na pesquisa *Agenciamento Cultural e Cuidado às Populações em Situação de Vulnerabilidade Social: construção e avaliação de tecnologias socioculturais no campo da Terapia Ocupacional*, aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa da FM-USP (Protocolo de Pesquisa nº 043/13).

MATERIAIS E MÉTODO

As experiências e intervenções dos bolsistas são registradas em cadernos de campo e acolhidas em discussões do projeto didático-assistencial na perspectiva da TO, que envolve a promoção de saúde como produção de vida, a promoção da participação sociocultural e os processos de criação em oficinas e ateliês de atividades artísticas. Os bolsistas participam da organização e distribuição das atividades do laboratório e discutem as intervenções realizadas em supervisão com os responsáveis pelo projeto. Além disso, articulam essas discussões a perspectivas teóricas em grupos de leitura e escrita e ao projeto mais amplo do laboratório em reuniões de equipe e seminários de aprofundamento temático.

(...) os fios que no princípio nos conduzem para a construção e formação teórica no PACTO passa inegavelmente por lugares da ética, da construção dos direitos e das políticas em saúde que direcionam ou podem orientar este encontro, numa costura capaz de reforçar as passagens entre autonomia pessoal e vínculo social (...) [3].

As ações que constituem a metodologia de formação do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional [3] e dão sustentação às intervenções no campo da extensão universitária têm como eixos principais:

1. *a orientação e registro das intervenções em cadernos de campo* – dispositivo de memória e reflexão dos acontecimentos vividos, constituindo material que subsidiará as informações em prontuário e a comunicação com o restante da equipe;
2. *o planejamento e discussão das intervenções em supervisões grupais e individuais* – encontros semanais que oferecem aos bolsistas, através de uma escuta organizada, o acolhimento em relação aos afetos que emergem do processo de construção vincular, implicado na atuação do AT, e a continência para que essas experiências possam ser pensadas e problematizadas, fomentando a compreensão dos próprios gestos e sua articulação à prática profissional em TO;
3. *a reflexão e o estudo teórico em grupo de leitura e escrita* – encontros mensais para articulação das discussões das supervisões a perspectivas conceituais em momentos que colocam os estudantes em contato com os referenciais teóricos que sustentam a prática do AT em sua articulação com o campo da TO. O objetivo é possibilitar a compreensão e a problematização das ações desenvolvidas, oferecendo um repertório teórico para que os bolsistas possam estabelecer relações com as suas anotações em cadernos de campo e encontrar, assim, formas de expressão para a própria experiência, inserindo-se num diálogo com outros profissionais do campo. Os textos e referenciais teóricos trabalhados aqui se inserem no solo conceitual que sustenta o trabalho de ensino e pesquisa do laboratório, construído e articulado ao longo dos últimos 20 anos, pautado pelo encontro entre práticas clínicas e sociais, e orientado pela relação com as pessoas atendidas;

4. *as discussões em reuniões de equipe* – encontros quinzenais de toda a equipe do PACTO (docentes, terapeutas ocupacionais, estagiários de graduação, estudantes de pós-graduação, profissionais artistas, terapeutas ocupacionais colaboradores e bolsistas) para articulação do conjunto de ações de formação ao projeto mais amplo do laboratório em reuniões clínicas e de gestão em que são abordados temas relacionados aos projetos coletivos e à Rede de Sustentação, bem como seminários de aprofundamento temático apresentado pelos estudantes. A participação neste espaço permite aos bolsistas contextualizar sua ação no contexto coletivo da proposta do PACTO e da estrutura institucional da Universidade, o que possibilita compreender sua atuação no âmbito da extensão universitária.

RELATO DE EXPERIÊNCIA, ALGUNS RESULTADOS

Nos anos de 2011 e 2012 desenvolvemos o projeto *Cartografias do Acompanhamento Terapêutico em Terapia Ocupacional realizado pelo Programa Composições Artísticas e Terapia Ocupacional (PACTO) no agenciamento de redes à população atendida*. Durante o ano de 2011 o grupo do PACTO *Ateliê Experimental* passou por um processo de finalização de suas atividades. O grupo era formado por jovens e adultos que chegaram ao PACTO com condições variadas, envolvendo limitações nas atividades do cotidiano e na participação social, com poucas oportunidades e muito tempo da semana dedicado a casa e à TV, com relações familiares restritas. O grupo se reuniu durante cerca de cinco anos em torno de experimentações artísticas, corporais e gastronômicas que potencializaram a convivência entre os participantes. No período da finalização desse processo, as bolsistas foram solicitadas a acompanharem os encontros grupais, oferecer suporte à equipe técnica, com ações de aproximação e relação com os usuários, discussões de caso e organização das atividades a serem realizadas. Considerando a importância para os integrantes do grupo de participarem de espaços de encontro e desenvolvimento sociocultural, a equipe desdobrou ações de mapeamento dos equipamentos, projetos de saúde e cultura disponíveis na cidade e agenciou o encaminhamento de participantes para outros espaços de convivência, cuidado e/ou de atividades artístico-culturais. Os bolsistas participaram ativamente dessas ações e realizaram ATs de alguns participantes que não tinham condições de se agenciarem para encontrar novos locais de atendimento e convivência e nem de realizar sozinhos a vinculação a esses locais.

A seguir serão apresentados dois relatos desses ATs, realizados com Ritsuko** e Rafael*** – casos que foram acompanhados no projeto –, a partir de recortes e problematizações que surgiram no percurso desses atendimentos. Desta forma buscamos evidenciar os resultados obtidos pelo projeto seja no âmbito da formação, preparando os bolsistas para a atuação profissional, seja no âmbito da extensão, contribuindo para promoção de saúde e para a ampliação da participação social das pessoas atendidas.

** e *** Nomes fictícios.

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO COM RITSUKO: ENCONTRO DE MUNDOS

Ritsuko chegou ao PACTO em 2003 por uma demanda familiar que consistia na busca de um espaço onde ela pudesse frequentar, realizar atividades e se relacionar com outras pessoas além da família. Na ocasião, ela tinha aproximadamente 60 anos, morava em apartamento próprio junto com o marido e tinha três filhos já crescidos.

Em casa, Ritsuko cuidava de algumas atividades domésticas que eram atravessadas pelos costumes japoneses e ensinamentos de sua mãe. Fazia acompanhamento psiquiátrico há algum tempo em função de sintomas de retraimento e desorganização para a realização de atividades que antes eram parte de sua rotina, ficando bastante prostrada, imóvel e calada. Durante o período de atendimento no PACTO, participou de grupos e foi acompanhada individualmente em vários momentos dessa trajetória. Nos últimos anos, problemas relacionados à circulação sanguínea na região das pernas fizeram com que tivesse que permanecer em repouso por alguns meses e trouxeram limitações em relação à deambulação, gerando uma relação de dependência em grande parte de suas atividades cotidianas, como preparar a alimentação, tomar banho, vestir-se. Com isso, também seus silêncios se tornaram mais presentes. Por um lado, Ritsuko desejava retornar a fazer as atividades do dia a dia, mas por outro passou a delegar a um outro (em geral, o marido) a responsabilidade das mesmas, colocando-se no lugar de alguém que se sente pouco capaz de assumir suas ações e decisões. O marido também se confundia em questões semelhantes: queria que Ritsuko voltasse a ser mais ativa, mas também tinha um zelo excessivo pela mesma. Ritsuko gostava muito de contar sobre seus filhos e de como os havia criado; adorava, especialmente, as visitas que fazia aos netos. Apesar disso, as visitas aos filhos e aos netos eram pouco frequentes e só aconteciam com muito esforço por parte do marido ou de interferências da equipe do PACTO.

Com a finalização do grupo *Ateliê Experimental*, do qual participava, agenciou-se a entrada de uma nova acompanhante terapêutica para ajudá-la na procura e vinculação a outro espaço de acolhimento. Desse modo, o primeiro atendimento de Ritsuko aconteceu em seu apartamento no final de 2011.

Para os bolsistas, este costuma ser um momento difícil e desafiador, povoado de muitas perguntas e inquietações, quando se está prestes a entrar em um universo desconhecido que, ao mesmo tempo que assusta, impulsiona a seguir em frente. Como seria o encontro? Como e sobre o que conversariam? O que fariam juntas?

No primeiro dia deste AT, a bolsista foi à casa de Ritsuko, que se apresentou falando muito sobre sua família. Primeiro, seus irmãos: disse que tinha quatro, mas que um deles havia falecido recentemente. Ritsuko nunca chamava seus irmãos pelos nomes, sempre referindo-se a cada um como “irmão mais velho” ou “irmã mais nova”, por uma questão de respeito, como ela mesma esclareceu tempos depois. Nestas situações ficam evidentes as influências de elementos étnicos, culturais e da história de vida. Há muitos costumes que se presentificam na forma de Ritsuko ser e agir, assim como muitos costumes e hábitos na forma de ser do acompanhante.

O encontro entre um terapeuta e um paciente pode significar a possibilidade de

fusão de dois mundos, de encontro entre simbologias e ancestralidades diferentes. Desenvolver um projeto terapêutico com alguém é propor-se a entrar em seu mundo, andar por ele e nele mergulhar. É tentar desvendar seus mistérios e enigmas, encontrar com ele palavras e modos de agir que possam ressoar significativamente. Nesse sentido,

o analista precisará recorrer às articulações discursivas e imagéticas**** específicas do sujeito em questão, pois não é possível o uso de um referente fora da organização semântica do sujeito, se o objetivo é realizar um trabalho que vise a evolução do *self* do paciente. O analista poderá vislumbrar, a partir daí, as concepções a respeito da vida, do estar no mundo, das características etno-culturais que fundamentam a subjetividade de seu paciente e de seu vir-a-ser na relação com o outro [8].

Há uma possibilidade de que nesse voo ao mundo do acompanhado, este se sinta motivado a igualmente passear pelo mundo do terapeuta e, assim, ambos criam novos mundos juntos.

No acompanhamento com Ritsuko, a bolsista tentava encontrar essas articulações discursivas e imagéticas; entendia intuitivamente e através das supervisões que, para acessar o mundo de Ritsuko, era preciso utilizar o que ressoava em sua sensibilidade. Alguns códigos foram descobertos ao longo dos encontros. O primeiro a ser identificado foi o amor que Ritsuko demonstrava sentir em relação à língua japonesa. Em certos momentos, ela misturava em sua fala palavras em japonês. Ela também verbalizava bastante sobre como era importante para si saber esse idioma. Por uma sorte dos encontros, a bolsista que acompanhava Ritsuko entendia um pouco da língua, compreendeu algumas palavras e construiu seu relacionamento com ela através de um idioma que a tocava especialmente. Assim, pôde perceber que utilizar a mesma palavra em japonês ou em português causava um efeito diferente em Ritsuko. Portanto, tentar falar algumas palavras em japonês foi uma forma de estabelecer um vínculo. Por outro lado, é preciso tomar certo cuidado, pois cada um significa aquilo que está ao redor de maneiras diferentes, cada um tem seus símbolos. Ter um conhecimento de uma outra língua pode ser um recurso a mais no acompanhamento, desde que se seja capaz de apreender aquilo que o interlocutor quer dizer ao ouvinte através de sua própria linguagem.

Safra [8] afirma que o conceito de ideograma ajuda a pensar como se estrutura o idioma do *self*. O ideograma é uma representação pictórica que, a partir dos elementos do mundo, torna-se a representação de uma palavra, de um significado. Desse modo,

a fala do indivíduo nestas condições nomeia suas experiências no tempo e no espaço, ao mesmo tempo em que, por seu caráter ideogramático, apresenta em historicidade o estilo pelo qual ele se situa no tempo e no espaço do mundo. É uma fala que revela seu percurso pela vida e sua origem étnica, com seus encontros e desencontros: é a apresentação de seu estilo de ser [8].

****De acordo com Safra, "as formas imagéticas organizam-se nos diferentes campos sensoriais: imagens sonoras, imagens visuais, imagens gustativas, imagens tácteis" [8].

O acolhimento da linguagem própria de Ritsuko possibilitou uma ampliação de seu espaço comunicativo, bem como uma aceitação de seu modo de fazer.

Essa dimensão de delicadeza, frequente em encontros de AT, tornou-se preponderante no percurso de trabalho com Ritsuko, que se desdobrou em entrevistas de equipamentos de saúde e cultura da região de sua residência, e em encaminhamentos para uma instituição especializada em atendimento a idosos, com atividades corporais em grupo.

E em relação ao vínculo constituído no acompanhamento, uma pequena cena do encerramento desse trabalho mostra como neste caso os dois sujeitos envolvidos puderam conhecer o mundo e os hábitos um do outro, olha-se atentamente e se relacionar a partir do que emergia no ambiente do encontro.

Depois de conversarmos bastante sobre o tempo que passamos juntas, percebi que minha permanência de duas horas já tinha se esgotado a um tempo atrás. Era hora de ir embora. Havia algo em mim que desejava postergar esse momento de despedida, mas não tinha como. Minha bolsa estava se encerrando e Ritsuko já havia se vinculado a um outro serviço. Então, eu lhe disse que já estava indo. Abraçamos-nos bem forte, dizendo uma a outra que sentiríamos saudades. Enquanto arrumava minhas coisas, Ritsuko perguntou se eu não iria ao banheiro. Fiquei com uma cara de incógnita e perguntei: “Ué, por que você acha que eu quero ir ao banheiro?”. Ela me responde: “Você sempre vai ao banheiro antes de ir embora...” [4].

TECENDO RELAÇÕES E ANDANÇAS JUNTO A RAFAEL

Rafael iniciou sua trajetória no PACTO em março de 2002, aos vinte e quatro anos. Residia com a mãe, pai e irmãos. As atividades que compunham seu cotidiano em geral se limitavam a assistir televisão, dormir bastante, observar a movimentação das pessoas na rua e acompanhar a mãe em seus afazeres domésticos e de gerenciamento de uma pequena venda de doces na entrada de sua casa.

A mãe relata que aos sete anos frequentou uma escola normal e, devido às dificuldades de aprendizado, foi encaminhado para uma instituição tradicional, especializada no atendimento de pessoas com deficiência intelectual, onde realizou oficinas e permaneceu sendo assistido até os dezenove anos.

O ingresso de Rafael no PACTO veio acompanhado de seu interesse em participar de oficinas de pintura e desenho. Ao longo dos anos, transitou por alguns grupos do programa, tais como o PACTO *Oficinas* e o *Ateliê Experimental*. Paralelamente à participação nos grupos, ele foi acompanhado por outros bolsistas do projeto durante oito semestres. Essas experiências resultaram em sua vinculação com um grupo de futebol do Centro de Práticas Esportivas (CEPEUSP) e em uma oficina de arte no Centro de Convivência e Cooperativa (CECCO) do Pq. Previdência.

Os primeiros contatos da bolsista com Rafael se estabeleceram a partir das vivências no grupo *Ateliê Experimental*, no qual desenvolvia atividades artísticas e corporais. Com a perspectiva de finalização do grupo, um AT foi construído para retomar a participação de Rafael na Oficina de Arte do CECCO.

As primeiras experimentações do AT ocorreram no final de algumas sessões do

grupo, quando a bolsista o acompanhava até o ponto de ônibus a fim de oferecer suporte a sua entrada no coletivo correto para o retorno a sua casa, já que ele não era alfabetizado. Durante esses momentos conversavam sobre suas impressões e participações no grupo, os trabalhos desenvolvidos e as atividades de interesse comum. Aos poucos construíram uma relação em um enquadre aberto, onde os acontecimentos ocorridos no espaço coletivo concorriam para a construção e estabelecimento da relação acompanhante-acompanhado.

Rafael não sabia ler, entretanto sabia qual ônibus o levaria para casa. Sua conduta na escolha dos ônibus surpreendeu a bolsista que, aos poucos, pôde compartilhar dos códigos e linguagens singulares utilizados por ele para compor esta ação.

Todo o caminho para o CECCO foi guiado por Rafael, desde as orientações dos pontos, as solicitações de paradas e as descrições dos caminhos. Perguntei-me como ele fazia isso se não sabia ler? Experimentei a primeira das muitas desconstruções que ainda vivenciaria acerca de uma pessoa com deficiência, um outro constituído de experiências, vivências e marcas, iguais a mim. Era vivo e latente o fato de que os códigos que utilizamos para nos relacionarmos com a vida extrapolavam uma catalogação ou premeditação, eles existiam de diferentes maneiras [9].

Durante o caminho Rafael permanecia calado, prestando muita atenção ao deslocamento dos ônibus, e aos poucos foi possível compreender que essa postura se referia a um sentimento de responsabilidade assumida por seu posto de guia do trajeto, já que a bolsista desconhecia o caminho.

Winnicott denominou *holding* (ou sustentação)

a tudo que, no ambiente, fornecerá a uma pessoa a experiência de uma continuidade, de uma constância tanto física quanto psíquica, que exercida continuamente possibilitará uma integração interna facilitadora da compreensão dos acontecimentos vividos [2].

Dessa maneira, ao entender a dinâmica utilizada por Rafael para ir ao CECCO, a bolsista buscou estar atenta a todos os fatores que pudessem colocá-lo em uma situação de imprevisibilidade, fornecendo assim alternativa e subsídios para que respostas fossem construídas.

Partindo dos interesses de Rafael em circular por lugares novos da cidade e da necessidade de readequação de horários da bolsista, uma nova proposta se instaurou, possibilitando a inserção de novos mecanismos, fatores, espaços e discussões para a relação. Novas inquietações e percepções foram formuladas, a “renovação de gestos, ações e sentidos” foi desencadeada, constituindo assim um novo lugar de reflexão e formulação de teorias e pensamentos acerca dessas experiências singulares [2].

Andar por espaços culturais provocou a necessidade de pesquisa de exposições pela cidade de São Paulo, de caminhos a serem percorridos, de meios de transporte que deveriam utilizar e posteriormente deu lugar à realização de um registros e roteiro, por meio de desenhos, acerca das novas experiências.

A imprevisibilidade das novas situações e a circulação por diferentes lugares exigiram manejos e contribuições de ambas as partes, resultando em um fortalecimento do

vínculo e na construção de um espaço potencial onde os desejos, angústias e dúvidas encontravam espaços para serem expressos, questionados e muitas vezes solucionados.

As vivências proporcionadas pelos ATs resultaram em uma maior circulação e apropriação dos espaços, no fortalecimento dos vínculos com o CECCO e com as oficinas e na ativação de inúmeras áreas do viver, dando condições a Rafael de despertar para o cultivo dessas novas aquisições e, conseqüentemente, para novas formas de inscrições de sua subjetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências proporcionadas pelo projeto forneceram subsídios e disparadores para a composição e reflexão acerca da formação em TO e sua potencialização por meio do dispositivo do AT. Os manejos instaurados ao longo dos trabalhos impulsionaram a construção de importantes formas de pensar a clínica dentro dessa inusitada dinâmica.

As supervisões realizadas ao longo do processo com a docente e a terapeuta ocupacional responsáveis pelo projeto, juntamente com o estudo de textos relacionados ao AT e às relações vinculares entre terapeuta e paciente, possibilitaram às bolsistas a construção de reflexões e discussões pertinentes ao campo, de grande valia para a formação profissional nesta área e para o fortalecimento da TO na relação com o AT. As estudantes foram, assim, instrumentalizadas para lidar com questões relacionadas a: acessibilidade às redes socioculturais; construção de redes de pertencimento social; coordenação e desenvolvimento de grupos e ao próprio atendimento clínico de sujeitos em situação de vulnerabilidade.

Em meio ao acompanhamento das atividades cotidianas dos usuários, uma nova forma de aproximação e de entendimento se confeccionou. O acolhimento dos gestos criadores, das necessidades, dos desejos e do respeito em relação à temporalidade de cada um possibilitou uma vinculação potente e de qualidade, resultando em experiências significativas para todos os atores envolvidos.

Um ponto de complicação relevante apareceu durante o mapeamento de dispositivos de saúde, com a frequente recusa dos serviços para o atendimento dos que precisavam, o que, aliado às questões econômicas e familiares, dificultou a efetivação de outras possibilidades de participação para estes usuários. O trabalho realizado pode, por outro lado, levar a processos de composição com recursos do próprio território. Nesta perspectiva, a direção privilegiada pelo projeto não é a de incluir alguém numa configuração social hegemônica, mas sim de reinventar o próprio território da cidade e reabilitá-lo [1] em suas dimensões geográficas, política e cultural; dimensões que comportam ainda um plano micropolítico, aquele dos encontros e afetos que se constelam na relação com a atendente da lanchonete, com o motorista do ônibus, com o segurança de um museu, etc. Enfim, todo um conjunto de ações que provocam, instigam, convidam aos elementos constitutivos de um território e seus equipamentos de saúde e cultura a construir coletivamente novas formas de convivência com a diferença [6].

O projeto hoje se abre para novas perspectivas, no sentido de avançar em sua implementação, com a realização de um rastreamento das ações concluídas, construindo

um material de avaliação e consulta para o laboratório, que deverá ser divulgado em ambientes da TO como referência para outros estudantes e profissionais, iniciativa que compreende a confecção deste artigo.

Os desenvolvimentos futuros prevêem que os novos bolsistas se voltem ainda mais para colaborar na sustentação de projetos grupais na interface arte-saúde, com a pesquisa de formas de fomento à participação sociocultural de pessoas em vulnerabilidade social, buscando agenciar as demandas das pessoas atendidas nos planos artístico-cultural e clínico. Para a articulação desses planos o projeto deverá intensificar sua abordagem da hibridização entre arte, saúde e cultura. Pretende-se, ainda, criar um espaço para o aprofundamento em questões técnicas e teóricas deste campo, incluindo o estudo de políticas culturais para pessoas em vulnerabilidade e a compreensão e atuação no campo dos projetos culturais e da efetivação dos direitos.

Se a terapia ocupacional pode ser um dos lugares privilegiados do olhar para o fazer, talvez pudesse o ser do ponto de vista dos agenciamentos (...) É isto agenciar: estar no meio, sobre a linha de encontro de um mundo interior e de um mundo exterior (...) [5].

REFERÊNCIAS

- [1] CASTRO, E. D. **Atividades artísticas e Terapia Ocupacional**: construção de linguagens e inclusão social. 2001. 326fls. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- [2] CASTRO, E. D. Inscrições da relação terapeuta-paciente no campo da terapia ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 16, n. 1, p. 14-21, jan./abr., 2005.
- [3] CASTRO, E. D.; INFORSATO, E. A.; ANGELI, A. A. C.; LIMA, E. M. F. A. Formação em Terapia Ocupacional na Interface das Artes e da Saúde: a experiência do PACTO. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, Brasil, v. 20, n. 3, p. 149-156, dez., 2009.
- [4] HUN, C. F. Diário de Campo. **Arquivos do PACTO, Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte e Corpo e Terapia Ocupacional. Centro de Docência e Pesquisa em TO da USP**. São Paulo, 2011/2012.
- [5] INFORSATO, E. A. **Clínica Barroca**: exercícios de simpatia e feitiçaria. 2005. 169 fls. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- [6] LIMA, E. M. A.; YASUI, S. **Territórios e Sentidos**: espaço, cultura e cuidado na atenção em saúde mental. 2013. (Inédito)
- [7] LIMA, E. M. A.; INFORSATO, E. A.; LIMA, L. J. C. de; CASTRO, E. D. Ação e criação na interface das artes e da saúde. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 20, n. 3, p. 143-148, set./dez., 2009.
- [8] SAFRA, G. **A face estética do self**: teoria e clínica. São Paulo: Unimarco Editora, 2005.
- [9] WATANABE, B. H. Diário de Campo. **Arquivos do PACTO, Laboratório de**

Estudos e Pesquisa Arte e Corpo e Terapia Ocupacional. Centro de Docência e Pesquisa em TO da USP. São Paulo, 2011/2012.

- [10] WATANABE, B. H.; HUN, C. F. U.; INFORSATO, E. A.; LIMA, E. M. F. A. Cartografias do Acompanhamento Terapêutico em Terapia Ocupacional no agenciamento de redes à população atendida. *In: II Simpósio de Acompanhamento Terapêutico e Saúde Pública*, São Bernardo do Campo, 2012.

BÁRBARA HARUMI WATANABE graduanda do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) e bolsista do projeto entre 2011 e 2013

CAROLINA FENG UEI HUN terapeuta ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) e bolsista do projeto nos anos de 2011 e 2012

ERIKA ALVAREZ INFORSATO terapeuta ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) e responsável pelo projeto

ELIZABETH MARIA FREIRE DE ARAÚJO LIMA docente do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) e responsável pelo projeto – e-mail: beth.lima@usp.br

Animais Solidários: A Zooterapia como Extensão Universitária para Idosos Institucionalizados

Solidary Animals: The Zootherapy as University Extension to Institutionalized Elders

RESUMO

O objetivo deste estudo foi introduzir diferentes animais no cotidiano de idosos do asilo São Vicente de Paulo, na cidade de Pirassununga, estado de São Paulo, através do projeto *Animais Solidários* da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo, buscando identificar uma forma de melhorar a sociabilização, humor, cognição e bem-estar dos idosos institucionalizados. O envelhecimento populacional representa um grande desafio para os familiares, gestores de saúde e instituições que abrigam os idosos. Associado ao processo de envelhecimento, o declínio da capacidade física e cognitiva, a depender de sua extensão, pode levar o idoso a perda da independência, da autonomia e a uma profunda tristeza. Esse quadro gera, para muitos idosos e familiares, a necessidade de institucionalização. A internação, por sua vez, pode levar ao agravamento dessas condições, quando sob determinadas circunstâncias. Foi realizado estudo descritivo, exploratório e transversal, abrangendo trinta e quatro idosos de idade média de setenta e seis anos, de ambos os sexos. Foi evidenciado que 82% dos idosos já tinham tido experiência e convívio com os animais, 63% tinham vontade de possuir um animal, 84% dos funcionários foram favoráveis à visitação dos mesmos; porém, 81% não foram favoráveis à permanência dos mesmos na instituição. Encontrou-se também que 82,35% dos idosos (ou seja, vinte e oito) participaram de todas as atividades propostas, sendo constatadas melhoras quanto à socialização e aumento do afeto para com os animais e a equipe executora do projeto. O avanço dos estudos na área de Zooterapia e intervenções da interação homem-animal com idosos institucionalizados é um passo importante para tal campo do conhecimento, assim como uma maior atenção à leitura e interpretação das respostas dos idosos, uma vez que alguns deles apresentam déficits cognitivos.

Palavras-chave: Zooterapia. Idoso Institucionalizado. Interações. Bem-estar Animal.

GISELE DELA RICCI,
CARINA TORELLI,
MARIA DE FÁTIMA
MARTINS E THIAGO
WILLIAM DE ALMEIDA

Universidade de São Paulo.
Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, São Paulo, Brasil

ABSTRACT

This study aimed to introduce different animals into Vicente de Paulo Asylum quotidian, in Pirassununga city, State of São Paulo, through the lonely animals' project of veterinary medicine and husbandry faculty of São Paulo State University, researching identify the best way to improve socialization, cognition and well-being of elders. The aging of the population represent a great challenge to relatives, health managers and institutions that harbor the elders. Associated to aging process, the decline of physics and cognate ability associated to institutionalization takes the elder to an independent and autonomy loss and sometimes deep sadness. A description, exploratory and transversal, hugging elder of seventy six years-old average of both sex. It was used the Qui-square test (χ^2) to statistics analysis of related factors to empathy with animals and preference of species and the t student test that set the significance of different among the groups established in $p < 0,05$ of thirty four elder total that participated of the study, It was showed that 82% of the elders have already had experience and familiarity with animals, 63% had desire of having an animal, 84% of the employees were favorable to the visiting of the animals, but 81% did not accepted the permanence of the same. Were found as well that 82,35% participated of all proposed activities and improved the socialization and affection with the animals and the team that developed the project. Suggests others studies in the husbandry field and interventions oh human-animal with institutionalized elders, hence, biggest attentions must be done to reading and comprehension of elders answers, once them, presents cognate deficits.

Keywords: Husbandry. Institutionalized Elders. Interactions. Animal Well-being.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população brasileira é uma realidade com a qual nos deparamos nos dias atuais e representa um desafio para os familiares, gestores de saúde e instituições que abrigam idosos, conhecidas como asilos ou casas de repouso.

Ramos [11] indica que a velhice representa a fase da vida onde há uma alta incidência de doenças crônicas não transmissíveis, limitações físicas e perdas refletidas em isolamento social, declínio sensorial e cognitivo.

A evolução e as complicações do envelhecimento variam de acordo com a história de vida de cada idoso e se processam dentro do seu contato familiar e social, não dependendo somente, então, de aspectos biológicos, mas também de fatores como os ambientais, econômicos, culturais e sociais.

Frequentemente, a institucionalização de um idoso tem como primeira consequência o despertar de um sentimento de perda da autonomia, onde a liberdade pessoal, independência física e o controle das próprias decisões já não fazem parte da vida dos idosos, tornando-os dependentes de terceiros, ou das normas das instituições acolhedoras [2]. Essas características podem acarretar ao idoso o aumento da susceptibilidade a doenças e à tristeza profunda, respostas biológicas de múltiplas origens: física, psíquica ou social.

Algumas instituições, quando não regidas por princípios de humanização, dão ao

idoso a consciência do abandono acarretando sofrimento, o que gera sentimento de insegurança, medo, conflitos psicológicos e, também, a perda da vontade de viver.

O contato com um animal pode ser capaz de desencadear um relacionamento livre de estresse, com menor grau de julgamento e de expectativas. A troca de afeições entre humanos e animais não são sentimentos ambivalentes, diferenciando-se das relações entre humanos e seus membros da família, que frequentemente trocam sentimentos e estados emocionais, nem sempre positivos.

O animal aceita amar incondicionalmente, sem exceções ou considerações, sem analisar o estado de saúde, idade ou deficiências [5]; oferta amor, permitindo a sensação de amizade e bem-estar por contato [8].

A Zooterapia ou Terapia Assistida por Animais é uma ciência de característica multi, inter e transdisciplinar, na qual os animais são utilizados no alívio do estresse, da depressão, da sensação de abandono ou solidão e sociabilização do ser humano.

Essa ciência tem originado benefícios aos diferentes pacientes com problemas relacionados ao sistema cardíaco e imunológico: alívio do estresse, sendo facilitadora do desenvolvimento das habilidades cognitivas e sócioemocionais, auxiliando no combate à depressão, diminuindo a ansiedade e melhorando a coordenação motora, sendo, por exemplo, uma motivação para caminhar e realizar exercícios da fisioterapia [3].

Além da função de companhia e produção, os animais têm exercido, na medicina veterinária, a função de co-terapeutas e co-educadores dentro de uma expectativa de bem-estar e educação humanitária, através de uma educação holística. Essa ciência ainda está em processo de inserção nos meios acadêmicos, e o tema dos idosos institucionalizados tem sido pouco estudado.

A utilização dos animais como zooterapeutas pode ser compreendida pelo paradigma holístico de cuidados a saúde. *Holos* em grego significa saúde, integridade e totalidade. Desta forma, a filosofia holística de cuidado da saúde implica em enxergar cada pessoa como um todo integrado, consistindo em corpo, mente e espírito, o que torna o todo algo além do que simplesmente uma soma das partes [9].

O projeto de zooterapia para idosos institucionalizados, da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo, no campus de Pirassununga, constitui-se como um programa de cultura e extensão, seguido da pesquisa científica. A zooterapia enquanto ciência tem ampliado a visão holística dos futuros profissionais que veem a interação dos idosos com animais como importante catalisadora do bem-estar no cotidiano de idosos institucionalizados.

Diante disso, o presente estudo busca verificar existência de afinidade entre animais e idosos institucionalizados, e vislumbra a Zooterapia como nova ciência que pode vir a contribuir de forma holística para o bem-estar destes idosos.

MATERIAL E MÉTODOS

As práticas com idosos institucionalizados são desenvolvidas no asilo São Vicente de Paulo, uma realização do projeto *Animais Solidários* da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, apoiado pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de

São Paulo (PRCEU-USP), no campus de Pirassununga. O projeto também é contemplado pelas disciplinas de Zooterapia da graduação e pós-graduação da mesma unidade.

Participam do projeto de extensão trinta e quatro idosos institucionalizados, sendo dezoito do sexo feminino e dezesseis do sexo masculino, com idade média de setenta e seis anos. Dentre as atividades desenvolvidas está a realização de festas temáticas, como a de natal, carnaval, páscoa e dia do trabalho, com animais caracterizados de acordo com a data comemorada (Figura 1).

Figura 1 – Animal fantasiado para festa de Natal no asilo São Vicente de Paulo (à esquerda). Idoso interagindo com animal (à direita)



Foi realizada, com essa mesma população, pesquisa do tipo exploratório-descritiva e transversal, com abordagem qualitativa e quantitativa. Esse método foi escolhido por permitir aprofundamento dos objetivos a serem avaliados (idosos institucionalizados e afinidade com os animais) por meio da fala dos entrevistados (questionários qualitativos).

Nas visitas realizadas aos asilos, alguns materiais e dados foram recolhidos para análises estatísticas, como o teste do Qui-Quadrado (X^2). Para a análise estatística dos fatores relacionados à empatia com os animais e predileção por espécie foram utilizados, também, o Qui-Quadrado e o teste t-Student, que determinou a significância das diferenças entre os grupos estabelecidos em $p > 0,05$.

Foram utilizados e desenvolvidos formulários das atividades a serem desenvolvidas entre idosos e animais, sendo específicos para cada espécie envolvida. Etogramas foram feitos para a avaliação do comportamento e bem-estar dos animais.

Para a autorização de divulgação dos dados obtidos, foi assinado um termo de consentimento da diretoria da instituição para as visitas dos animais, autorização das fotos e a futura exposição dos dados recolhidos.

Participantes

O projeto atendeu, entre 2000 e 2013, aproximadamente duzentos e dez alunos de graduação e pós-graduação da disciplina de Zooterapia, sendo desenvolvidos seis trabalhos de conclusão de curso: dois em Zooterapia, um em Psicologia, um em Fisioterapia, dois em Enfermagem e nove em práticas profissionalizantes, sendo dezoito alunos de graduação da Bolsa Trabalho da Superintendência de Assistência Social (SAS-USP), dezenove alunos do programa *Aprender com Cultura e Extensão*, catorze alunos de pré-iniciação científica, seis alunos de pós-graduação do *Programa de Aperfeiçoamento de Ensino* (PAE) e cinco visitantes da Universidade de Mossoró, Rio Grande do Norte, além de doze integrantes de diversas ONGs dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio Grande do Norte.

Animais como cães, gatos, peixes, *escargots*, *hamsters*, camundongos *hair less* e pássaros são, também, participantes essenciais para o projeto. Esses animais são treinados para interagir por comando, pegar bolinhas ou brinquedos atirados, andar sobre áreas comuns sem apresentar perigo ou susto, permanecendo calmos e relaxados na presença de muitas pessoas. Os animais realizam visitas quinzenais aos asilos e interagem com os idosos, sendo monitorados pelos alunos e pela supervisora do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Do total de idosos assistidos pelo projeto, vinte e quatro tiveram e conviveram com cães antes da institucionalização; onze tiveram gatos; dezenove, pássaros; oito tiveram jabutis; doze, peixes; seis, coelhos; onze possuíam cavalos; quatro, vacas e um possuiu um caracol de jardim. Com isso, pode-se afirmar que 82% dos idosos já tiveram experiência e convívio com os animais, sendo que 63% relataram sentir vontade de possuir um animal perto para companhia. Ainda, 84% das pessoas que trabalham na instituição foram favoráveis à visita dos animais, porém 81% não foram favoráveis a sua permanência na instituição.

Observamos que a comunicação entre os idosos institucionalizados aumentou durante a visita dos animais, sendo que, dos trinta e quatro idosos, vinte e oito interagiram com os animais, incluindo contato físico: receber no colo, afagar, colocar e tirar a coleira, colocar uma gravata ou um laço, escovar, dar um petisco, caminhar com o jabuti, colocar a calosita no ombro e pintar as conchas dos *escargots* (Figuras 2 e 3).

Figura 2 – Idoso interagindo com o animal durante a festa de Natal (à esquerda). À direita, contato carinhoso entre idoso, animal e equipe do projeto.

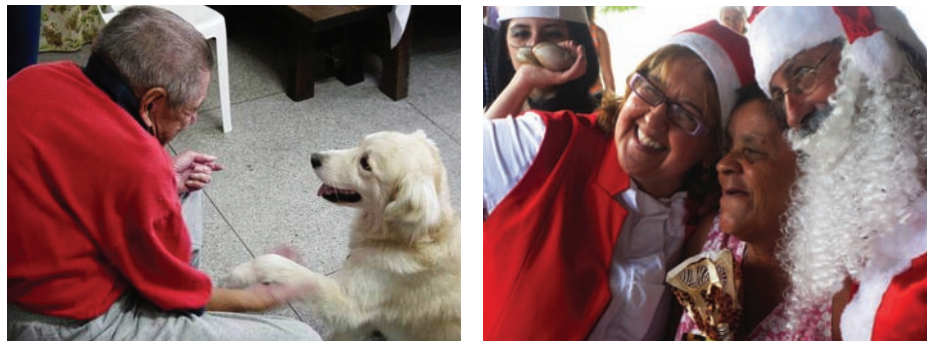


Figura 3 – Relação de afeto entre animais e idosa na instituição (à esquerda). À direita, atividade lúdica com conchas envolvendo aspectos cognitivos dos idosos.



Os benefícios da Zooterapia ou Terapia Assistida por Animais estão pautados na ética solidária e no trabalho de equipes multi, inter e transdisciplinares, interligando aspectos como idade, cultura e crença. Estudos mostram benefícios tangíveis da interação dos animais com grupos de pacientes geriátricos [6, 11]. No decorrer do desenvolvimento do projeto, foi observada uma comunicação positiva entre os idosos e a equipe do projeto durante a visita dos animais (Figuras 4 e 5).

Figura 4 – Contato do idoso institucionalizado, animal e estudantes na casa de repouso (à esquerda). À direita, atividade física realizada com idoso, jabuti e alunos na instituição.





Figura 5 – Atividade física realizada com a coordenadora do projeto e idoso institucionalizado (à esquerda). À direita, jogo da memória envolvendo alunos e idoso, atividade idealizada pelo projeto.

Uma significativa correlação foi observada entre a presença do contato físico e o estabelecimento de relacionamento ($r=0,45$ e $p=0,06$). Estes dados se repetiram em proporções coerentes, sendo que a maioria dos idosos (28/34) alcançou relacionamento e proporção positiva nas atividades propostas.

Lermontov [7] constatou em seu estudo que há a redução do uso de medicamentos, menos incidência de depressão e aumento da sobrevivência de enfartos com o uso da Zooterapia. Alguns dos idosos deste projeto relataram que a presença dos animais deixava os seus dias mais alegres. Um deles notificou que não recebia visita dos familiares, porém recebia carinho dos animais, melhorando a sua autoestima e alegria.

Notou-se que nenhum dos idosos que participaram da prática relatou que a atividade foi negativa, sendo que a maioria dos idosos, 81%, considerou a atividade relaxante, tornando-se mais otimista pela presença dos animais. Entre os idosos, 54% notificaram que tiveram animais no passado, 8% choraram de saudades dos seus animais e 18% sentiram que o mais importante benefício foi ter no animal um objeto para a projeção de sentimento.

Todos estes benefícios reportados pelos idosos foram correlacionados com a observação, validando a análise exploratória, descritiva e transversal. O teste t-Student, usado para comparar as médias relacionadas ao desempenho da interação com os animais, mostrou diferenças estatisticamente significativas: $p>0,05$ para os tipos de animais utilizados na pesquisa. Interessante citar que, quanto ao afeto demonstrado para com os animais, o cachorro, o peixe e as calopsitas foram os animais de preferência do sexo masculino e os cães e gatos, do sexo feminino. Uma maior média de sociabilização com a equipe foi evidenciada em relação aos idosos do sexo masculino quando comparados com as idosas do sexo feminino.

Entre os alunos envolvidos, 92% deles relataram satisfação na participação no projeto e 42% indicaram que as visitas dos animais têm a função de fazer repensar conceitos sociais como o abandono de familiares.

A metodologia utilizada revelou-se fidedigna para a população avaliada, porém maior atenção deve ser dada a leitura e interpretação das respostas dos idosos, uma vez que alguns deles apresentam déficits cognitivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo contribuiu para o conhecimento dos efeitos da Zooterapia no cotidiano de idosos institucionalizados. Neste contexto, sugere-se mais estudos a respeito deste tema, assim como o desenvolvimento e implementação de atividades lúdicas e recreativas com animais voltadas aos idosos institucionalizados. Para tanto, o treinamento e aproximação dos alunos universitários devem ser estimulados através de fomentos para que a extensão universitária possa ser usada como uma forma de acrescentar conhecimento e benefício direto e eficaz para a comunidade e, principalmente, esclarecer a importância do vínculo entre o idoso e os animais; temos, finalmente, que o projeto *Animais Solidários* em instituições de idosos tem sido um celeiro para a aprendizagem e aperfeiçoamento na formação de todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

- [1] ARRUDA, K. P. **Benefícios Psicológicos da Equoterapia**. Itatiba: USF, 2002.
- [2] ARGIMON, I. L., STEN, L. M. Habilidades cognitivas em indivíduos muito idosos: um estudo longitudinal. Rio de Janeiro, **Cadernos de Saúde Pública**, v.21, n.1, p. 64-72, 2005.
- [3] BERGAMO, G. O doutor é animal. **Revista Veja on-line**, São Paulo, 30 nov. 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/301105/p_066.html> Acesso em: 23 jan. de 2014.
- [4] BIGATELLO, G; FRESCA, P.; GALINBERT, M. **Animal-Assisted Therapy in a Nursing Home Alzheimer Special Care Unit**. In: INTERNACIONAL CONFERENCE ON HUMAN-ANIMAL INTERACTIONS, PEOPLE AND ANIMALS: TIMELESS RELATIONSHIP, 10, Glasgow, 2004. **Pet Partners**. Disponível em: <<http://www.deltasociety.org>> Acesso em: 29 jan. 2014.
- [5] FINE, A. **Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice**. 2. ed. San Diego, CA: Academic Press, 2006.
- [6] GAMMONLEY, J., & YATES, J. Pet projects: Animal assisted therapy in nursing homes. **Journal of Gerontological Nursing**, 1991, v.17, n.1, p. 12-15, 1991.
- [7] LERMONTOV, Tatiana. **Terapia com animais**. Disponível em: <<http://www.saudevidaonline.com.br/artigo74>> Acesso em: 10 fev. 2014.
- [8] MARTINS, M. F. et al A Zooterapia: uma possibilidade e contribuição como dispositivo terapêutico de idosos institucionalizados. In: XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA VETERINÁRIA, Santos, 2007. **Anais**. Santos: CONBRAVET, 2007.
- [9] NOGUEIRA, M.J.C. Abordagem holística. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 37, Recife, 1985. **Anais**. Recife: Associação Brasileira de Enfermagem, 1986, p. 508-526.
- [10] RAMOS, L. R. Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano. Projeto Epidoso. Rio de Janeiro, **Cadernos de Saúde Pública**, 2003, v.19, n.3, p. 793-798.

- [11] ZISSELMAN, M. H., ROVNER, B. W., SHMUELY, Y., & FERRIE, P. Pet therapy intervention with geriatric psychiatry patients. **The American Journal of Occupational Therapy**, 1996, v.50, n.1, p. 47-50.

MARIA DE FÁTIMA MARTINS docente do Departamento de Nutrição e Produção Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP), campus de Pirassununga, e coordenadora técnica do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Zooterapia, Helicicultura e Bem-estar Animal – e-mail: fmartins@usp.br

CARINA TORELLI bolsista do Fomento às Iniciativas de Cultura e Extensão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU-USP)

GISELE DELA RICCI mestranda do Programa de Pós-graduação em Nutrição e Produção Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP), campus de Pirassununga

THIAGO WILLIAM DE ALMEIDA zootecnista do Programa de Treinamento Técnico da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP), campus de Pirassununga

Projeto Carroceiro FZEA-USP*

The FZEA-USP Cart Horse Project

RESUMO

O projeto *Carroceiro*, coordenado e idealizado pela Profa. Dra. Renata Gebara Sampaio Dória, iniciou suas atividades no ano de 2011 e, desde então, vem contribuindo com muitas famílias de Pirassununga e região que utilizam equídeos para tração e não possuem condições financeiras para fornecer a seus animais uma assistência médica veterinária. O trabalho objetiva a conscientização dos proprietários dos equídeos utilizados em carroças (carroceiros) sobre: zoonoses, saúde pública, manejo, bem-estar e promoção da saúde desses animais, que são utilizados para tração como fonte de subsistência por muitas famílias. Além de promover a saúde e bem-estar dos animais, bem como a conscientização dos carroceiros, o projeto auxilia os estudantes de Medicina Veterinária da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA-USP) a desenvolver e aprimorar suas habilidades clínico-cirúrgicas no tratamento de equídeos, complementando a formação profissional.

Palavras-chave: Equídeos. Carroça. Extensão.

ABSTRACT

The *Cart Horse* Project, created and organized by professor Renata Gebara Sampaio Dória (DVM, MSc, PhD), started its activities in 2011. Since then, it has been contributing to several families from Pirassununga and nearby cities that cannot afford veterinary care to their animals. The project aims to provide substantial knowledge and awareness on zoonosis, public health, handling and animal welfare and health of the owners of traction horses used as a worker for these families. Besides promoting health and welfare of

DEMÉTRIO IAN
CARVALHO DE GODOY,
ROBERTO ROMANO DO
PRADO FILHO,
GUSTAVO MORANDINI
REGINATO,
YUMI DE BARCELOS
HAYASAKA E
RENATA GEBARA
SAMPAIO DÓRIA

Universidade de São Paulo.
Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos, São Paulo, Brasil

PAULO FANTINATO NETO

Universidade de São Paulo.
Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, São Paulo, Brasil

* Projeto vencedor na área de Ciências Biológicas e da Saúde do 3º Simpósio Aprender com Cultura e Extensão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP em 2013.

these animals, as well as raising awareness on the owners, the project also benefits the Veterinary Medicine students of Faculty of Animal Husbandry and Food Engineering of University of São Paulo (FZEA-USP) in order to develop and improve their clinical and surgical abilities on equine medicine, complementing their professional education.

Keywords: Equine. Cart. Social Project.

INTRODUÇÃO

O projeto *Carroceiro* da FZEA-USP iniciou suas atividades no ano de 2011 e, desde então, vem colaborando com diversas famílias de Pirassununga no que tange à relação homem-animal. É muito conhecida a relação entre equídeos e o homem nas diversas atividades, tais como animais de tração, lazer, *pet*, esporte, dentre outras. O projeto *Carroceiro* FZEA-USP busca, através dos atendimentos, dar suporte aos carroceiros de Pirassununga e região, pois estes não possuem condições financeiras para fornecer a seus animais uma assistência veterinária. Alunos dos cinco anos do curso de Medicina Veterinária participam do projeto, que, além da inclusão social dos proprietários de equídeos, busca promover e desenvolver atividades clínico-cirúrgicas para aulas práticas. Através do projeto, os alunos conseguem ter uma vivência real dos problemas que circundam parte da população carente de Pirassununga, tanto em relação às diversas patologias que acometem os animais, quanto à questão social, que mostra a grande marginalização e disparidade econômica dos carroceiros envolvidos no projeto.

Muitas famílias utilizam os equídeos para carregar materiais recicláveis, entulhos etc., o que garante ao grupo familiar uma renda que, muitas vezes, é o único meio de sobrevivência. Dada a grande importância desses animais, a atenção para seu bem-estar e saúde vem crescendo em todo o país, assim como a preocupação com a saúde pública. Existem muitos trabalhos de extensão universitária voltados a ajudar famílias que não possuem condições financeiras para promover a saúde de seus animais. Muitas universidades no Brasil possuem trabalhos semelhantes, que objetivam o auxílio de pessoas que utilizam animais de tração, como a Universidade Federal do Paraná (UFPR) [3], Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) [2], Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) [5], Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVAF-PE) [4], Universidade Federal de Alagoas (UFAL) [1], dentre outras; essas instituições vêm desenvolvendo trabalhos com animais de carroça de suas respectivas regiões, fazendo com que sociedade e universidade estejam ligadas para resolução de problemas, aprimoramento dos envolvidos no projeto, conscientização e inclusão social dessas famílias.

Os carroceiros percorrem longas distâncias com seus animais, mantendo, desta forma, contato com grande parte do município, potencializando a transmissão de zoonoses [3], doenças que podem ser transmitidas de animais para humanos e de humanos para animais. O projeto *Carroceiro* busca realizar um trabalho de conscientização dos carroceiros e promover medidas de profilaxia, tratamento e controle de diversas enfermidades, colaborando, desta forma, com a saúde dos animais e do homem.

Para participar do projeto, o proprietário deve comparecer à Unidade Didático Clínico Hospitalar da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da USP (UDCH-FZEA-USP) com seu animal de tração, em dias de atendimento, para se cadastrar. Na primeira consulta será coletado sangue do animal para exame hematológico e fezes para exame coproparasitológico, e este receberá uma dose de vermífugo. Após cadastramento, o carroceiro poderá solicitar atendimento médico veterinário para o equídeo em qualquer dia da semana, das 8h às 18h, para consulta e tratamento gratuitos. As ações constituem-se de intervenções veterinárias, dentre as quais: controle parasitológico; exame e tratamento ginecológico (diagnóstico de gestação e afecções do trato reprodutivo); exame e tratamento das afecções do trato gastrointestinal; exame e tratamento das afecções do sistema musculoesquelético; exame e tratamento das afecções do trato respiratório; exame e tratamento das afecções do sistema nervoso; exame e tratamento de feridas; exame e tratamento de doenças de pele; exames complementares laboratoriais, radiográficos e ultrassonográficos; realização de tratamentos clínicos e cirúrgicos (Figura 1); orientação em relação às condições sanitárias e de manejo dos animais.



Figura 1 – Cavallo de carroceiro em procedimento cirúrgico no centro cirúrgico da UDCH.

O projeto *Carroceiro* tem a finalidade de cumprir um papel social junto aos trabalhadores que possuem como fonte de subsistência cavalos e carroça da cidade de Pirassununga e, ao mesmo tempo, vem contribuir, e muito, com a formação dos futuros médicos veterinários, já que é um excelente material para que os acadêmicos e residentes possam desenvolver suas habilidades no que tange à clínica e cirurgia de equídeos. Também, visa proporcionar melhores condições de trabalho aos animais, uma vez que a promoção da saúde e bem-estar dos equídeos é o ponto chave do projeto.

OBJETIVOS

Através do projeto *Carroceiro*, objetivou-se:

1. Conscientizar os proprietários de equídeos de tração, utilizados como meio de subsistência, da cidade de Pirassununga, levando em consideração a saúde pública, saúde e bem-estar dos animais.
2. Promover a saúde e bem-estar dos equídeos de tração e, ao mesmo tempo, conseguir material para que alunos do curso de Medicina Veterinária possam desenvolver e melhorar suas habilidades clínico-cirúrgicas.
3. Orientar os carroceiros quanto ao manejo, bem-estar, nutrição e prevenção de doenças.
4. Orientar a população contra as possíveis zoonoses, tendo em vista a saúde pública.

MATERIAL E MÉTODOS

A conscientização dos carroceiros sobre doenças comuns a humanos e animais (zoonoses), principais doenças que acometem os equídeos, manejo alimentar, sanitário e bem-estar animal é realizada nos dias de atendimento do projeto, durante a avaliação dos animais. Os atendimentos ocorrem uma vez por mês, aos sábados, das 8h às 13h, e os alunos se organizam durante a semana para fazer plantões. Palestras com informações simples, objetivando o entendimento do conteúdo pelos proprietários dos equídeos (a cada sábado um tema diferente é abordado), fazem parte das atividades preparadas pelos estudantes. As instruções farão parte da cartilha do carroceiro, que se encontra em fase de desenvolvimento pelos membros do projeto e será composta por imagens e informações adequadas à realidade dos moradores de Pirassununga. Assim, pretende-se difundir o conhecimento técnico de maneira simples e objetiva.

Os animais atendidos também são utilizados nas disciplinas de *Clínica Médica e Cirúrgica de Equinos I e II*, oferecidas, respectivamente, no oitavo e nono semestre do curso de Medicina Veterinária, sendo de grande valor para que os alunos possam praticar suas habilidades clínico-cirúrgicas, supervisionados pelo professor. O atendimento dos equídeos, num primeiro momento, foi realizado na entrada do campus da USP em Pirassununga. Troncos de contenção eram instalados de maneira provisória, assim como uma tenda que era utilizada para proteger os medicamentos e equipamentos. Atualmente, os atendimentos ocorrem na Unidade Didático Clínico Hospitalar (UDCH) da FZEA-USP.

Nos casos em que os animais necessitam de tratamento médico prolongado e/ou cirurgias, estes são internados na UDCH e os alunos fazem todo o acompanhamento necessário (Figura 2), sem custos aos carroceiros. Animais que não necessitam de internação e estão em tratamento médico prolongado são atendidos em suas residências (Figura 3); os estudantes se dividem em grupos de plantão. O projeto também possui um telefone celular, através do qual os carroceiros podem obter informações, bem como solicitar atendimento em domicílio, em casos de emergências.



Figura 2 – Serviço de internação na UDCH da FZEA-USP.



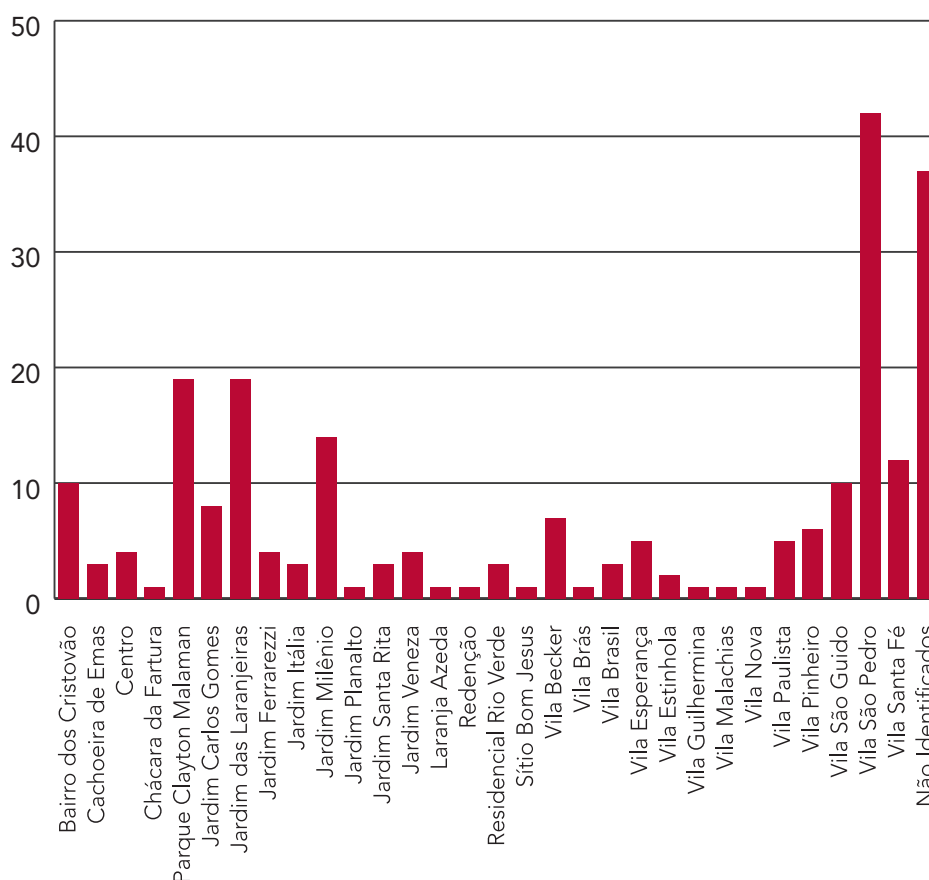
Figura 3 – Animal com suspeita de cólica sendo atendido em sua residência.

Outra atividade diretamente ligada ao projeto *Carroceiro* é a organização de palestras com temas específicos para que os alunos aprofundem seus conhecimentos em clínica médica e cirúrgica de equinos, levando em consideração a casuística na rotina de atendimento. Além do aprimoramento técnico, as palestras servem de subsídio para que o projeto consiga verba para a compra dos materiais e medicamentos utilizados nos atendimentos.

RESULTADOS

O projeto atende carroceiros de cerca de 30 bairros do município de Pirassununga (Gráfico 1), e estes, além de serem atendidos na UDCH da FZEA-USP em dias de atendimentos, também são assistidos em suas residências pelos alunos, acompanhados de um médico veterinário colaborador do projeto. Como explanado na seção anterior, os animais que necessitam de tratamento são atendidos diariamente pelos grupos do projeto, os quais se revezam em escala semanal de atendimento em domicílio e, em casos de internação, na UDCH.

Gráfico 1 – Número de Atendimentos por Bairro de Pirassununga



Representação gráfica da porcentagem de carroceiros atendidos por bairro de Pirassununga. Os dados foram coletados dos prontuários do projeto.

O projeto *Carroceiro* já realizou aproximadamente 230 atendimentos em seus quase dois anos de existência. Segundo levantamento epidemiológico, realizado através da coleta de dados dos prontuários do projeto, a maior ocorrência e queixa pelos proprietários de equídeos de carroça foram de alterações no sistema musculoesquelético

(42%). Estas alterações são de diversas naturezas, tais como fadiga muscular, lesão por material perfurocortante, doenças articulares, fraturas, alterações do casco, dentre outras. A segunda maior ocorrência foi de exames de rotina (17%), mostrando que os carroceiros usufruem dos serviços do projeto, mesmo o animal não apresentando nenhum sintoma ou doença. As doenças de maior ocorrência observadas foram adenite equina (7%), conhecida como garrotinho, e afecções do trato gastrointestinal (6%), onde os proprietários relatam quadros de diarreia. Muitos proprietários dos equídeos também utilizam os serviços do projeto para diagnóstico de gestação (6%). Os dados nos mostram que os animais utilizados para tração apresentam, em maioria, diversas alterações no sistema locomotor, consequentes do trabalho em excesso e exaustivo. Portanto, é fundamental que os carroceiros recebam auxílio técnico e educativo sobre manejo e bem-estar, para que seus animais tenham melhores condições de trabalho.

Outra iniciativa é a realização de medidas profiláticas com o uso de ecto (Gráfico 2) e endoparasiticidas (Gráfico 3) e vacinação contra raiva. Os animais atendidos recebem, gratuitamente, antiparasitários e imunização contra raiva. Todos os medicamentos utilizados no projeto são adquiridos por doação de empresas parceiras, com exceção da vacina antirrábica, que foi adquirida através de recursos oriundos das palestras realizadas pelo grupo.

Em 20% dos animais não foram administrados endoparasiticidas (vermífugos), pois seus proprietários já haviam realizado tal medida. Devido ao uso indiscriminado de antiparasitários, favorecendo a resistência a diversos princípios ativos, evita-se o uso em animais que já tenham recebido tratamento, pois, na maioria das vezes, os carroceiros desconhecem o princípio ativo já administrado. Nestes casos, realiza-se exame coproparasitológico e verifica-se a real necessidade de terapia medicamentosa.

Gráfico 2 – Controle de Ectoparasitas pelo Projeto *Carroceiro*

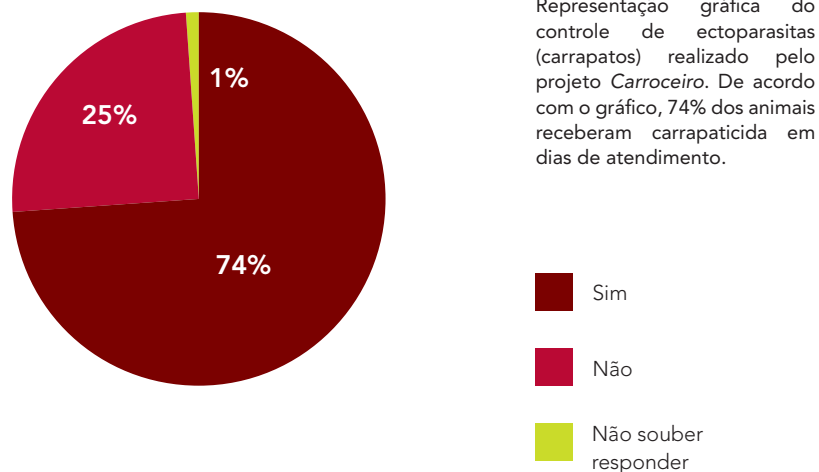
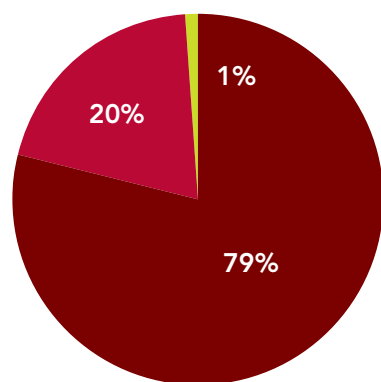


Gráfico 3 – Controle de Endoparasitas pelo Projeto *Carroceiro*

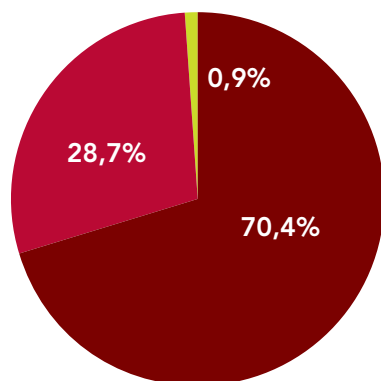


Representação gráfica do controle de endoparasitas (vermifugação) realizado pelo projeto *Carroceiro*. De acordo com o gráfico, 79% dos animais receberam vermífugo em dias de atendimento.



Dos 141 animais cadastrados até o primeiro semestre de 2013, 70% foram imunizados contra raiva (Gráfico 4) nos atendimentos realizados pelo projeto *Carroceiro*. Os animais que não receberam tal assistência pelo projeto já haviam sido imunizados ou foram atendidos quando o projeto ainda não dispunha dessas vacinas.

Gráfico 4 – Controle da Raiva pelo Projeto *Carroceiro*



Representação gráfica do controle de raiva realizado pelo projeto *Carroceiro*. De acordo com o gráfico, 70,4% dos animais cadastrados até o primeiro semestre de 2013, receberam imunização contra raiva.

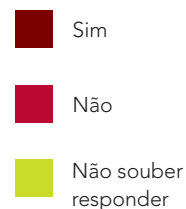




Figura 4 – Alunos realizando exame físico em equídeo de tração.

Os animais utilizados em aulas, nas disciplinas de *Clínica Médica e Cirúrgica de Equinos I e II*, auxiliam os estudantes a consolidarem os conteúdos abordados. Os alunos devem realizar o cadastro dos proprietários e equídeos, anamnese, exame físico (Figura 4), diagnóstico, tratamento, administração de medicamentos, acompanhamento desses animais e confecção de relatos de casos apresentados no fim do semestre, que fazem parte da avaliação prática da disciplina. É de fundamental importância que os estudantes acompanhem os animais do início ao fim de um tratamento, para que as consequentes alterações médicas e/ou cirúrgicas sejam observadas e consolidadas por eles próprios.

Os carroceiros também são orientados em relação ao manejo alimentar de seus animais, recebendo orientação sobre o fornecimento de sal mineral, ingestão de água, fornecimento de forragem adequada, concentrado, complexos vitamínicos, bem como sobre dietas que podem predispor o animal a apresentar quadros de cólica, diarreia, dentre outras afecções que possam comprometer o desempenho e o trato gastrointestinal. Os proprietários são orientados sobre bem-estar animal, com embasamento nas cinco liberdades: 1. Livres de medo e estresse, 2. Livres de fome e sede, 3. Livres de desconforto, 4. Livres de doenças e 5. Terem liberdade para expressar seus comportamentos naturais. Essas informações são fornecidas com cautela, sempre levando em consideração as condições socioeconômicas e culturais dos carroceiros, fazendo com que ao longo de vários atendimentos e diálogos, essas informações possam ser assimiladas e colocadas em prática pelos proprietários dos animais.

A equipe do projeto *Carroceiro* possui um grupo de estudos, no qual são apresentados e discutidos os casos atendidos pelos subgrupos formados em dias de atendimento. Além da discussão dos casos, o grupo organiza palestras com profissionais da área, objetivando o aprofundamento dos membros do projeto nas áreas de clínica médica e cirúrgica, comportamento, nutrição e bem-estar de equídeos. As palestras

também têm o objetivo de subsidiar o projeto; é cobrado um valor simbólico para reposição de materiais utilizados nos atendimentos. Os alunos são divididos também em funções como: patrocínio; divulgação; acondicionamento e controle de medicamentos; organização de prontuários, fichas de cadastramento, carteirinha de vacinação, contatos; dentre outras funções.

Além dos trabalhos de conscientização e inclusão, bem como a assistência médica veterinária do projeto, este também dispõe aos alunos materiais para a realização de outros trabalhos de extensão e também de iniciação científica, orientados por outros docentes. Os projetos realizados que envolvem diretamente os animais ou os próprios carroceiros, vinculados ao projeto *Carroceiro*, até o segundo semestre de 2013, são:

1. *Análise coproparasitológica de equinos da região de Pirassununga/SP e Estudo da presença de anticorpos anti-Neospora sp. da cidade de Pirassununga/SP*, ambos realizados pela graduanda em Medicina Veterinária da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA-USP) Amanda Ferraresi, orientada pela Profa. Dra. Trícia Maria Ferreira de Souza Oliveira;
2. *Estudo do perfil dos carroceiros e avaliação do bem-estar de seus equídeos de tração no município de Pirassununga/SP*, realizado pela graduanda em Medicina Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária de Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP) Marina Yumi Kanadani, orientada pelo Prof. Dr. Augusto Hauber Gameiro;
3. *Banco de dados em eletrocardiografia veterinária*, realizado pelos graduandos em Medicina Veterinária da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA-USP) William Rodrigo Sattin, Suelen de Carvalho e Amanda Prado, orientados pela Profa. Dra. Deise Carla Almeida Leite Dellova;
4. *Avaliação eletrocardiográfica de cavalos utilizados para tração de carroças*, realizado pela graduanda em Medicina Veterinária da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA-USP) Monalisa Medrado Bomfim, orientada pela Profa. Dra. Deise Carla Almeida Leite Dellova.

DISCUSSÃO

Durante a anamnese, informações sobre controle de parasitas e imunização contra raiva e tétano são transmitidas e, caso o animal não tenha recebido nenhum tipo de medicamento controle ou profilático, é, então, medicado e vacinado. Caso o equídeo tenha recebido algum antiparasitário que não esteja surtindo efeito, o princípio ativo é alterado, objetivando diminuir os riscos de resistência dos parasitas. O Gráfico 1 – *Número de Atendimentos por Bairro de Pirassununga* – nos mostra a abrangência do projeto *Carroceiro* no município de Pirassununga e sua importância na região. O trabalho do grupo a cada dia se torna mais conhecido e respeitado pelos carroceiros, fazendo com

que muitos animais sejam beneficiados, colaborando com os proprietários que não possuem condições financeiras para fornecer um atendimento veterinário aos seus animais.

De acordo com os dados coletados nos prontuários (Figuras 1, 2, 3 e 4) dos animais, observa-se, além da abrangência no município, que a maioria dos animais não havia recebido nenhum tipo de tratamento controle ou profilático contra carrapatos, vermes e raiva, mostrando a importância desta medida realizada pelo projeto. O uso de antiparasitários e da vacina contra raiva é de extrema importância para o controle de diversas patologias, bem como queda de desempenho destes animais que, em sua maioria, trabalham o dia todo. Dos 230 atendimentos realizados pelo projeto até o primeiro semestre de 2013, parte desses animais (25%) não recebeu tratamentos contra carrapatos, pois já havia sido medicada por seus respectivos proprietários.

Durante o atendimento, os alunos, em conversa com os proprietários, buscam informações relacionadas ao ambiente ao qual o animal é exposto, para que possam associá-los às diversas zoonoses e patologias existentes na espécie. Portanto, os carroceiros são orientados de acordo com as informações fornecidas aos alunos e veterinários do projeto. As informações sobre medidas de profilaxia e controle de determinadas doenças são sempre enfatizadas, tais como: vacinação antirrábica; vacinação antitetânica; uso de carrapaticida e vermífugo; condições de higiene, evitando a presença de roedores e outros animais que possam conviver no mesmo local que os equídeos; presença de outros animais domésticos na propriedade que possam ser vetores mecânicos ou hospedeiros intermediários de agentes infecciosos; dentre outras informações relevantes relacionadas à saúde do animal e pública.

CONCLUSÃO

A iniciativa do projeto *Carroceiro* beneficia diversas famílias carentes de Pirassununga, que, sem o apoio do projeto, não teriam condições de fornecer assistência médica veterinária aos seus animais, que são seu meio de subsistência. O projeto é muito importante para educar os proprietários e melhorar as condições de saúde dos equídeos, bem como colaborar com medidas profiláticas no que tange à saúde pública. O projeto contribui, também, com a formação profissional do estudante de Medicina Veterinária da FZEA-USP, pois, além do contato com os animais e da casuística de diversas enfermidades, os alunos podem acompanhar e vivenciar as dificuldades socioeconômicas dos carroceiros e, a partir disso, criar estratégias que visem auxiliar estas pessoas, desempenhando um papel social.

REFERÊNCIAS

- [1] ALAGOAS. **Projeto Carroceiro Vet Legal**. Universidade Federal de Alagoas. Disponível em: <http://grupequi-ufal.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=48&Itemid=65>. Acesso em: 15 jan. 2014.
- [2] MINAS GERAIS. **Correção Ambiental e Reciclagem com Carroceiros de**

- Belo Horizonte.** Universidade Federal de Minas Gerais Disponível em: <<http://www.vet.ufmg.br/pesqextensao/projetos/14/>>. Acesso em: 14 jan. 2014.
- [3] PARANÁ. **Zoonoses Ciências Agrárias** – Carroceiros. Disponível em: <http://www.zoonoses.agrarias.ufpr.br/?page_id=31>. Acesso em: 14 jan. 2014.
- [4] PERNAMBUCO. Universidade Federal do Vale do São Francisco. **Aspectos Pedagógicos e Didáticos do “Projeto Carroceiro” no Município de Petrolina: Bem Estar de Equídeos e Preocupação Social.** Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/viewFile/3725/2671>>. Acesso em: 15 jan. 2014.
- [5] SANTA CATARINA. Universidade do Estado de Santa Catarina. **Programa Amigo do Carroceiro – PAC.** Disponível em: <<http://amigodocarroceiro.cav.udesc.br/index2.php?id=10>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os alunos, professores, veterinários colaboradores, pós-graduandos, funcionários, ao Departamento de Medicina Veterinária, à Diretoria da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos, à Prefeitura do campus de Pirassununga e à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP pela dedicação ao projeto. Agradecemos também às empresas de medicamentos veterinários Lavisoo®, Vencofarma® e UCB Saúde Animal® por apoiarem e fornecerem os medicamentos (amostras grátis) utilizados no projeto *Carroceiro*.

DEMÉTRIO IAN CARVALHO DE GODOY graduando em Medicina Veterinária da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA-USP) – e-mail: demetrio.godoy@usp.br

ROBERTO ROMANO DO PRADO FILHO graduando em Medicina Veterinária da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA-USP) – e-mail: roberto.romano.filho@usp.br

GUSTAVO MORANDINI REGINATO graduando em Medicina Veterinária da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA-USP) – e-mail: gumorandini@hotmail.com

YUMI DE BARCELOS HAYASAKA graduando em Medicina Veterinária da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA-USP) – e-mail: yumi.hayasaka@usp.br

PAULO FANTINATO NETO pós-graduando do Departamento de Cirurgia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP) – e-mail: fantinato@usp.br

RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA professora doutora de Clínica Médica e Cirúrgica de Equinos do Departamento de Medicina Veterinária da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA-USP) – e-mail: redoria@usp.br

Instruções para o Preparo e Encaminhamento dos Trabalhos

Instructions for Preparing and Forwarding of Papers

A *Revista Cultura e Extensão USP*, publicação semestral da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, tem o objetivo de abrir espaço para pesquisadores e coordenadores de projetos de extensão desenvolvidos junto à comunidade discorrerem sobre seu trabalho nessa área, em uma linguagem acessível ao público.

Os trabalhos devem ser apresentados em língua portuguesa, devendo ser originais e inéditos, o que significa que não devem ter sido anteriormente publicados nem enviados simultaneamente para outra revista.

Os trabalhos submetidos à publicação somente poderão ser enviados em arquivo eletrônico, com formato *.doc*, para o e-mail revistacultext@usp.br, e não em papel. Deverá ser enviado também por e-mail o *Termo de concordância e cessão de direitos de reprodução*, disponível para download no site prceu.usp.br/revista.

PREPARAÇÃO

Os trabalhos devem ter, no mínimo, 10 e, no máximo, 15 páginas, incluindo as referências bibliográficas. O trabalho deve ser enviado digitado em espaçamento 1,5, utilizando fonte Times New Roman 12 e formato A4, com 2,5 cm nas margens superior e inferior e 2,0 cm nas margens direita e esquerda, enumerando-se todas as páginas.

Os artigos deverão ser divididos, sempre que possível, em seções com cabeçalho, na seguinte ordem:

TÍTULO DO TRABALHO

Deve ser breve e indicativo da finalidade do trabalho. O título deverá ser apresentado em português e em inglês.

AUTOR (ES)

Por extenso, indicando a titulação e a(s) instituição (ões) à (s) qual (ais) pertence (m). O autor para correspondência deve ser indicado com asterisco, fornecendo endereço completo, incluindo o eletrônico.

RESUMO EM PORTUGUÊS

Deve apresentar, de maneira resumida, o conteúdo, a metodologia, os resultados e as conclusões do trabalho, não excedendo a 200 palavras.

PALAVRAS-CHAVE

Observar o mínimo de 3 (três) e o máximo de 5 (cinco). As palavras-chave em inglês (*keywords*) devem acompanhar as em português.

RESUMO EM INGLÊS

Deve conter o título do trabalho e acompanhar o conteúdo do resumo em português.

INTRODUÇÃO

Deve estabelecer com clareza o objetivo do trabalho e trazer informações sobre as origens do projeto e público-alvo. Extensas revisões de literatura devem ser substituídas por referências aos trabalhos bibliográficos mais recentes, nas quais tais revisões tenham sido apresentadas.

MATERIAIS E MÉTODOS

A descrição dos métodos usados deve ser breve, porém suficientemente clara para possibilitar a perfeita compreensão e repetição do trabalho. Estudos em humanos devem fazer referência à aprovação do Comitê de Ética correspondente.

RESULTADOS

Deve trazer informações sobre os impactos do projeto na comunidade e ainda sobre os benefícios alcançados para o ensino e a pesquisa. Deverão ser acompanhados de tabelas e material ilustrativo adequado.

DISCUSSÃO

Deve ser restrita ao significado dos dados e resultados alcançados.

CONCLUSÕES

Quando pertinentes, devem ser fundamentadas no texto.

REFERÊNCIAS

A exatidão das referências é de responsabilidade dos autores. Elas devem ser organizadas de acordo com as instruções da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) NBR 6023 e ordenadas alfabeticamente no fim do artigo, incluindo os nomes de todos os autores.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos e outras formas de reconhecimento devem ser mencionados após a lista de referências.

CITAÇÕES NO TEXTO

As citações bibliográficas inseridas no texto devem ser indicadas por numerais arábicos entre colchetes. Quando for necessário mencionar o (s) nome (s) do (s) autor (es) no texto, a seguinte deverá ser obedecida:

- » Até 3 (três) autores: citam-se os sobrenomes dos autores;
- » Mais que 3 (três) autores, cita-se o sobrenome do primeiro autor, seguido da expressão latina *et al.*;
- » Caso o nome do autor não seja conhecido, a entrada é feita pelo título.

CITAÇÕES NA LISTA DE REFERÊNCIAS

A literatura citada no texto deverá ser listada em ordem alfabética e numerada de forma sequencial, usando numerais arábicos entre colchetes. A lista de referências deve seguir os padrões mínimos estabelecidos pela ABNT NBR 6023, de agosto de 2002, resumidos a seguir:

Livro no todo

Autor (es), título em negrito, edição, local, editora e ano de publicação.

- » Exemplo: BACCAN, N.; ALEIXO, L. M.; STEIN, E.; GODINHO, O. E. S. **Introdução à semimicroanálise qualitativa**. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

Livro em parte

Autor (es) e título da parte, acompanhados da expressão *in*, da referência completa do livro, do capítulo e da paginação.

- » Exemplo: SGARBIERI, V. C. Composição e valor nutritivo do feijão *Phaseolus vulgaris* L. *In*: BULISANI, E. A. (Ed.). **Feijão**: fatores de produção e qualidade. Campinas: Fundação Cargill, 1987. cap. 5, p. 257-326.

Artigo em publicação periódica

Autor (es) e título da parte, título da publicação em negrito, local (quando possível), volume, fascículo, paginação, data de publicação.

- » Exemplo: KINTER, P. K.; van BUREN, J. P. Carbohydrate interference and its correction in pectin analysis using the m-hydroxydiphenyl method. **Journal Food Science**, v. 47, n. 3, p. 756-764, 1982.

Artigo apresentado em evento

Autor (es), título da parte, seguido da expressão *in*:, título do evento, numeração do evento (se houver), local (cidade) e ano de realização, título da publicação em negrito, local, editora, data de publicação e paginação.

- » Exemplo: BRAGA, A. L.; ZENI, G.; MARTINS, T. L.; STEFANI, H. A. Síntese de calcogenoeninos. *In*: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 18, Caxambu, 1995. **Resumos**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Química, 1995. res. QO-056.

Dissertação, tese e monografia

Autor, título em negrito, ano da defesa, número de páginas, descrição do trabalho acadêmico, grau e área de conhecimento, a vinculação acadêmica, local e ano de aprovação.

- » Exemplo: CAMPOS, A. C. **Efeito do uso combinado de ácido láctico com diferentes proporções de fermento láctico mesófilo no rendimento, proteólise,**

qualidade microbiológica e propriedades mecânicas do queijo minas frescal. 2000. 80p. Dissertação (Mestre em Tecnologia de Alimentos) – Faculdade de Engenharia de Alimentos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

Trabalho em meio eletrônico

As referências devem obedecer aos padrões indicados, acrescidas das informações relativas à descrição física do meio eletrônico (disquete, CD-ROM, on-line etc.), de sua localização (em caso de páginas eletrônicas) e data de acesso.

- » Exemplo: SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Tratados e organizações ambientais em matéria de meio ambiente. *In*: **Entendendo o meio ambiente**. São Paulo: SMA, 1999. p. 7-14. Disponível em: <<http://www.bdt.org.br/sma/entendendo/atual.htm>>. Acesso em: 8 mar. 1999.

Legislação

Jurisdição e órgão judiciário competente, título, numeração, data e dados da publicação.

- » Exemplo: BRASIL. Portaria nº. 451, de 19 de setembro de 1997. Regulamento Técnico Princípios Gerais para o Estabelecimento de Critérios e Padrões Microbiológicos para Alimentos. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 22 set. 1997, Seção 1, n. 182, p. 21005-21011.

GRÁFICOS, IMAGENS E TABELAS

As tabelas deverão ser numeradas com algarismos arábicos, sempre providos de título claro e conciso. As tabelas deverão ser criadas no próprio arquivo *.doc* ou ser enviadas separadamente, por e-mail, em arquivo *.xls*.

Os gráficos deverão ser numerados com algarismos arábicos, sempre providos de título claro e conciso.

Se no trabalho houver a inclusão de imagem (s), esta (s) deverá (ão) ser enviada (s) em arquivo separadamente, com formato *.jpg* e com resolução de, no mínimo, 400 dpis, ou um megabyte (1MB) de tamanho.

OS ARTIGOS DEVEM SER ENVIADOS EM ARQUIVO ELETRÔNICO PARA O E-MAIL:

revistacultext@usp.br

TERMO DE CONCORDÂNCIA E CESSÃO DE DIREITOS DE REPRODUÇÃO (disponível para download no site prceu.usp.br/revista)

O (s) abaixo assinado (s) _____, autor (es) do artigo intitulado _____, declaram tê-lo lido e, aprovando-o na sua totalidade, concordam em submetê-lo à Revista Cultura e Extensão USP para avaliação e possível publicação como resultado original. Esta declaração implica que o artigo, independente do idioma, não foi submetido a outros periódicos ou revistas com a mesma finalidade.

Declaro (amos) que aceito (amos) ceder os direitos de reprodução gráfica para a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (PRCEU-USP), no caso do artigo com o título descrito acima, ou com o título que posteriormente venha a ser adotado para atender às sugestões de editores e revisores, seja publicado pela *Revista Cultura e Extensão USP* ou quaisquer periódicos e meios de comunicação e divulgação da PRCEU-USP. Em adição (necessário se existir mais que um autor), concordamos em nomear _____ como o autor a quem toda a correspondência e separatas deverão ser enviadas.

Cidade:

Endereço:

Data:

Nome (s) e assinatura (s):

Título	<i>Revista Cultura e Extensão USP</i>
Imagem da capa	Turma de Formandos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL-USP), 1966. Fonte: CAPH-USP.
Revisão de texto	Kellen da Silva Nascimento e Paulo César R. Filho
Revisão do inglês	Matheus Jung Vidigal Corrêa
Projeto gráfico	Ricardo Assis – Negrito Produção Editorial
Coordenação de	
Produção Gráfica	Verônica Cristo
Adaptação do projeto gráfico e	
editoração eletrônica	Guilherme Zorzella
Formato	205 x 265 mm
Fontes	Avenir e Arno Pro
Papel do miolo	Alta alvura 90 g/m ²
Papel da capa	Cartão Triplex 250 g/m ²
Número de páginas	144
CTP, impressão e acabamento	Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

O FUTURO DA "TERCEIRA MISSÃO" DA USP » CIDADANIA, PRIVACIDADE E VIGILÂNCIA NO MUNDO VIRTUAL » NOSSOS ÚLTIMOS 80 ANOS » INTERCÂMBIO CULTURAL APROXIMA BRASIL E MÉXICO » A EXPERIMENTOTECA DO CENTRO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL (CDCC-USP): 30 ANOS DE CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO DE CIÊNCIAS » CINEMA E VÍDEO EM ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DE SÃO PAULO: EXPERIÊNCIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM » A CIDADE OLÍMPICA DE PIRAJU (SP) – INTERFACE ENTRE O JORNALISMO ESPORTIVO, O MEIO AMBIENTE E A CANOAGEM » O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA MOGIANA: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E GESTÃO DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS DO PERÍODO CAFFEEIRO » REDE DE SUSTENTAÇÃO DO PACTO: ACOMPANHANDO PERCURSOS E AGENCIAMENTOS NO TERRITÓRIO DA CULTURA » ANIMAIS SOLIDÁRIOS: A ZOOTERAPIA COMO EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS » PROJETO CARROCEIRO FZEA-USP